

# A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

## INTRODUÇÃO

Lutero escreve desta epístola, em seu modo sucinto: “Nesta epístola são Paulo admoesta os coríntios que sejam harmoniosos na fé e na doutrina, e a atendam para que aprendam bem esta parte principal, a saber, que Cristo é a nossa salvação, em quem se ofende toda razão e toda a sabedoria.”<sup>1)</sup>)

O autor desta carta, como ele mesmo afirma, é o apóstolo Paulo, cap. 1. 1. Escreveu à congregação cristã de Corinto, na Acaia. Paulo viera a esta cidade por ocasião de sua segunda viagem missionária, At. 18. 1, pelo ano 50 ou 51 A.D. Corinto foi o centro comercial da Grécia, mas também um ninho de corrupção e de vício, “a herdeira duma história gloriosa, cujos monumentos de metal e mármore glorificavam os deuses da Grécia; a mãe de colônias prósperas e a capital da província romana da Acaia; um empório do comércio do mundo, em várias manufaturas enxameando com estrangeiros e com trabalhadores; uma rainha da moda e do luxo, fértil de voluptuosidade e de lascívia, sendo sua idolatria horrível obscenidade, em conseqüência do que os costume coríntio se tornou proverbial mesmo entre os gentios para designar o acme da vileza; folgando em riquezas e também cheia da miséria de escravos maltratados, também embriagada com o engano do saber e prazer da arte.”<sup>2)</sup>) Contribuíram para esta infama notoriedade, não somente o cosmopolitismo da cidade, mas também a consagração pública de desavergonhada impureza em seu culto a Vênus.

O Senhor, ainda assim, através do trabalho da pregação de Paulo, estabeleceu na cidade uma congregação cristã, At. 18. 7-11. Seus conversos foram principalmente gentios, que, em sua maioria, pertenceram às classes mais pobres da sociedade. Os membros da congregação de Corinto foram, um tanto, vassalos da arrogância e vaidade, em parte, devido ao seu ambiente, cap. 1. 17; 8. 1, e ainda não haviam conseguido livrar-se completamente do domínio dos pecados da incastidade, cap. 5. 1-11; 6. 15-18; 11. 21. Paulo, depois de ano e meio dum ministério notoriamente abençoado, continuou suas viagens, e o eloqüente Apolo logo tomou seu lugar em Corinto, At. 18. 24-19. 1; 1.Co. 3. 5-9. Mas no decurso dos próximos anos também vieram alguns cristãos de origem judaica para Corinto. Estes pertenciam a assim chamada classe dos judaizantes, orgulhavam-se de seu relacionamento com Pedro e Tiago, insistiam na guarda da lei cerimonial, colocavam em dúvida o apostolado de Paulo, e quanto ao mais espalhavam a semente da discórdia. Por causa disso, e porque muitos dos cristãos de Corinto indevidamente haviam sido influenciados pela eloqüência de Apolo, formaram-se facções na congregação que tenderam para romper todo o trabalho de Paulo, 1.Co. 10-12; 3. 3, 4, 21, 22; 4. 1-5; 11. 18. Como efeito, apareceram vários males, tais como a frouxidão na disciplina eclesiástica, cap. 5. 1-5; uma crescente indiferença em relação aos pecados da incastidade, cap. 6. 9, 13-19; membros da congregação trouxeram demandas de uns contra os outros às cortes civis, cap. 6. 1; a liberdade cristã foi ofendida com a participação em destas de idolatria, cap. 8; 10. 14-33; a celebração da Santa Comunhão foi profanada por meio de abusos e comportamento falto de amor, cap. 11. 17-22; os maravilhosos dons da graça não foram sempre usados para a edificação da congregação, caps. 12 e 14; alguns, até, negaram a ressurreição dos mortos, cap. 15. 12.

Estes fatos inquietantes foram levados à atenção de Paulo, em parte por meio de membros isolados da congregação de Corinto, 1.Co. 1. 11; 5. 1; 11. 18; 15. 12; em parte por meio duma carta que os cristãos de Corinto lhe haviam dirigido, que continha perguntas sobre o celibato, o divórcio, o comer carne dos sacrificios gentios, e o uso dos dons do Espírito. Todos estes fatos levaram Paulo a escrever sua Primeira Epístola aos Coríntios, o que ele fez em Éfeso, no fim dos seus três anos de viagem, cap. 16. 3, 4, 8, 19, provavelmente pela páscoa do ano 56. A carta foi,

---

<sup>1)</sup> Lutero, 14. 112.

<sup>2)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 9.

provavelmente, entregue à congregação de Corinto por meio de seus próprios representantes Estéfanos, Fortunato e Acaico, cap. 16. 15-17, ou por meio de Timóteo, 1.Co. 4. 17; 16. 10.<sup>3)</sup>

Os conteúdos da carta podem, de modo breve, ser resumidos no seguinte. Depois da saudação e dum agradecimento introdutório, Paulo exorta os coríntios à unidade, e reprova suas dissensões e facções. A seguir lhes dá algumas instruções sobre disciplina eclesiástica, repreendendo a indiferença com a qual os membros haviam permitido que em seu meio o escândalo continuasse sem ser repreendido. Mostra-lhes que não é permitido o litígio de cristãos uns com os outros ante as cortes gentias, e dá alguma informação sobre assuntos que dizem respeito ao sexto mandamento, e ao estado do matrimônio. Alonga-se sobre o dever de suportar o ministério, adverte contra a segurança carnal, destaca o decoro correto durante a celebração da Eucaristia. Instrui-os sobre o uso dos dons espirituais para a edificação da congregação, concede orientações sobre a coleta feita em favor dos cristãos pobres de Jerusalém, e conclui com recomendações e saudações.

## Capítulo 1

### Saudação E Agradecimento. 1.Co. 1. 1-9.

A saudação da carta: *V. 1) Paulo, chamado pela vontade de Deus, para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes, 2) à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: 3) Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.* Por causa das condições especiais que reinavam em Corinto na época da escrita da carta, Paulo acha necessário enfatizar seu ofício e o modo como entrou no ministério. Ele foi chamado, escolhido, como um apóstolo de Cristo Jesus. Ele não usurpou o ofício de modo presunçoso ou se meteu em sua santa administração, mas é um apóstolo em virtude dum chamado especial do próprio Senhor. E este chamado também lhe veio por meio da vontade de Deus. O chamado feito por Cristo e a vontade Deus atuaram em conjunto na concessão desta distinção a ele. Paulo menciona Sóstenes, não como um co-redator, mas como um cooperador, como uma testemunha e ratificador dos teores da epístola. Não pode ser confirmado se este homem é o mesmo como aquele mencionado em At. 18. 17. De qualquer modo, deve ter sido bem conhecido e estimado na congregação de Corinto como um irmão no Senhor.

A carta é dirigida à igreja de Deus que havia em Corinto. Este título é um termo bíblico para um povo divinamente reunido, dum povo chamado ou escolhido por Deus para ser Sua nação peculiar, e, como diz Crisóstomo, é uma designação, não de desarmonia, mas de unidade e harmonia. Existia em Corinto uma parte da imensa congregação de Deus, daqueles que Ele escolheu como os Seus. Nota: Ainda que Paulo estivesse plenamente certo que a igreja, no sentido real da palavra, é invisível, ele, ao se dirigir aos coríntios, caridosamente assume que todos eles são membros da verdadeira congregação do Senhor, ou seja, da comunhão dos santos. Isto é mostrado pela explicação: Aos que são santificados em Cristo Jesus, aos escolhidos santos. Paulo se dirige aos que foram santificados, afastados do mal e da corrupção de sua época e de sua cidade pelo poder do evangelho, por meio do qual receberam redenção pelo sangue de Cristo, o perdão dos pecados. Foi assim que foram consagrados em Cristo Jesus, foi assim que foram escolhidos como santos. Todos os cristãos têm a união com Cristo bem como a salvação por meio de Cristo. Participam na justiça e na santidade de Cristo, por meio do chamado do Senhor no evangelho, ao qual rendem obediência por meio da fé. Incidentalmente, os cristãos de Corinto sempre devem estar cômnicos do fato que, como membros do corpo de Cristo, estão unidos nesta união tão íntima, ou seja, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sendo Cristo o Senhor e a Cabeça da igreja em todo lugar e estando nesta relação todos aqueles que O aceitam como seu Redentor. Invocar o nome do Senhor é um ato de culto divino que provém da fé

---

<sup>3)</sup> Fuerbringer, *Einleitung in das Neue Testament*, 54-56.

Nele, é uma expressão da fé que foi operada pelo Espírito Santo. O verdadeiro cristão conhece a Cristo como sendo o verdadeiro Deus, e conseqüentemente lança sua confiança Nele e confiantemente espera socorro Dele como sendo o Deus onipotente, cap. 12. 3; Rm. 10. 12, 13; 15. 6. Aqui está enfatizada a universalidade, a verdadeira catolicidade, da igreja cristã.

O apóstolo inicia sua carta com sua saudação costumeira: Graça a vós e paz de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. A graça e a misericórdia de Deus em Cristo Jesus é o maior dom dos cristãos. Está lhes assegurado o favor de Deus por meio da redenção de Jesus. E, por isso, têm eles também paz com Deus, a paz do perdão e da reconciliação, o que inclui o bem-estar espiritual em todas as condições da vida, a serena certeza, a sublime percepção de estar reconciliado com Deus, a certeza que temos Deus como nosso amigo e de agora em diante só podemos esperar Dele bondade e bênçãos. Nada que seja diferente nos pode sobrevir, visto que Deus é nosso Pai e que Ele deseja unicamente o nosso maior e mais nobre bem, e visto que Jesus Cristo, que é Aquele que assumiu a nossa natureza humana e se tornou o nosso substituto, agora está exaltado para ser Senhor sobre tudo. Ele é a cabeça de sua igreja, e ao fim deseja conduzir todos os cristãos à glória eterna. Notamos que aqui Jesus é novamente, como em outros lugares em todos os escritos de Paulo, unido com o Pai.

O agradecimento do apóstolo: *V. 4) Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; 5) porque em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo o conhecimento; 6) assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós; 7) de maneira que não falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo; 8) o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irreprensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. 9) Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor.* Paulo, apesar das condições que sabia existirem em Corinto, precisa irromper num hino de agradecimento. A ferida causada pelos coríntios ingratos foi grande, mas sua ingratidão não acabou com a gratidão de Paulo.<sup>4)</sup> O modo como Paulo lida com o caso é, incidentalmente, um belo exemplo da fé do amor em todas as coisas. Pois esteve certo que a violação que se achava na congregação de Corinto não representava o que eram as suas personalidades espirituais, e que sua admoestação de fato seria aceita. Foi por isso que ele se empenhou em sempre dar graças a Deus, bendizendo e louvando Sua misericórdia, a respeito dos cristãos de Corinto, por causa da graça de Deus que em Cristo Jesus lhes fora dada. Este foi o motivo do seu contínuo dar graças. Eles, apesar de suas muitas fraquezas, ainda eram cristãos. De Deus eles haviam recebido a graça, e ainda a tinham, como um dom gracioso em Cristo Jesus, um dom que fora tornado possível por meio dos méritos de Cristo em seu ofício vicário. “Este também é um tesouro indescritível do cristão, que ele tem como certa, antes de tudo, a Palavra de Deus que é a palavra da graça e conforto eterno, batismo, o sacramento, a compreensão dos dez mandamentos e da fé, e, além disso, também um refúgio e uma certeza certa que Ele, quando em angústia o invocamos, nos ouvirá.”<sup>5)</sup>

Agora o apóstolo mostra a maneira em que a graça de Deus concedeu provas práticas de seu poder vivificante nos corações dos cristãos de Corinto: Que Nele vós fostes enriquecidos, abundantemente abençoados em todos os pontos, a saber, em toda palavra e em todo o conhecimento, que significa, em toda doutrina e em todo o entendimento. “É isto o que Paulo chama ‘ser rico’, primeiro ‘em toda doutrina ou saber,’ que é a sublime compreensão espiritual da palavra que diz respeito à vida eterna, isto é, o conforto da fé em Cristo; também sobre a invocação e oração a Ele. E ‘em todo o conhecimento,’ isto é, conhecimento e distinção corretos de toda vida física externa e da existência sobre a terra.”<sup>6)</sup> Havia chegado a conhecer o caminho da vida eterna, haviam sido encheidos com as riquezas da certeza da graça de Deus, e estavam ricos em todo o conhecimento, haviam alcançado um discernimento da verdade da doutrina de Deus em sua aplicação à vida diária, às suas necessidades em todas as condições da vida. E a abundância deste

<sup>4)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 16.

<sup>5)</sup> Lutero, 12. 904.

<sup>6)</sup> Lutero, 12. 905.

conhecimento e desta compreensão que havia neles foi em proporção da sua aceitação da verdade do evangelho: Assim como, ou, visto que, o testemunho de Cristo foi em vós confirmado. O testemunho de Cristo, as boas novas de Deus sobre Seu Filho, “a verdade firmemente estabelecida da mensagem” da salvação, lhes fora tornada certa. Haviam-se fixado, haviam permanecido firmes na verdade, seus corações haviam sido fundamentados, Hb. 13. 9, estavam certos de sua realidade. Assim como então, também hoje este estabelecimento no testemunho de Cristo é algo que sua graça realiza, um objetivo de oração, e uma causa para gratidão.

Outro resultado deste dom da graça e do estabelecimento sólido do evangelho: Assim que já não sois mais deficientes em qualquer dom. Os cristãos de Corinto não tinham falta, não sentiam a deficiência, de qualquer dom da graça de que precisassem para a edificação, ou por meio do qual eram qualificados para o trabalho do Senhor por meio de instrução, de exortação, de governo, de serviço. Nenhuma congregação dos dias antigos excedeu a de Corinto na variedade de suas dotações e na satisfação que sentiram, cap. 12. 7-11. os cristãos desta cidade gentia estiveram de posse de tão ricas dotações, enquanto ansiosamente esperavam a vinda, a final revelação, do Senhor Jesus Cristo. Receberam a rica dotação dos dons da graça e os usaram em benefício da obra de Cristo, mas, ao mesmo tempo, seus corações voltavam em ansiosa antecipação de sua final redenção, Fp. 3. 20; Tt. 2. 13; 2.Pe. 3. 12. É assim que o coração de cada cristão está cheio de saudade pelas mansões lá do alto. Mas é exatamente este mesmo fato que o leva a trabalhar em favor do Mestre enquanto é dia, ou seja, usar todos os seus dons e suas habilidades em favor de seu Senhor. Enquanto isto ele sabe que Cristo o Senhor nos confirmará, estabelecerá, até o fim, ao fim do mundo, caso este estiver tão próximo, ou ao fim de nossa vida, caso o Senhor nos chamar para casa antes de Seu último grande dia. Mas, não importando quando o dia há de vir, ele nos estabelecerá para que sejamos inculpáveis, para que não sejamos mais culpados e sob a condenação, Rm. 8. 33, 34. Esta irrepreensibilidade dos cristãos não consiste em quaisquer méritos da parte deles, mas no fato que a justiça de Cristo lhes é imputada pela fé, Fp. 3. 9. A razão para a aceitação de cada cristão por Deus e, desta forma, só colocada no lado de Deus e de Cristo, e é feita a promessa, com uma certeza absolutamente certa, que ela será a base duma feliz esperança, Jo. 10. 27, 28.

O motivo final e mais profundo para Paulo ter esta esperança pela salvação dos cristãos de Corinto é a fidelidade de Deus: Deus é fiel, por quem sois escolhidos à comunhão de Seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor. Nossa esperança da vida eterna se baseia sobre a promessa de Deus, que não pode mentir, Tt. 1. 2. A nossa eleição à comunhão de Seu Filho, Jesus Cristo, ou seja, o fato que por Ele fomos trazidos à fé e temos assim sido unidos com Ele nesta maravilhosa união espiritual de membros de seu corpo, é o penhor que ele nos deu que nossa salvação está firme em suas mãos. Cristo não é ninguém menos do que o Primogênito dentre muitos irmãos, e nós somos com Ele co-herdeiros das bênçãos da vida eterna. Contudo, visto que ele é também o nosso exaltado Senhor, nossa comunhão com Ele nos investe de Sua atual grandeza e certifica a manifestação de sua glória em nós. Desta forma a fé do cristão não alguma esperança vaga e incerta, mas se baseia sobre o fato que recebeu a garantia da final consumação de suas esperanças. “Aquilo que Cristo começou em nós, e o que Ele já nos deu, nisto Ele certamente vos conservará até o fim e por toda a eternidade, caso vós não cairdes voluntariamente dela e a lançais de vós; pois Sua palavra e promessa, que vos foram dados, e Sua obra, que Ele realiza em vós, não é mutável como o são a palavra e a obra das pessoas, mas firme, certa e uma verdade divinamente inamovível. Então, visto que tendes uma tal vocação divina, consolai-vos nela e apegai-vos firmemente nela.”<sup>7)</sup> “Testifica outrossim a Santa Escritura que Deus, o qual nos chamou, é tão fiel que, quando ‘começou boa obra em nós’, há de conservá-la também até ao fim e completá-la, se nós mesmos não nos desviarmos deles, mas guardarmos firme até o fim a obra principiada, para o que ele prometeu sua graça.”<sup>8)</sup>

---

<sup>7)</sup> Lutero, 12. 911.

<sup>8)</sup> Conc. Tric. *F.C. S.D. XI*, 32.

A Repreensão Da Desarmonia. 1.Co. 1. 10-16.

V. 10) *Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa, e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.* 11) *Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós.* 12) *Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo.* 13) *Acaso Cristo está dividido? foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?* 14) *Dou graças a Deus porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio;* 15) *para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome.* 16) *Batizei também a casa de Estéfanos; além destes não me lembro se batizei algum outro.* O apóstolo imediatamente pega o problema que o levou a ter a mais profunda preocupação com a congregação de Corinto, que foi a da ameaçadora divisão. Roga-lhes, ou exorta-os, ou de modo muito sério pede-lhes, como irmãos, ou seus irmãos e irmãos entre si. Ele baseia sua súplica sobre o fundamento mais sadio: Pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Porque o nome e a honra de Jesus estão envolvidos em todas as ações dos cristãos, estes precisam ser dobradamente cautelosos em todas as suas ações. A santificação do nome de Deus e de Cristo exige que sempre o guardemos imaculado e sem defeito, por meio de qualquer comportamento que possa trazer-lhe desgraça. Por isso Paulo pede aos coríntios que todos falem a mesma coisa. O acordo e a harmonia de sentimento entre eles devia ser tal que em sua confissão de fé antes as pessoas sempre seja expressa a sua concordância. Ele requer que haja unidade para a união, em que não fossem ignoradas as fundamentais diferenças por meio de confissões ambíguas. Não ajudará a causa da harmonia cristã, se um credo propositalmente é fraseado de tal modo que inclui ou admite tanto a interpretação verdadeira como a falsa. Paulo, porém, quer unidade e união com base na verdade, para que entre eles não se encontrem rachaduras, rupturas, cismas e assim divisões, apesar do fato que estejam unidos numa organização exterior. Em vez disso, deviam estar bem e seguramente ajustados, consolidados num laço de perfeita unidade, no mesmo discernimento e no mesmo julgamento. Deviam ter a visão correta de todas as circunstâncias e condições que pertencem ao crer e à obra da igreja, e deviam apoiar seu julgamento sobre a compreensão correta; deviam formar sua opinião com base na disposição certa, At. 4. 32. Assim como os cristãos são um só coração na fé, assim deviam ser uma boca na confissão. Mas onde há brechas de opinião, devidas a ensino e raciocinar falos, lá está fora de questão uma perfeita inter-relação e harmonia de todos os membros da igreja.

Agora o apóstolo cita as testemunhas sobre cujo testemunho baseia sua admoestação: Pois foi-me informado sobre vós, meus irmãos, pelos de Cloe que entre vós há contendas pessoais. Paulo recebera informação conclusiva, lhe tendo sido revelado como algo realmente ocorrido. Cloe pode ter sido uma escrava liberta que pertencia à congregação de Éfeso, mas também bem conhecida em Corinto, tendo estado os membros cristãos de sua casa nesta última cidade e trazido sua notícia baseada em conhecimento direto. Foi assim que o apóstolo soube a respeito das disputas pessoais que ameaçavam dividir a congregação de Corinto. Pois a diferença de opinião no esforço de estabelecer várias opiniões, naturalmente, levaria a contendas. Notamos que Paulo, apesar destas condições, ainda se dirige aos cristãos de Corinto como seus irmãos. O apóstolo diz em que consistiram estas brigas: Eu, porém, me refiro a isto, minha referência é a este fato, que cada um de vós individualmente diz: Eu sou de Paulo; mas eu de Apolo; porém eu de Cefas; porém eu de Cristo. Assim como os coríntios o viam nas escolas de seus filósofos gentios, assim eles, em seu orgulho e presunção o aplicaram à congregação cristã: formaram partidos e se nomeavam conforme o nome de seu mestre favorito. Paulo fora o primeiro mestre do evangelho em Corinto, e, como apóstolo dos gentios, pregara com todo o fervor a verdade. A seguir viera Apolo, cujos brilhantes dons de oratória haviam impressionado muito à grande maioria dos membros. Estes dois mestres, sem sombra de dúvida, enfatizaram a universalidade da graça de Deus em Cristo, exatamente como lhes era preciso para ganhar os gentios para Cristo. Mas logo a seguir vieram os mestres judaizantes, que queriam que as cerimônias judaicas fossem introduzidas em todas as congregações, argumentando, provavelmente, com grande veemência quanto à plausibilidade de

sua posição. E enquanto a disputa esteve no auge, um número de membros que ainda não havia sido envolvido formou seu próprio partido, tomando, com falsos ares de santidade, seu nome do próprio Cristo e verdadeiro discipulado aos outros. O efeito de toda briga foi que cada partido requeria para si a única posição correta e desprezava aos demais. Notamos que a característica do movimento foi a adesão a certo nome e era movido unicamente por um espírito de partido. Nenhum deles se levantou em defesa de algum princípio fundamental da verdade cristã.

Por isso, Paulo assume o assunto em termos muito precisos: Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós, ou fostes vós batizados em nome de Paulo? Um Cristo dividido significa um Cristo apropriado em partes, para cada um seu pedaço separado, neste caso em quatro partes, exigindo cada facção a verdade Dele para si mesmo. Esta, certamente, não pode ser a intenção dos cristãos de Corinto. Certamente em suas disputas não levaram este ponto em consideração! E o pensamento principal na mente de Paulo é que seus cristãos se haviam tornados membros da igreja pela fé na cruz, na expiação operada por Cristo, que lhes fora selada no batismo. A própria idéia que Paulo pudesse ter sido crucificado por eles é monstruosa aos seus olhos. É totalmente repugnante diante de sua indignidade a idéia como se qualquer um deles tivesse sido batizado no seu nome e assim consagrado à sua pessoa. “O fato que Paulo coloca seu nome no lugar dos demais demonstra quão francamente ele se opõe a todo este espírito partidário, e quão humildemente esteve ansioso que o nome de Cristo não fosse prejudicado pelo seu próprio.”<sup>9)</sup> Não suportou ser colocado num pedestal por aqueles que não confiaram somente no evangelho que ele pregava, mas se orgulhavam da duvidosa distinção que se chamarem pelo nome de um tal excelente pregador.

É com um sentimento de alívio que Paulo exclama: Agradeço a Deus que não batizei a qualquer de vós, se não só Cristo e Gaio, para que ninguém possa dizer que fostes batizados em meu nome. Contudo, também batizei aos da casa de Estéfanos. Mas, até onde saiba, não batizei a mais alguém, vv. 14-16. Porque a própria sugestão dum espírito partidário baseado sobre a preferência pessoal lhe parece horrível e abominável, Paulo considera como uma verdadeira dispensação da providência que em Corinto tão poucas pessoas haviam sido batizados pessoalmente por ele. Crispo e Gaio estiveram entre os seus primeiros convertidos, At. 18. 8; Rm. 16. 23, e agora quando recordou o assunto, lembrou-se também que Estéfanos e toda sua casa haviam recebido de suas mãos o batismo. Mas de outra ocasião não se recordou. E este fato, a saber que tão poucos haviam sido batizados pessoalmente por ele, é-lhe fonte de muita satisfação, para que ninguém, nas condições reinantes em Corinto, apresentassem contra ele a acusação que tivera a intenção de liga-los a sua pessoa e formar um partido chamado pelo seu nome. Notamos a profunda humildade do grande apóstolo, bem como seu cuidado na expressão, para que não se colocasse sob suspeição.

*A Sabedoria De Deus E A Loucura Das Pessoas.* 1.Co. 1. 17-31.

A loucura da mensagem do evangelho: *V. 17) Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. 18) Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. 19) Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos entendidos.* Aqui o apóstolo caracteriza seu ofício, tentando tornar claro aos cristãos de Corinto em que, realmente, consiste o ministério do evangelho. Afirma de si mesmo que Cristo não o enviou, ou seja, não lhe confiou o ofício dum apóstolo, com o objetivo de batizar, mas de pregar o evangelho. O encargo deste ofício já incluiu a tarefa de administrar o batismo, Mt. 28. 19. Incidentalmente, contudo, a vocação principal do apóstolo foi a tarefa da pregação, de dar testemunho de Cristo e de Sua expiação. Os sacramentos não têm eficiência sem a palavra do evangelho. “Sem a palavra de Deus a água é simples água e não batismo.” A função da administração do sacramento do batismo segue da função maior que é a pregação do evangelho.

---

<sup>9)</sup> Neander, em Sange-Schaff, *1. Corinthians*, 30.

“Na ordem de pregar está, deste modo, inclusa a ordem de batizar, que aquele que é chamado a pregar o evangelho também é autorizado a batizar. Do outro lado, porém, não é qualquer um que está autorizado e tem o direito de batizar com isso também esteja qualificado e chamado a pregar. Paulo, por isso, pode dizer que Cristo não o enviara a batizar, sem com isso desmerecer o batismo como um meio da graça.... A verdadeira execução do ato do batismo, que pertence ao ofício da igreja, Mt. 28. 19, o apóstolo a podia ter realizado por meio de outros, At. 10. 48; cf. Jo. 4. 1, 2, que neste serviço foram as mãos tanto dele como de Cristo. Mas a pregação do evangelho, por meio da qual tão somente é tornada possível a prática do batismo, eles podiam realmente levar avante em comunhão com outros, mas pessoalmente não podiam omitir esta função ou permitir que fosse feita só por meio duma delegação dos pregadores, visto que foram trombetas na imensidão de nações e luzes nas trevas.”<sup>10)</sup>

Agora o apóstolo mostra, primeiro do lado negativo, em que consiste o verdadeiro poder do evangelho: Não em sabedoria de falar, não na argumentação retórica da filosofia grega, para que a cruz de Cristo não seja declarada nula, sem efeito. O vestuário da pregação da cruz nas palavras da sabedoria do homem, ou seja, empenhar-se por grande efeito oratório no ensino de suas gloriosas verdades, não é não só não prestar um serviço à mensagem de Cristo, mas é uma fraude que provoca os maiores prejuízos ao evangelho, e opera dano. Ele descarta o poder da mensagem divina. O verdadeiro pregador do evangelho não deve postar-se ante sua congregação, primeiramente, como um orador treinado na arte da retórica, mas como uma testemunha de Cristo, trazendo testemunho dos grandes fatos nos quais e pelos quais Deus escolheu revelar-se às pessoas. A doutrina da justificação do pobre pecador, cujo centro é a cruz do Calvário, é despojada de sua eficiência por meio de qualquer ostentação deliberada de arte, que dá destaque à pessoa do mensageiro e não à sua mensagem. Em muitas igrejas modernas, em que o evangelho de Cristo é também mencionado ocasionalmente, o verdadeiro prazer intelectual ou estético que os ouvintes sentem sob a influência da eloquência astuta do pregador tenderá por descartar a influência do evangelho contida na mensagem do ministro.

Agora Paulo suporta esta afirmação com um fato da experiência: Pois a palavra da cruz é loucura para os que estão perdidos, mas a nós que estamos salvos é o poder de Deus. A palavra da cruz inclui o relato de tudo quanto na cruz foi feito em favor de todo o mundo, a mensagem da reconciliação por meio da obra realizada na cruz pelo Redentor. E esta palavra, este evangelho, é aos que estão perdidos, que estão no caminho para a perdição, loucura. Considerá-la assim é a causa de estarem perdidos. Sua razão, sua sabedoria, toda sua natureza corrupta se ergue em oposição a uma mensagem que é tão absolutamente oposta à vaidade do homem, e, por isso, não recebem o benefício de seu penhor. Do outro lado, porém, esta mesma palavra é aos que estão salvos, isto é, a nós cristãos, o poder de Deus para a salvação. Os cristãos de todos os tempos sabem que a cruz de Cristo, a mensagem do Cristo crucificado, é um poder salvador. Na afirmação dos fatos da redenção do mundo está o poder do evangelho, e não em qualquer modo que o homem os apresente. E o próprio fato que experimentamos o poder da palavra em nossos próprios corações nos é um testemunho de nossa salvação.

Paulo aduz uma passagem da Escritura em favor do fato que a sabedoria do mundo, quando considera loucura a pregação do evangelho, pavimenta o caminho pela sua própria condenação:

Destruirei a sabedoria do sábio, e frustrarei o entendimento do prudente, Is, 29. 14. Da mesma maneira como a sabedoria dos judeus, que se apoiava rasa astúcia, nos dias do profeta foi desfeita, assim como a hipocrisia e a devoção de boca deles deu em sua rejeição, da mesma forma será frustrada a sabedoria daquele que acredita ser, conforme o padrão do mundo, excepcionalmente rico em entendimento, e que com arrogante desdém despreza a mensagem da cruz. “O saber gentio e judeu, unido na rejeição do evangelho, vêm a uma bancarrota semelhante. E Paulo pinta da história sacra uma advertência severa.”<sup>11)</sup> E a advertência precisa ressoar hoje de modo tão forte como sempre o foi na história do mundo.

<sup>10)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8, 55,

<sup>11)</sup> *Expositor's Greek Testament*, 2. 767,

A loucura de Deus é mais sábia do que as pessoas: *V. 20) Onde está o sábio? onde o escriba? onde o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? 21) Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação. 22) Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; 23) mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; 24) mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. 25) Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.* O apóstolo destaca numa série de perguntas retóricas a tolice da sabedoria do mundo, quando comparada com a sabedoria de Deus. Onde está o sábio? Onde estão todas as pessoas sábias do mundo com toda a sua sabedoria? O que aconteceu com os gregos estudados cujo saber foi tanto elogiado? Nem ao menos um pecador foi convertido por meio dos ditos e escritos deles. Nenhuma pessoa alcançou a salvação seguindo suas regras de conduta. Onde está o escriba? O que é verdade sobre os filósofos gentios também é verdade sobre os legisladores judeus e sobre sua insistência sobre a justiça das obras. Tudo isto é sabedoria falsa e precisa esvaecer diante da luz da verdade eterna. Onde está o questionador, o orador deste mundo? As pessoas que se orgulhavam de sua capacidade de mover multidões como bem o queriam, levá-las a aceitar como certo e verdadeiro a tudo que sua astúcia lhes ditasse, desvaneceram com os demais que estiveram tomados de orgulho intelectual. Deus acaso não tornou tola a sabedoria do mundo? No que dizia respeito a Deus, a sabedoria do mundo sempre foi tolice, mas por meio da revelação da sabedoria divina no Cristo crucificado Deus julgou e condenou como tolice a sabedoria deste mundo. Todo o conhecimento que foi adquirido pelas pessoas desde o começo da história, toda sabedoria que está depositada em mentes incontáveis, todas as idéias dominantes da vida presente, sim, tudo é vão onde falta a sabedoria celeste, e totalmente tola quando tenta medir a sabedoria de Deus ou julgar coisas espirituais. Este pensamento é exposto mais pelo apóstolo: Pois, visto que na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus por meio de sua sabedoria, foi do agrado de Deus salvar por meio da loucura da pregação aos que crêem. Ainda que o mundo inteiro proclame a sabedoria de Deus, ainda que Sua sabedoria está evidente tanto nas obras da criação, Rm. 1. 20, como na história do mundo, At. 17. 26, a sabedoria do mundo fracassou de alcançar o conhecimento Dele apesar de todo este plano sábio do governo do mundo. Porque os filhos do mundo se tornaram sábios em suas próprias imaginações, por isso seus corações torpes foram obscurecidos, Rm. 1. 21. Deus não pode ser abarcado por meio da especulação intelectual, e todos os esforços dos filósofos para penetrar no mistério de Sua essência obrigatoriamente levam a uma humilhante derrota. E visto que, desta forma o mundo, com sua própria sabedoria, não conseguiu chegar ao caminho da sabedoria de Deus, agradou a Deus, conforme o bom agrado de Sua vontade, conduzir as pessoas ao conhecimento de Sua essência por meio dum caminho que é o único que pode levar a Ele a humanidade pecadora. Deus traz salvação aos cristãos por meio daquilo que é considerado a loucura da pregação, por meio da proclamação duma mensagem que pelos sábios deste mundo é ridicularizada como algo não racional. “A graça soberana de Deus resgata a malograda sabedoria do homem: Deus salva por fé.” Exatamente pela mesma mensagem que ao homem parece a essência da loucura, Deus remove a presunção de sua opinião humana e opera a fé em seu coração.

O meio como a sabedoria do mundo anula seus próprios fins é exposto mais extensamente pelo apóstolo: Vendo, pois, isto, enquanto os judeus exigem sinais e os gregos buscam por sabedoria, nós, ao contrário, pregamos o Cristo crucificado, vv. 22, 23. Foi uma característica dos judeus que não as satisfaziam com as palavras da salvação, mas exigiam sinais do céu, Jo. 4. 48; Mt. 12. 39; 16. 4. Sua orgulhosa justiça própria não foi facilmente levada a se dobrar sob a obediência de Cristo. Aos gregos foi característico que buscavam sabedoria. Queriam alguma prova filosófica, alguma demonstração lógica, queriam ser convencidos por argumentos racionais, At. 17. 19; Cl. 2. 4. Por isso a pregação da cruz esteve em enfático contraste a ambas as posições. Não oferecia sinal algum, mas meramente se referia ao maior dos milagres que jamais foi visto no mundo, que foi a morte e a ressurreição de Cristo, Jo. 2. 18, 19. Ela não trouxe qualquer argumento racional, mas simplesmente pregou o Cristo crucificado, anunciando a salvação da humanidade por

meio dos méritos Daquele por morreu por todos. Este Cristo é realmente, tal como pregado nesta mensagem, uma ofensa, um escândalo, aos judeus. Não querem aceitá-lo, e por isso sua perversidade os leva a tropeçar sobre Ele como sobre um obstáculo colocado em seu trilho. E aos gentios em geral, não só aos gregos, Cristo Salvador é loucura. Tal como a redenção é ensinada nas Escrituras ela lhes cheira à demência. Mas aos que são chamados por Deus, que são escolhidos por ele em sua grande misericórdia, que ouviram e que levaram em consideração o chamado por graça, seja que pertençam à nação dos judeus ou dos gregos, nós pregamos Cristo como o poder de Deus e como a sabedoria de Deus. O poder mais alto e mais glorioso de Deus, que é o do seu amor expiador e salvador, foi manifestado em Cristo. Cristo é o poder de Deus para conosco, porque Ele é o Libertador do pecador, da morte e do diabo, porque Ele nos obteve eterna justiça e salvação, porque por meio de Seu Espírito nos envia poder do alto. Além disso Cristo é a sabedoria de Deus para conosco, porque Nele temos a plenitude da compreensão espiritual, porque ele pode iluminar a escuridão de nossa cegueira natural, porque ele pode encontrar caminhos e meios para nos conduzir seguro por meio de todas as tentações e dos perigos deste mundo para as mansões eternas lá de cima. E é comprovado ainda melhor: Pois aquilo que em Deus é loucura, aquilo que à razão do homem parece um plano louco e fraco, que é a redenção do mundo por meio da morte de Seu Filho na cruz, isto é mais sábio do que o homem. Todas as tentativas das pessoas para achar um caminho para a misericórdia de Deus e à benção do céu são um fracasso total. Mas o caminho escolhido por Deus, que é tolo e irracional conforma a opinião das pessoas, se demonstrou como o caminho sábio e exequível. E aquilo que é fraco em Deus, aquilo que pareceu à razão tola do homem totalmente falto de força e eficiência intrínseca, isto é mais forte do que as pessoas. Este é o mistério da cruz, que Cristo, quando morreu, venceu a morte, que com Seu render o espírito a morte foi tragada pela vitória, 2. Co. 13. 4. O mesmo poder maravilhoso foi concedido à igreja de Cristo, visto que ela, em meio a todas as tentações e tribulações, quando parece que ela só pode ser vencida e levada à morte, tem a divina força que a sustém e conduz para a vitória final.

A situação dos cristãos: *V. 26) Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; 27) pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; 28) e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; 29) a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus. 30) Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, 31) para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.* A operação miraculosa do poder e da sabedoria de Deus é exemplificada no caso dos próprios cristãos de Corinto. O apóstolo apela que considerem, contemplem com seriedade, o próprio chamado deles, o ato do chamado de Deus tal como afetou as próprias fileiras deles. Em seu meio não havia muitos sábios conforme a carne, sendo que, conforme as pessoas deste mundo classificam a sabedoria, poucos eram de alta categoria. Não havia muitos poderosos, ou que eram influentes nos negócios públicos em virtude de sua riqueza ou posição social ou política. Não havia muitos de nobre nascimento, ou pessoas que por nascimento eram da classe aristocrática. “Poucas pessoas intelectuais, poucos políticos, poucos da classe melhor dos cidadãos livres abraçaram o cristianismo.” Há um forte contraste: Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar as pessoas sábias. Os cristãos não só são considerados fanáticos, mas de mentes estreitas e faltos do uso apropriado de suas faculdades de raciocínio. E Deus escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes. Aqueles cuja multidão tende a fazê-los nada menos do que um poder no mundo para em muitos casos controlar os destinos das nações. E as coisas ordinárias e vis do mundo e as coisas totalmente desprezadas Deus as escolheu, e as coisas que são como não existentes aos vaidosos do mundo, as coisas das quais absolutamente nada vale, que não são consideradas para, de qualquer modo, terem algum valor, e para torná-las nulas e vãs, para privá-las de qualquer valor, ou seja, que valham algo no julgamento das pessoas. Os cristãos têm sido, desde o tempo de Cristo, desprezados, debochados, ignorados e ainda assim eles ostentaram um poder de ação e persistência que não podem ser explicados por suposições racionais. O despotismo dos imperadores romanos, a tirania da

hierarquia medieval, a inquisição da contra-reforma, todos os assim chamados resultados certos da, falsamente assim chamada, ciência moderna não foram capazes de derrotar e considerar obsoleta a verdade e o poder do evangelho. Pois é o poder de Deus que vive na mensagem da salvação, e é a Sua graça que escolheu aos humildes. E por isso carne nenhuma, nenhum ser humano, pode jactanciar-se ante Deus. Não interessa quão sábios, quão poderosos e quão ricos sejam os filhos do mundo, perante Deus não se podem gloriar de nada. Pessoa nenhuma pode dizer que, por seus próprios esforços, ou por sua própria posição, ou valor contribuiu com algo para o sucesso do evangelho. E por isso os vasos da misericórdia também nunca serão tentados para alegar sua própria aptidão e sua própria disposição para aceitar as riquezas da sabedoria e do poder de Deus. Isso tudo é misericórdia da eleição de Deus, da graça do chamado de Deus.

Este pensamento é, em conclusão, enfatizado pelo apóstolo: Dele, devido à Sua graça e ao Seu poder, vós estais em Cristo Jesus. Deus nos trouxe à comunhão de Seu Filho, Jesus Cristo, porque somos filhos espirituais de Deus por Sua graça, e a vida que temos recebido de Deus está fundamentada em Cristo. E o apóstolo mostra o que tudo inclui esta vida em Cristo: Que foi tornado da parte de Deus para nós sabedoria e justiça, bem como santificação e redenção. Tudo isto nos foi revelado pela fé e se tornou propriedade nossa por meio da fé. Pela graça de Deus Cristo se nos tornou sabedoria: em e por meio Dele nos foi exposto o mistério do divino plano da salvação. Nele e por meio Dele conhecemos Deus como nosso caro Pai e por meio deste conhecimento temos vida eterna, Jo. 17. 3. Mas tudo isto não teria sido possível se não ocorresse o fato que Cristo se tornou a nossa justiça bem como a nossa santificação, 2. Co. 5. 21; Jr. 23. 5; Mt. 3. 15; Gl. 2. 16, 17. Foi nos imputada a justiça de Cristo bem como Seu perfeito cumprimento da lei, e, assim, toda a nossa vida está consagrada a Deus, e cada ato é um feito de divina realização. “Pois esta é a lei de Cristo. Para este fim foi ele posto como nosso Senhor, para que pudesse fazer tais obras entre as pessoas, justificá-las, e reconduzi-las ao temor a Deus, á inocência e obediência, dos quais caímos no paraíso por meio da astúcia da serpente.”<sup>12)</sup> Estes grandes benefícios são nossos pela fé, não porque a fé em si mesma seja uma obra que mereça as bênçãos, mas porque ela aceita a promessa feita por Deus, que Ele por causa de Cristo seria gracioso para aqueles que nele crêem.<sup>13)</sup> Pois Cristo é a nossa redenção. Pagando a remissão de seu sangue e sua vida Ele nos resgatou para sempre do poder de todos os nossos inimigos. Ele teve em si o poder para executar este resgate, 1.Ts. 1. 10; Cl. 1. 13, 14. É assim que temos Nele a garantia da glória da vida eterna que nos será revelada no último dia. E tudo isto é dom amável da graça de Deus, excluindo toda jactância de nossa parte, toda alegação de mérito ante Ele. Aquele que se gloria deve gloriar-se no Senhor, Jr. 9. 23, 24. Realmente deve haver jactância e louvor, mas somente em Deus, como o autor de nossa salvação. Lá onde a pregação da cruz revela a misericórdia e a justiça de Deus, a sabedoria e o poder de Deus, lá só uma jactância deve ser ouvida, a saber, esta: Toda glória seja a Deus nas alturas!

## Capítulo 2

### A Pregação Da Cruz. 1.Co. 2. 1-16.

A pregação de Paulo não na sabedoria do homem: *V. 1) Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria. 2) Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. 3) E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. 4) A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva da sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, 5) para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus.* Paulo louvou a pregação da sabedoria da cruz. Agora ele mostra o interesse que ele, tanto como pessoa como em seu ofício, tem nesta mensagem: E também eu, irmãos, quando vim a voz, não vim conforme a excelência do falar ou de sabedoria. Como acontecera com os cristãos de

---

<sup>12)</sup> Lutero, 3. 1967.

<sup>13)</sup> *Conc. Trigl. 147.* (Cf. Liv. Conc. 123.86)

Corinto, aos quais Paulo transmitira o chamado do Senhor, assim também acontecera com o próprio Paulo. Eles, conforme o padrão do mundo, não eram sábios ou influentes, e com isto estiveram de acordo que, igualmente, ele veio sem sabedoria ou poder, tendo nada outro em mente do que o bem-estar espiritual deles e a glória e o louvor do Senhor. Quando ele chegou a Corinto, não procedeu sua entrada ante deles conforme a expectativa que as pessoas do mundo pudessem ter tido a seu respeito, sendo aclamado como um homem de conquistas singulares na oratória e no saber, contando com eles na busca dum sucesso brilhante na grande metrópole. Nem por um momento esteve ele despercebido do fato que ele estava proclamando aos coríntios o testemunho de Deus. Este foi o tema, o conteúdo de seu testemunho e mensagem. E isto, por sua própria natureza, excluía uma exibição de eloquência e saber. O testemunho a respeito de Cristo e de Sua salvação é sumamente excelente unicamente quando é comunicado em toda sua simplicidade.

E, por isso, Paulo anuncia como seu lema: Pois resolvi nada saber entre vós exceto Jesus Cristo e Ele crucificado, ou: Não julgo ser certo e próprio que eu dê qualquer evidência de sabedoria entre vós mas unicamente o que diz respeito a Jesus Cristo no auge de Sua obra vicária, como um condenado criminoso no Calvário. Paulo, muito bem, poderia ter-se aproveitado dos resultados de seus estudos, seu saber na área da história, na teologia natural, nos sistemas filosóficos, para exibi-la ante os coríntios. A tudo isso, porém, descarta como algo inadequado e que não serve ao evangelho. Havia só uma coisa que ele quis expor aos olhos dos coríntios: a crucificação de Jesus Cristo como o substituto de todas as pessoas. “Que modo de jactar-se é este, que ele escreve saber nada senão o Cristo crucificado? É um assunto tal que não há razão ou sabedoria humana que o possa compreender, nem mesmo aqueles que já estudaram e aprenderam o evangelho. Pois é um saber que é poderoso, secreto e oculto, e se parece com nada, porque Ele foi crucificado e, tendo entregue todo poder e força da divindade, pende na cruz como um homem miserável e abandonado, parecendo mesmo que nem Deus lhe quer ajudar. São Paulo diz: Somente Dele sei falar e pregar.”<sup>14</sup>) Jesus Cristo, o Salvador crucificado, é o único assunto que não pode ser esgotado na pregação do evangelho.

Tendo sido anunciado o tema, ou o assunto, da pregação, Paulo se descreve como um pregador entre seus ouvintes e leitores: E eu vim e estive entre vós numa situação de fraqueza e de medo e de muito tremor. As experiências que Paulo recém tivera em Tessalônica, Beréia e Atenas, antes de vir a Corinto, haviam-no levado a um estado de profundo desalento, At. 18. 5, 9. E neste caso sua fraqueza espiritual aumentara por causa de seu corpo fraco e enfermo, 2.Co. 10. 1, 10, que muitas vezes foi torturado por moléstias, Gl. 4. 13, 14. Ele esteve sempre cômico de sua carência de recursos para a tarefa à sua frente, e por isso se via atribulado com hesitação e timidez, 2.Co. 7. 5. Parece que Paulo, ao menos em sua própria opinião, não tinha a aparência audaz e imponente personalidade que impressiona a audiência em geral. Mas o próprio fato que veio sem quaisquer expedientes artificiais serviu para realçar tanto mais fortemente a qualidade da mensagem da qual fora encarregado. Pois sua fala e seu pregação não foram em palavras persuasivas de sabedoria. Não usou quaisquer argumentos filosóficos, nem quaisquer truques de oratória. Não tentou tornar plausível sua mensagem pela perícia do treinado dialético. Mas a mensagem do apóstolo, bem por meio deste sinal, foi feita em demonstração do Espírito e de poder. O Espírito Santo deu, pela pregação de Paulo, a demonstração de Seu poder, 1.Jo. 5. 6. Foi o poder de Deus que foi trabalhado nos corações dos ouvintes quando Paulo trouxe sua mensagem, 1.Ts. 1. 5. É desta forma que a demonstração do Espírito é contrastada com a de meras palavras, e a demonstração de poder com a da mera argumentação lógica. E o propósito de Paulo, ao agir assim, foi que a fé dos ouvintes não se baseasse sobre a sabedoria das pessoas, mas sobre o poder de Deus. A fé deles se teria apoiado sobre areia traiçoeira, se meramente tivessem dado assentimento aos seus ensinamentos como um belo sistema filosófico que contivesse muito que tornasse plausível. Por isso a intenção de Paulo foi dirigir os corações e as mentes deles unicamente ao poder de Deus, pelo qual haviam sido chamados, congregados, iluminados e santificados, para que só Deus fosse glorificado na fé dos

---

<sup>14</sup>) Lutero, 11. 685.

coríntios. Foi assim que Paulo descreveu o começo de seu ministério em Corinto em relação a seu procedimento, seu tema, sentimento pessoal, método e alvo.

O evangelho é em si a verdadeira sabedoria: *V. 6) Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; 7) mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; 8) sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória; 9) mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam.* O apóstolo dissera que seu evangelho é loucura conforme o padrão deste mundo, mas, enquanto isto, sempre faz sentir que ele é sabedoria, sabedoria de Deus: Ainda assim é sabedoria aquilo de que falamos entre os adultos, entre os maduros, entre os que estão qualificados para entendê-lo, que são os que crêem. Deixe que os outros depreciem e condenem a pregação da cruz como algo não racional, como total absurdo, aqueles cujos corações e mentes o Espírito preparou pela fé estão habilitados para compreender sua sabedoria indescritível. Mas ele não é alguma sabedoria deste mundo transitório nem de quaisquer dos governantes deste mundo que passa. A sabedoria do evangelho não tem nada em comum com os resultados do estudo e da pesquisa filosófica, assim como são amplamente proclamados. Toda a grandeza das conquistas intelectuais do homem terá parte do destino dos governantes seculares deste mundo: feneceirão e a sua sabedoria e seu poder serão arruinados. Ao contrário é assim que nós, isto é, Paulo e todos os verdadeiros pregadores do evangelho, falamos a sabedoria de Deus num mistério. A mensagem de Deus é um segredo divino que só o Espírito de Deus por revelar, Ef. 3. 3, que permanece oculto e incompreensível à razão humana, até que Deus revela suas glórias e seu poder. É esta a sabedoria que Deus predeterminou antes de todas as eras, antes da fundação do mundo e o começo do tempo para a nossa glória. Deus desde a eternidade determinou sobre todo o plano da salvação, bem como seu alvo e objetivo finais, tal como colocado em execução por Jesus Cristo, que é a glória final que há de ser revelada no céu aos que crêem. No tempo presente temos nas bênçãos do evangelho um antegozo e uma garantia da glória.

A mensagem do evangelho com todos os seus gloriosos benefícios se destina a todas as pessoas sem exceção, mas é revelada somente aos que crêem, tal como Paulo o mostra por meio dum contraste: *Cuja sabedoria nenhum dos governantes deste mundo presente e transitório conheceu. Pois, se a tivessem conhecido, se tivessem tido uma compreensão e uma concepção apropriada de suas glórias, então não teriam crucificado ao Senhor da Glória. Se os chefes dos judeus e Pilatos tivessem tido alguma noção da verdade do evangelho, ou seja, da mensagem da salvação tal como fora incorporada em Jesus Cristo; se tivessem compreendido e se dado conta do objetivo de Sua obra; se tivessem estado cômnicos do esplendor que revestia ao Senhor Jesus quando esteve perante eles, então não O teriam condenado à morte de cruz. Notamos que o título “Senhor da Glória” aqui é aplicado a Cristo conforme a Sua natureza humana. “Por isso o Filho de Deus verdadeiramente sofreu por nós, todavia segundo a propriedade da natureza humana, que ele assumiu na unidade de sua pessoa divina e a tornou sua, a fim de que pudesse sofrer e ser nosso sumo sacerdote para nossa reconciliação com Deus.”<sup>15)</sup> Por isso que Deus, que se tornou homem, foi crucificado e morreu; não o Deus separado, mas o Deus unido com a humanidade; não conforme Sua divindade, mas conforme sua natureza humana que Ele assumira.<sup>16)</sup>*

É substanciado por meio duma passagem do Antigo Testamento o fato que esta sabedoria do evangelho é totalmente além da compreensão e do entendimento da pessoa natural, não importando os conhecimentos que adquiriu, nem a posição que detém: O que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e o que não penetrou ao coração da pessoa, isto Deus preparou para aqueles que O amam, Is. 64. 4. A passagem é tirada do chamado de advento e da profecia messiânica que tenta retratar a glória impressionante da salvação prometida. Os sentidos de pessoa alguma podem imaginar, a mente e o coração de pessoa alguma podem compreender, a glória, a felicidade

---

<sup>15)</sup> Conc. Trigl. *Form. Conc. Epit. VIII, 525, 14.*

<sup>16)</sup> Lutero, 3. 749, 658.

inexprimível que está contida na proclamação da redenção, tal como revelada àqueles cujo coração recebeu o dom da fé e está voltado a Deus em fervente amor. É uma magnificência de bênçãos, jamais sonhada em épocas anteriores, por natureza desconhecida por todas as pessoas, que vem totalmente preparada para os que crêem. Não é a fé que completa a salvação, mas que apropria suas certezas maravilhosas. “Não é como se nós tivéssemos amado a Deus, antes Deus em sua eterna sabedoria de amor nos preparou a salvação, mas, porque ele só por pura graça preparou aquilo do qual nossa razão não a menor noção e nem a mínima insinuação, por isso Seu amor por nós por meio do chamado evangélico acendeu amor em nossos corações crentes, e a estes que O amam na obediência de Sua palavra Ele revelou a nós pelo Seu Espírito a Si e Seus dons, a plena preparação de nossa herança.”<sup>17)</sup>

A revelação do Espírito: *V. 10) Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. 11) Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. 12) Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente.* Enquanto a atitude dos poderosos deste mundo, tanto os intelectuais como os seculares, está caracterizada por uma absoluta falta de entendimento das grandes coisas de Deus, Ele pelo Espírito as revelou a nós, que somos os que O amam. O Espírito é o instrumento e a agente de Deus para trazer aos nossos corações a adequada iluminação. No caso dos apóstolos o Espírito operou por ação direta ou imediata, quando foram envolvidos na obra da pregação do evangelho, Gl. 1. 12; 1.Pe. 1. 12. E desde os dias deles a revelação vem a nós por meio da pregação que está baseada na palavra dos apóstolos, Hb. 2. 3. Esta atividade de revelar o caminho da salvação pode ser feita pelo Espírito. Ela é a função especial do Espírito, porque o Espírito investiga todas as coisas, mesma as profundezas de Deus. Ele tem acesso e é familiar aos pensamentos e planos mais profundos de Deus. E o que ele averiguou, isto ele nos revela. O Espírito nos tornou conhecidas as profundezas inexploráveis, insondáveis e impenetráveis da essência de Deus, onde se encontra a vontade graciosa de Deus pela salvação da humanidade. Nota: Visto que o Espírito tem acesso aos segredos mais íntimos de Deus, é preciso que Ele tenha a divina essência, seja verdadeiro Deus. Este fato é destacado por meio da comparação que o apóstolo acrescenta: Pois quem dentre as pessoas conhece as coisas da pessoa, seus pensamentos e projetos, se não o espírito da pessoa que está nela? Nenhuma pessoa é capaz de saber os sentimentos mais íntimos e os desejos de outra, a não ser que a pessoa se lhe revele por meio de palavra ou sinal. Da mesma forma ninguém tem, pesquisando e examinando, descoberto a Deus, tem acesso aos Seus propósitos e planos. Só o Espírito de Deus tem este conhecimento, e por isso pode revelá-lo e realmente o faz.

O apóstolo faz a aplicação deste fato: Mas nós não recebemos o espírito do mundo. Isto é o espírito cuja sabedoria Deus mostrou ser tolice, que é o espírito que sempre está pronto para crucificar novamente ao Senhor, o espírito que está obscurecido e cegado contra a compreensão de Deus. Nosso é o Espírito que foi derramado sobre nós por Deus, o Espírito da iluminação espiritual. E o efeito é que sabemos, temos um conhecimento certo e inabalável dos dons que Deus em sua maravilhosa graça e misericórdia derramou sobre nós. Todos estes dons estão incluídos em Cristo e tornados possíveis por meio da redenção de Cristo. Estes dons, tão maravilhosos como são, não teriam sentido para nós se o Espírito não tivesse aberto os olhos de nosso entendimento para vermos e aceitarmos pela fé o favor imerecido de Deus em Cristo. Notamos, que o apóstolo não faz depender nossa posse desses dons sobre algum sentimento nosso, mas sobre o conhecimento que nos é transmitido pelo Espírito, por meio da palavra.

A palavra e o discernimento espiritual: *V. 13) Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. 14) Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente. 15) Porém o homem*

---

<sup>17)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 118.

*espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. 16) Pois, quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Nós, porém, temos a mente de Cristo.* Agora o apóstolo se refere mais especificamente ao seu ofício, incluindo os demais apóstolos consigo numa só categoria. Eles conhecem as coisas excelentes de Deus, e por isso eles as contam e as proclamam. E este falar não é feito em palavras ensinadas pela sabedoria humana, ou seja, não segundo as regras da oratória e lógica do mundo, mas em palavras ensinadas pelo Espírito. Paulo, desta forma, afirma claramente que não só seus pensamentos, mas suas próprias palavras lhe foram ensinadas pelo Espírito. Ele afirma para si e para seus apóstolos companheiros a inspiração verbal. Encontramos nas corretas palavras das Escrituras Sagradas o claro e correto significado de Deus. E as palavras concordam exatamente com o que Deus quer, pois Paulo diz que elas colocam coisas espirituais lado a lado com coisas espirituais, comparando a verdade espiritual com o fraseado espiritual. Há no ensinamento do apóstolo uma harmonia perfeita do tema com a expressão em palavras, com a forma da fala tal como apresentada aos seus ouvintes. A linguagem da Escritura apresenta de modo correto os pensamentos de Deus assim como Ele quis que fossem tornados conhecidos a nós para a nossa salvação. Desta forma a Bíblia coloca, de modo claro, diante de nós a mente e a doutrina de Deus, e já não qualquer necessidade para acrescentar sabedoria humana em qualquer uma de suas partes.

À guisa de contraste, Paulo se refere ao não espiritual: Mas o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus; a pessoa não regenerada, quando muito, rejeita os dons e benefícios que o Espírito Santo quer derramar sobre ele; o seu sentimento não é meramente neutro e apático, mas uma expressa oposição: nada quer ter com eles. Ele as tem por loucura, e não as pode compreender, visto que um apreço pessoal delas precisa provir do lado espiritual. Por isso, onde há alguma fagulha de espiritualidade, onde o Espírito de Deus não foi capaz de operar a regeneração, ali o juízo de casa ser humana insistirá sobre a total loucura da mensagem do evangelho. “O evangelho comparece ao tribunal ante a pessoa natural; semelhante aos filósofos atenienses, em princípio lhe dão alguma atenção, mas não possuem algum *organon* (padrão de conduta) para testá-lo. Já no começo a indagação é invalidada pela incompetência do júri. Como críticos religiosos o espiritual não lhes merece consideração; são surdos que julgam música.” “ ‘Ora, o homem natural não percebe’, ou, como diz propriamente a palavra grega, não capta, não compreende, não aceita ‘as coisas do Espírito de Deus’; ou: não é apto para coisas espirituais, ‘porque lhe são loucura; e não pode entendê-las.’ Muito menos vai ele crer verdadeiramente o evangelho, ou assentir-lhe e tê-lo por verdade”<sup>18)</sup>

Diferente é com quem crê: Mas a pessoa espiritual faz uma avaliação, um teste, de tudo. Porque o cristão está imbuído com o Espírito, e por este governado, seu juízo, quando governado pelo Espírito, se estenderá a tudo. Ele tem a capacidade de formar uma avaliação e um juízo corretos de seus pensamentos, suas palavras e de seus atos, quanto à sua pecaminosidade ou sua concordância com a palavra e a vontade de Deus. Formará uma opinião correta quanto às várias condições e circunstâncias na vida, quanto ao fato de certas coisas pertencerem à categoria das coisas indiferentes ou se precisam ser rotuladas como pecaminosas. Tem a capacidade de governar sua consciência de tal maneira de preservá-la contra o desvio para qualquer das duas direções, que são a frouxidão ou a severidade. E a própria pessoa espiritual, quando realiza esta função de sua vida espiritual, não está sob o julgamento de qualquer pessoa. Pode muito bem suportar o criticismo do mundo, porque tal criticismo em verdade nem o atinge. O cristão, tendo do seu lado a palavra de Deus e uma boa consciência, pode dar-se o luxo de olhar no rosto de todo o mundo, visto que está acima tanto do criticismo como do desprezo. Pode permanecer tão solidamente sobre a base que unicamente é verdadeira, que calmamente pode dizer com Paulo: Quem decifrou a mente do Senhor, Is. 40. 13; quem, tendo a intenção de lhe dar instruções, investigou e examinou o que o Senhor pensa? Pessoa alguma jamais penetrou esta sabedoria inescrutável que está evidenciada no plano de Deus da salvação. Todo aquele que pretende decretar julgamento sobre pessoas espirituais presume ser um conselheiro do Senhor. Todo aquele que se atreva a corrigir as

---

<sup>18)</sup> F.C. S.D. II, 560,12.

palavras do ensino do Espírito presume ser um mestre de Deus. Nós cristãos podemos desafiar a todos os críticos de mente carnal com o desafio: Quanto a nós, temos a mente de Cristo. Cristo mora em nós, e Sua mente governa nossa mente, capacitando-nos para fazermos uma correta avaliação de todas as condições e circunstâncias, mas que também podemos olhar para a cruz do Calvário e para todo o evangelho, não com olhos carnis, mas espirituais, para que encontremos a plenitude de toda a sabedoria no mistério do Cristo crucificado. “Nós temos a mente de Cristo. Isto deve ser entendido, como dito acima, que podemos conhecer e descobrir o que serve nossa salvação. Esta mente e esta compreensão é fé, que a pessoa espiritual é salva sem quaisquer obras, tão somente pela palavra. De acordo com isto pode também julgar todas as coisas, o que é certo ou errado. Assim ele também sabe todos os pensamentos e tramas do diabo e aquilo contra que estão dirigidos, a saber, que ele quer suprimir e extirpar a fé e a palavra de Deus e tudo o que é necessário para a salvação – tudo isto ele sabe. Desta forma a compreensão consiste principalmente nisto, que eu conheço a vontade de Deus, o que Lhe apraz; então posso dizer se algo é certo ou não.”<sup>19)</sup>

**Resumo:** O apóstolo mostra em que espírito veio a Corinto, prova que o evangelho é a sabedoria do mistério de Deus, e expõe como o Espírito revela este mistério pela inspiração verbal que há no evangelho, capacitando, desta forma, os cristãos para formarem um juízo correto de todas as situações e interesses humanos.

### Capítulo 3

#### Uma Repreensão Do Orgulho Espiritual. 1.Co. 3. 1-23.

As marcas das pessoas carnis: *V. 1) Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais; e, sim, como a carnis, como a crianças em Cristo. 2) Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnis. 3) Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnis e andais segundo o homem?* Paulo expusera aos cristãos de Corinto as bênçãos maravilhosas que pertencem a todos os que crêem por meio do evangelho, e que deve ser usado e exercido por eles de modo correto. Para sua grande tristeza, ele se vê obrigado a afirmar que os coríntios, aos quais se endereça, ainda não alcançaram o padrão que deve ser encontrado naqueles têm a correta compreensão. Mas também neste trecho se dirige a eles como “irmãos”, para mostrar sua confiança neles. Suas palavras são duras, pois ele liga sua reprimenda com a afirmação de que o homem natural não recebe as coisas do Espírito de Deus: E eu, em consequência, não me senti capaz de falar-vos como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Ele deixa a entender que esperava que, nesta ocasião, se pudesse dirigir a eles como adultos que em todas as coisas eram governados pelo Espírito de Deus. Em vez disso, contudo, descobre que é obrigado a lhes falar como a adultos que seguem os pensamentos da carne, que são governados pela sua natureza irremediada, ou seja, pelo velho Adão. Precisa falar como a crianças, a verdadeiros bebês em Cristo. Notamos como a adição “em Cristo” ameniza a dureza da censura e busca a melhor interpretação da parte dos cristãos de Corinto. Mas a repreensão persiste: são realmente filhos de Deus em Cristo, mas, até este momento, ainda sem a experiência e a maturidade que com justiça deviam ser esperadas deles. Ele reforça este pensamento com uma comparação enfática: Leite vos dei a beber, não alimento sólido; pois ainda não podéis suportar. Viu-se obrigado para lhes dar um sustento adequado à idade deles durante todo o tempo de sua permanência com eles na segunda viagem. Pôde dar-lhes instrução somente nos rudimentos, nos fundamentos, do conhecimento cristão. Cf. Hb. 5. 13, 14. Progrediam tão lentamente no conhecimento cristão que o apóstolo, em sua instrução, não pôde ir além das verdades mais simples e fáceis. Mas o caso não teria sido tão sério se agora, depois dum intervalo de vários anos, tivessem sido capazes para receber alimento sólido e progredir para a perfeição no conhecimento. Contudo, mesmo no tempo presente, não

---

<sup>19)</sup> Lutero, 11. 2085.

foram o suficientemente fortes na percepção espiritual, conforme a expectativa de seu mestre, não haviam feito qualquer progresso. E quanto mais presunção mostraram em seu espírito partidário, como se tivessem sido graduados no departamento elementar da doutrina cristã, tanto mais forte foi a repreensão de seu mestre quando lhes diz que não pode pensar na promoção deles. E de modo categórico lhes conta o motivo: Pois ainda sois carnis. Ainda são governados pelas considerações de sua carne, de sua natureza não espiritual. Permitiram que os desejos da carne controlassem suas ações e não se entregaram à dócil condução do Espírito. Ainda havia entre eles ciúmeira, dissensão e brigas, coisas que essencialmente são obras da carne, Gl. 5. 20. Permitiram que entre eles a rivalidade partidária tivesse o controle. Isto foi uma prova positiva de que ainda eram carnis, que o seu eu irregenerado e carnal, Rm. 7, conseguira o predomínio. Desta forma foi correta a conclusão, que Paulo coloca na forma duma pergunta, a saber, que se conduziam como pessoas irregeneradas são capazes de se comportar em circunstâncias semelhantes, Rm. 8. 5, a saber, que se conformaram à condição irreligiosa da pessoa comum.

Todos os ministros de Cristo são da mesma categoria: *V. 4) Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; não é evidente que andais segundo os homens? 5) Quem é Apolo? e quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. 6) Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. 7) De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento. 8) Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho.* Aqui Paulo repete sua queixa principal contra os cristãos de Corinto, que foi o de se entregarem ao espírito partidário e à formação de facções: Pois, não sois acaso meros homens, sempre que alguém diz: Eu sou do partido de Paulo; mas alguém outro: Eu, ao de Apolo? Nesta instância Paulo só se refere a dois partidos, porque bastaram para ilustrar seu ponto. E esta acusação é que aqueles de seus leitores que são culpados estão seguindo o exemplo da pessoa comum deste mundo, que não é governada por quaisquer considerações com a vontade de Deus. A mente de Cristo está sempre oposta à desarmonia e ao cisma. Um tal espírito partidário é especialmente tolo na igreja cristã: Que é, pois, Apolo? E doutro lado, o que é Paulo? Fazer de tais problemas um assunto de discussão, como se Apolo e Paulo, em suas próprias pessoas, fossem algo! Não são os autores de vossa fé, mas ministros, servos e instrumentos de Deus para conduzir-vos à fé. O Mestre e Senhor da obra é Jesus Cristo, e aqueles que gozam o benefício desta obra são os membros da congregação. Mas, quanto a Apolo e Paulo, não têm eles qualquer ambição maior do que ser servos, cada um com seus dons específicos, tal como o Senhor lhes concedeu. É uma atividade que pertence totalmente ao Senhor, e Ele supre a aptidão para a obra bem como a oportunidade para se empenhar em Seu serviço, tal como Ele julga ser melhor para o bem-estar de Sua igreja. Os dois fatos excluem toda e qualquer jactância.

O apóstolo mostra a maneira exata em o Senhor arranjou as coisas em Corinto e fez uso dos talentos destes dois servos: Eu plantei, Apolo agou, mas Deus produziu o crescimento; durante todo este tempo, durante o trabalho dos dois homens, Deus concedeu o crescimento. O trabalho em Corinto foi o conseguir uma colheita espiritual. Coube a Paulo quebrar o solo e plantar a semente da palavra. Deus fez que a semente lançasse raiz e nascesse. Depois veio Apolo e cuidou das plantas jovens desenvolvendo a vida da fé e confirmando os cristãos em seu conhecimento cristão. O poder misericordioso de Deus acompanhou seus esforços e fez que as plantas dessem fruto. Conclui-se, então, que nem aquele que planta e nem aquele que irriga é qualquer coisa: são meros instrumentos na mão de Deus, o Senhor da seara, que unicamente concede o crescimento, e a quem, por isso, deve ser dada toda a glória: Ele é tudo, só Ele permanece, mas os demais são excluídos. Isto é destacado de modo ainda mais forte com o pensamento: Mas o que planta e o que rega são uma coisa; são como se fossem um, como um único instrumento nas mãos de Deus, e eles têm tão somente um interesse e alvo, que é o crescimento da igreja. Eles não são rivais, mas colaboradores na mesma causa; seu trabalho não uma competição, mas uma complementação. Cada um, porém, receberá seu próprio salário de acordo com seu próprio trabalho. Quando os trabalhos são feitos com o objetivo de merecer algo à vista de Deus, de obter a salvação eterna por meio desta realização, então são inúteis e piores do que inúteis. Mas se estes trabalhos são realizados em fé

simples e com amor, no serviço do Senhor, para Sua honra e glória, então o próprio Deus apresentará a misericordiosa recompensa final. Ele, por amor Jesus, terá compaixão deles como quem merece algum salário, e agirá conforme isto, Lc. 19. 15, 16; Mt. 19. 28; 1.Pe. 5. 4; Dn. 12. 3. É particularmente consolador que a recompensa é concedida ao trabalho, não ao sucesso, assim que o padrão seguido por Deus é a ininterrupta fidelidade e não a realização brilhante. “Também confessamos isto, o que freqüentemente foi testemunhado por nós: ainda que a justificação e a vida eterna pertencem à fé, boas obras merecem, contudo, outros prêmios, corporais e espirituais, bem como graus de recompensa.”<sup>20)</sup>

Os trabalhadores e o fundamento: *V. 9) Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus, sois vós. 10) Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica. 11) Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.* Agora o apóstolo emprega uma figura diferente para expor outro pensamento intimamente ligado com seu discurso atual. Os membros da congregação pecam contra seus mestres e também contra Deus, quando os avaliam conforme a ostentação de talento e habilidade exteriores. Pois os mestres são cooperadores de Deus. Estão empregados nesta tarefa, que pelo Senhor lhes foi dada, para edificar Seu templo espiritual. E nesta obra são colegas, não rivais. Empenham-se juntos para o mesmo objetivo. Notamos que o serviço do ministério é chamado obra, ou seja, que requer trabalho, quando é para ser realizado corretamente. Doutro lado, os ouvintes, os membros da congregação, são o campo cultivável de Deus, um campo semeado com a semente da palavra de Deus por meio do trabalho destes ministros. Para reforçar a idéia da comunhão espiritual que existe entre os cristãos, e o mútuo ajuste de todas as partes, Paulo os chama edifício de Deus, um templo do Senhor, em que o Deus triuno deseja morar.

Agora o apóstolo apresenta a responsabilidade individual: Conforme a graça de Deus que me foi dada, como um sábio mestre de obra, como um engenheiro principal que conhece sua tarefa, lancei o fundamento, mas um outro edifica sobre ele. Notamos que a graça de Deus está colocada em primeiro lugar. Paulo insinua que sem ela a obra nunca poderia ter sido atentada nem trazida até ao estágio atual. A graça de Deus é e, todos os tempos a verdadeira força motivadora na obra da igreja. E Paulo sabe que por meio desta graça sua obra foi realizada com sabedoria. Ele lançara o fundamento. Paulo não foi o dono de nem ao menos um só dom da graça, pelo qual pudesse ter sido capaz de servir em, ao menos, uma capacidade na igreja, fosse como exortador ou como pastor, mas que ele fora abençoado com os talentos que o tornaram um agente orientador: ele possuiu grande habilidade executiva, foi um pregador vigoroso, possuiu grande tato na aproximação a casos difíceis, com a maior disposição sabia adaptar-se a grande variedade de condições. Esta foi a razão porque a graça do Senhor o escolhera para fundar tantas das primeiras congregações, estando entre elas a de Corinto. Sobre sua fundação, sobre a base que ele lançara, um outro iria erigir o edifício. Esta foi a conseqüência inevitável em Corinto e em qualquer outro lugar. Até o fim dos tempos os ministros cristãos estão construindo, por meio da pregação do evangelho, o templo de Deus sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. E a advertência de Paulo é sempre oportuna: Mas que cada um se preocupe sobre como edifica sobre ele, como tenta construir o templo do Senhor. Não basta um mero zelo pelo Senhor, ou uma mera vontade para trabalhar, para determinar o método do ministério de Cristo. O trabalhador inferior precisa seguir as orientações do mestre de obra, precisa traçar claramente as linhas, e precisa usar o material apropriado. Quando o ensino de qualquer pregador cristão não concorda com a doutrina de Jesus Cristo e dos apóstolos, em especial quando, como escreve Lutero, leva para a justificação por obras e desta forma, sob o nome de fé, forma cristãos falsos e santos por obras, então os métodos precisam condenados completamente. Pois, como o apóstolo solenemente declara: Outro fundamento nenhum homem pode lançar, exceto daquele que já está lançado, que é Jesus Cristo, v. 11. Quando dentro ou fora da igreja se levantam pessoas, mestres, achando que têm um novo meio de salvação, ou seja, um meio diferente para o céu do que Cristo, que unicamente é o Caminho, então não passam de enganadores, tentando lançar

---

<sup>20)</sup> *Apol. IV. 171, 366.*

outro fundamento o qual está em oposição ao único já existente, que é Jesus Cristo. Este fundamento foi lançado por Deus desde a eternidade, quando destinou Seu Filho para ser a pedra angular e a fundação da grande igreja que é o templo espiritual dedicado à Santíssima Trindade, e, apesar de todos os esforços dos inimigos para a arruinar, esta fundação permanecerá como a única fundação. Como diz Lutero: “Tenho experimentado e notado em todas as histórias do cristianismo, que todos aqueles que tiveram e retiveram corretamente o artigo principal de Jesus Cristo, permaneceram bem firmes na verdadeira fé cristã. E, ainda que possam ter errado e pecado em outros pontos, foram, finalmente, ainda assim preservados. Pois aqueles que nisso estão corretos e firmes, que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que por morreu e novamente ressuscitou, para estes todos demais artigos também se apegam e firmemente persistem ao seu lado. Tão firmemente firme é o que são Paulo diz: Cristo é o maior bem, base, fundamento e tudo o mais.”<sup>21)</sup>

A própria edificação: *V. 12) Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, 13) manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia o demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. 14) Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; 15) se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.* Aqui Paulo trata da superestrutura que é construída sobre o único fundamento, e distingue, entre o material rico e durável, dum lado, e, doutro lado, o material pobre, sem valor e perecível, sendo os dois, contudo, aproveitáveis para a ereção da construção. Ele não se refere tanto aos cristãos que formam o templo de Deus, como na doutrina pela qual foram conquistados para Cristo, e o modo em que sua fé serve a toda a construção por meio de todas as formas das obras cristãs, estando, contudo, os dois quadros intimamente associados em sua mente. Entre estes, contudo, (no corpo que é edificado sobre o verdadeiro fundamento, isto é, sobre Cristo e a fé) há também muitas pessoas fracas, que sobre o fundamento constroem restolho que perecerá, isto é, certas opiniões imprestáveis (alguns pensamentos e opiniões humanas), que, apesar disso, porque não derrubam o fundamento, tanto lhes são perdoadas como também corrigidas. E os escritos dos santos pais testificam que, em certas ocasiões, até ele construíram restolho sobre o fundamento, mas que isto lhes destruiu a fé.<sup>22)</sup> E até não precisamos pensar em pensamentos, opiniões e faltas humanas, mas só na grande diversidade de dons e habilidades no reino de Deus, visto que a edificação é toda ela feita sobre a base do mesmo bom fundamento que é Jesus Cristo. “Quer seja o ouro da profecia, ou a prata da doutrina, ou as pedras preciosas dos hinos, ou a madeira de conservar a ordem, ou o feno da disciplina, ou a palha das esmolas; quer seja um talento elevado e brilhar ou o talento para servir em coisas pequenas e insignificantes; quer seja a eloquência das línguas espirituais ou a mão que oferece assistência: tudo pode servir para o bem do edifício de Deus, quando a pessoa o oferece na intenção de Cristo, para que sirva para o crescimento do edifício sobre o fundamento que está posto, por isso, não só como um anexo exterior, mas intimamente unido com o fundamento e carregado com o amor do Espírito.”<sup>23)</sup> O apóstolo diz de todos estes propósitos: A obra de cada pessoa será manifesta, pois o dia o revelará. Mas, mesmo agora, está evidente o material com que material cada um está servindo na igreja. Até certo ponto pode ser visto quais as habilidades especiais que possui. Mas como uma pessoa trabalha, que sucesso tem em seus esforços, se eles redundam para bênção ou para prejuízo dos cristãos na igreja, isto só será manifesto no dia, no grande dia, no dia do juízo e da revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois naquele dia isso será revelado com fogo, em fogo, e a obra de cada pessoa, que espécie que é, isto o fogo testará e mostrará. Este é um fogo probatório, não um fogo purgator. Não são as pessoas que são sujeitas a este fogo, mas suas obras na igreja. A idéia dum purgatório físico é completamente alheia nesta passagem. Fogo consumidor é o elemento do último dia, e o Senhor Jesus se revelará do céu em chamas de fogo, 2.Ts. 1. 8. “Este fogo revelará o que

---

<sup>21)</sup> Lutero, 10. 998.

<sup>22)</sup> Apol. VII e VIII, 180,21

<sup>23)</sup> Besser, *Biibelstunden*, 8. 170.

foi mundano e perecível bem como o que foi espiritual e imperecível no edifício de Deus.... Então serão julgados de modo infalível honra e desonra exteriores, o esplendor de sabedoria e a cobertura de insensatez. O fogo testador penetrará através de todas as desculpas até dentro da matéria, e tão somente isto permanecerá que foi edificado de modo cristão, sustentado pelo e do mesmo material como é o fundamento indestrutível, que é Jesus Cristo.... A escória da razão e os caprichos das pessoas, mesmo que elas sempre tiveram tão boa intenção, serão misturados com as cinzas, e na luz do conhecimento perfeito, com que o fogo daquele dia brilhará ao redor de nós, será revelado o que foi imaginação e o que foi sabedoria divina, o que foi vazia conversa enganosa e o que foi palavra poderosa, o que foi mera opinião e o que foi verdade infalível.”<sup>24</sup>). Notamos que tudo isto pressupõe um edifício sobre o fundamento de Jesus Cristo e sua palavra bendita.

Agora é mostrado o efeito do teste: Se a obra de alguém que ele edificou há de permanecer, então ele receberá um galardão. Se a obra de alguém for consumida pelo fogo, então ele sofrerá perda. Ele próprio, contudo, será salvo, mas assim, como que através do fogo. A afirmação é muito ampla e se refere a qualquer espécie de material, ou a todas as várias habilidades e dons. Tem pouca ou nenhuma consequência se um cristão ricamente, moderadamente ou pobremente dotado, no que diz respeito à obra da igreja. Antes, tudo depende disso, que a obra na igreja esteja livre do lixo da razão e vaidade humana, que ela repouse sobre o verdadeiro fundamento, e que ela seja motivada pelo amor de Cristo. Na medida em que a obra de qualquer cristão há de resistir ao teste do último dia, ele receberá o galardão gracioso. E qualquer parte da obra que não resistir ao teste de fogo daquele dia, essa será consumida. O volume de imperfeições nas obras de cada pessoa que será revelado, tanto será reduzido o seu galardão gracioso, tanto será privado daquilo que poderia ter possuído se sua obra estivesse à altura do padrão colocado por Deus. Mas, mesmo que uma tal pessoa não terá o gozo dum grau incomum de glória, ela, ainda assim, terá a posse da salvação celeste, mas como que por meio do fogo. É semelhante a uma pessoa que escapou só com a vida do fogo que a ameaçava de morte e destruição, ou semelhante a quem escapa dum naufrágio onde perde tanto o dinheiro como seus bens. Tais pessoas perdem o galardão especial que Deus promete a um trabalho fiel e excelente, mas o que não é salário de sua obra, mas somente mérito de Cristo, a saber, a vida e a salvação, isto elas herdaram, porque, até o seu fim, ficaram na fé no perdão de seus pecados, igualmente de seus pecados ocultos. Marquemos que o apóstolo em toda esta passagem tem em mente especialmente os mestres da igreja, mas que os demais, em todos os seus muitos postos na igreja, de modo nenhum estão excluídos.

Cada cristão um templo de Deus: *V. 16) Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? 17) Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado. 18) Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste século, faça-se estulto para se tornar sábio. 19) Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; porquanto está escrito: Ele apanha os sábios na própria astúcia deles. 20) E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são pensamentos vãos.* Esta não é somente uma advertência, no sentido que nenhum dos seus leitores fosse encontrado participando no destino daqueles cujos esforços não irão suportar a prova do último dia, mas é uma denúncia contra os que se tornaram destruidores da casa de Deus, aos quais, por isso, Deus por sua vez irá destruir. Paulo, para expressá-lo, apresenta um lado diferente da figura: Acaso não sabeis que vós sois um templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Todos os cristãos, estando edificados sobre o fundamento de Jesus Cristo e dos apóstolos, receberam o Espírito Santo, o próprio Deus trino, como inquilino de seus corações. Seus corações se tornaram um santuário, um verdadeiro templo, da divindade. E a idéia subjacente é que todos eles, por causa desta habitação em seus corações, em conjunto formam o grande templo da igreja invisível, que é pelo Espírito a morada de Deus. Por isso, se qualquer pessoa quiser corromper, macular e dessagrar o templo de Deus, então Deus destruirá tal pessoa. Se os agitadores e falsos mestres em Corinto, se os pregadores do erro de todos os tempos, persistirem com a corrupção do santo lugar do puro tempo de Deus, tanto no cristão individual como na igreja como tal, por meio

---

<sup>24</sup>) Besser, *Bibelstunden*, 8. 174.

da perversão da doutrina, do incitamento a disputas e contendas, então a ira de Deus por fim os fulminará. Pois a santidade de Deus jamais permite que uma tal corrupção passe sem punição. Todo e qualquer dano desta ordem é uma profanação da santidade deste templo. E a cláusula acrescentada “que sois vós”, lembra os cristãos da obrigação que lhes é imposta com a sua santidade. Exorta-os a estarem em atenta vigília contra dos corruptores de seu templo, e não permitirem que ocorra a corrupção. A obra em que estão empenhados é obra santa. Eles mesmos estão santificados e consagrados a Deus. Devem, por isso, com um olho zeloso vigiar sobre esta sua santidade.

Visto que havia o perigo enorme, que alguns dos cristãos de Corinto pudessem estar tão impregnados com a ostentação luzente da sabedoria humana na obra da igreja, a ponto de não quererem acatar a advertência do apóstolo, ele acrescenta mais outra palavra. Ninguém do meio deles devia enganar-se. Ninguém fosse envolvido em mal-entendido ou em cegueira. Ninguém propositalmente devia supor saber mais sobre este assunto do que o apóstolo. Se qualquer um deles tivesse a idéia de que fosse um sábio na sabedoria deste mundo transitório, seria melhor que se tornasse um tolo conforme os padrões deste mundo, pois só então se poderia tornar um sábio à vista de Deus. “Aqueles que seguem sabedoria humana exaltam mestres humanos às expensas da glória de Deus, e há mestres que se deixam conduzir a este engano e assim constroem de modo indigno sobre o fundamento cristão, - havendo mesmo alguns que, sob a ostentação de o edificar, estão a destruir o templo de Deus.”<sup>25</sup>) O poder da palavra de Deus sobre o coração precisa ser demonstrado assim, que o mestre coloque toda a sabedoria deste mundo à disposição da verdadeira sabedoria do alto, e que rejeite toda sabedoria que de alguma forma conflita com a verdade revelada da Bíblia, mesmo que com isso seja mil vezes zombado e desprezado como um totalmente louco e como um fanático intolerante. Pois, tão somente quando uma pessoa levar cativos todos os pensamentos e opiniões humanas sob a obediência de Cristo que ela se verá na situação de compreender a sabedoria de Deus que está na palavra da salvação. Paulo reafirma, em suporte a isso, o que dissera ao longo de todo o capítulo 01: Pois a sabedoria deste mundo é loucura a Deus. E como tal ela merece somente um destino, a saber, ser rejeitada como imprestável ante Deus. O apóstolo exemplifica esta afirmação com duas passagens do Antigo Testamento. Em Jó 5. 13 é dito do Senhor: Ele que agarra, que apanha, os sábios em sua própria astúcia, em sua suposta sabedoria. Aqui a sabedoria do mundo está retratada como uma astúcia, uma ocupação sutil, que é realizada em detrimento de outros. Deus, porém, apanha os que praticam esta esperteza em seus próprios estratagemas, no que mostram quão tolas são suas declarações. A segunda passagem é do Sl. 94. 11: O Senhor entende como fúteis os argumentos dos sábios. O que é verdade a respeito da vaidade dos pensamentos humanos em geral, é também verdade em particular daqueles que assumem a posição de liderança nos conselhos da filosofia humana. Sempre que abandonam a eterna verdade da palavra de Deus, perderam o fundamento, sem a verdade, e por isso cheios de tolice.

A conclusão: *V. 21) Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: 22) seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, 23) e vós de Cristo, e Cristo de Deus.* Sendo isto verdade, a saber, que a sabedoria do mundo é loucura perante Deus, por isso, que ninguém se glorie em pessoas. Aqui é condenado tanto auto-louvor dos sábios do mundo e louca adoração que lhes é dada. E isto é tanto mais assim, visto que tudo deve servir aos cristãos na igreja, a saber, em sua fé. Tão intimamente está a igreja, estão todos os cristãos, unida a Cristo a ponto de participar em sua glória maravilhosa, Ef. 1. 19-23. Em nada já não mais dependem das pessoas, sobre a sabedoria deste mundo, mas possuem uma reivindicação direta ao serviço de tudo que pertence a Deus e Cristo. Estão a serviço dos cristãos, pela graça de Deus, Paulo, Apolo e Cefas, e todos os apóstolos e ministros que Ele enviou para proclamar as gloriosas verdades da salvação. O próprio mundo, o mundo todo com todas as suas forças e recursos, está a serviço dos cristãos. Usar a todos de modo correto é promover a causa de Cristo. Tanto vida e morte estão a serviço dos cristãos. Seja que

---

<sup>25</sup>) *Expositor's Greek Testament*, 2. 793.

vivam, vivem para o Senhor, e seja que morram, morrem para o Senhor, Rm. 14. 8. A serviço deles estão tanto as coisas presentes como as coisas do futuro. Todas as situações, condições, ofícios, ocupações, profissões, tudo precisa concorrer na propagação do evangelho e da fé cristã. “Tudo no vasto mundo pertence a Cristo que é o Soberano. Tudo quanto imperadores, reis, príncipes, governos e súditos têm e possuem, isto tudo pertence a Cristo. Tudo foi sujeito a Ele. Todas as pessoas precisam está sob este Rei e Soberano, tanto na graça como na desgraça. Cristo tem tudo em sua mão e em seu poder.”<sup>26)</sup> E Paulo conclui assim numa explosão de triunfo certo: Mas vós sois de Cristo, mas Cristo é de Deus. Visto que os cristãos pertencem a Cristo pela fé, exercitam seu poder real em e por meio Dele. Por isto, sendo esta a relação, não há louvor para ninguém outro do que para Cristo. E Cristo é de Deus, estando também os cristãos desta forma unidos, por meio do Filho, com o Pai e participando de seu poder eterno. Deus, por isso, é tudo em tudo, e cabe a todos os cristãos, em vez de gastarem tempo valioso em insignificantes disputas, na formação de facções, e no gloriar-se em pessoas, a devotar a energia da fé para difundir Sua honra e glória. Nós cristãos somos a lavoura de Deus, o edifício de Deus, o templo de Deus, porque pertencemos a Cristo. E esta excelsa glória, por causa da qual nos prostramos perante Deus em humilde adoração, nos ensina a negar a impiedade do louvor das pessoas e a nos gloriarmos somente no Senhor.

**Resumo:** O apóstolo reprova os coríntios pelo seu comportamento carnal na formação de facções, mostra a igualdade de todos os ministros, aponta a Cristo como o único fundamento da igreja, prediz que a prova de fogo do último dia queimará tudo menos o teor das obras feitas na igreja, e adverte contra a profanação do templo de Deus.

## Capítulo 4

### A Obra Dos Ministros De Cristo. 1.Co. 4. 1-21.

Requerida fidelidade: *V. 1) Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus. 2) Ora, além disso o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. 3) Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano; nem eu tão pouco julgo a mim mesmo. 4) Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. 5) Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.* O apóstolo mostrara a sua própria relação e a dos outros mestres para com a igreja de Cristo, para com o templo de Deus, a saber, que eles são servos. Mas, disso não segue, que os cristãos são os senhores de seus mestres. Deus é o dono, o mestre, e por isso todos aqueles que formaram facções na congregação de Corinto, e, desta forma, presumiram julgar e censurar outros mestres antes que sua própria liderança, estavam usurpando a função que propriamente pertence somente a Cristo. Assim, diz ele, nesta maneira, que a pessoa pense de nós, considere-nos, como servos de Cristo e mordomos dos mistérios de Deus. Esta é a maneira certa e própria em que cada pessoa, mas especialmente os membros das congregações cristãs, devem considerar os apóstolos e todos os ministros de Cristo. É assim que devem pensar deles, devem esta consideração sensata sempre devem ter deles. São servos de Cristo, sendo que originalmente a palavra designava os remadores numa galera, mas sendo mais tarde usada para servos domésticos que gozavam da confiança de seu dono, que eram, em certa maneira de expressá-lo, assistentes: assim as pessoas que trabalham na doutrina são os servos de confiança de Cristo. E são mordomos dos mistérios de Deus. “O mordomo era o representante do dono no regulamento das preocupações da família, provendo alimento para a família e os domésticos, cuidando que oferecido nos tempos e estações corretas, e em quantidades apropriadas. Era ele quem recebia o caixa, gastava o que era necessário para a manutenção da família, e conservava registros exatos,

---

<sup>26)</sup> Lutero, 5. 236.

que em tempos determinados precisava apresentar ao dono.<sup>27)</sup> É assim que os ministros são os mordomos dos mistérios de Deus. Estão encarregados da administração dos meios da graça, e são responsáveis a Deus por ela, sendo que pelos meios da graça Deus às pessoas e lhes concede as riquezas de Sua graça em Cristo Jesus. “O que, pois, são estes mistérios de Deus? Nada mais do que o próprio Cristo, isto é, a fé e o evangelho de Cristo. Pois tudo o que é pregado no evangelho é conservado longe dos sentidos e da razão e conservado oculto ao mundo inteiro. E não podem ser alcançados se não só pela fé, como Ele mesmo diz, Mt. 11. 25: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.”<sup>28)</sup> Esta descrição do apóstolo inclui justamente todo o trabalho do ofício do verdadeiro ministro em todos os sentidos, não devendo nenhuma congregação ultrapassá-lo no que exige das habilidades e do tempo do pastor. “Temos, por isso, nestas palavras a afirmação do apóstolo que um servo de Cristo é um mordomo dos mistérios de Deus, isto é, deve considerar-se, e fazer que seja considerado, como quem prega e dá nada outro aos membros da família de Deus do que tão somente Cristo e que estão em Cristo; isto é, ele deve pregar o puro evangelho, a pura fé, que unicamente Cristo é a nossa Vida, Caminho, Sabedoria, Poder, Louvor e Salvação, etc., e que o que nós temos é nada mais do que morte, engano, tolice, impotência, vergonha e condenação. Aquele que prega algo diferente, a esse nenhuma pessoa deve considerar um servo de Cristo e como um mordomo dos tesouros divinos, mas evitá-lo como um mensageiro do diabo.”<sup>29)</sup>

Agora Paulo faz, a partir desta afirmação, uma clara conclusão: Visto ser este o caso, persiste que a qualidade que se procura nos mordomos é que cada um seja encontrado fiel. Isto, para sermos claros, é uma ordem, mas também a única ordem que pode e deve ser feita, que o ministro de Cristo seja fiel em sua mordomia. Como diz Lutero, o Senhor não requer que ele seja tão santo a ponto de ressuscitar mortos com sua sombra, ou que seja tão sábio como o foram todos os profetas e apóstolos juntos. Nem quer que seja um orador vigoroso, um conversador espirituoso, uma pessoa otimamente sociável, e nem qualquer um dos outros pontos que, em nossos dias, são mencionados como qualidades essenciais dum pastor. O Senhor nada diz de todas estas coisas. Ele quer unicamente que Seus mordomos administrem a palavra de Deus, preguem o evangelho, ofereçam do rico tesouro dos mistérios de Deus o necessário alimento espiritual, usando a apropriada sabedoria pastoral: esta é a fidelidade que o Senhor busca em Seus servos. Isto inclui que um pastor fiel repreenda os pecados dominantes em sua congregação e no mundo ao redor, que chame os pecadores ao arrependimento, que negue aos pecadores endurecidos o doce conforto do evangelho, que rejeite todas as maquinações que conduzem a uma popularidade barata, que, acima de tudo, não se canse em seguir os cordeiros perdidos e as ovelhas do rebanho de Cristo, que guarde em seu coração a todos os membros de sua congregação e os recorde em suas orações diante de Deus.

E quando um pastor é tão fiel, empregando em seu trabalho pastoral os talentos que o Senhor lhe deu, então ele pode dizer com o apóstolo: Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por qualquer tribunal humano; doutro lado, nem eu julgo a mim mesmo, v. 3. Em Corinto Paulo esteve, por assim dizer, sob julgamento. Os membros estiveram a decretar juízo sobre seus talentos, sobre seu assunto e sobre sua administração. Mas isto não lhe causou séria preocupação, que sua pessoa e sua obra estivessem sob investigação. Ele não leva a sério o julgamento humano, nem mesmo pede o seu próprio, ou nem mesmo inquire a si mesmo. Acusado perante os tribunais de todas estas opiniões humanas, Paulo calmamente afirma que afirma que considera todas as suas conclusões como reduzidas a bem pouco quando comparadas com as de seu divino Senhor. Pois, como continua a dizer, em seu trabalho como ministro de Cristo não está ciente de qualquer acusação especial contra si. Executou seu trabalho como mordomo com toda a fidelidade dum coração piedoso. Ele, de fato, sabe que com isto ele não está justificado perante o tribunal supremo. Pois Aquele que tem a sentença final é o Senhor, e o apóstolo pode esperar estar

---

<sup>27)</sup> Clarke, *Commentary*, 6. 207. Cf. Lutero, 12. 59.

<sup>28)</sup> Lutero, 12. 60.

<sup>29)</sup> Lutero, 12. 62.

absolvido de sua missão até que o Senhor concluiu seu exame. A experiência ensinou a Paulo que, sem o veredito de Cristo, não se pode apegar ao veredito de sua própria consciência. Soube que em sua carne não habitava bem algum, Rm. 7. 18, que mesmo o bem que realizou, esse ele não pôde realizar sem a participação da carne corrupta. Por isso ele se apega à graça e à misericórdia de seu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele sabe que o mesmo Senhor que tem sob Si o exame final é o Senhor que justifica os pecadores, mesmo em respeito às suas faltas ocultas. “Visto que Paulo aceitou a justificação pela fé em Cristo, não foi sua inocência, mas o mérito de seu Salvador que se tornou sua sólida base de certeza.”<sup>30)</sup>

Desta forma ele acrescenta uma palavra de advertência gentil mas enfática: Assim, pois, não vos satisfaçais com um julgar antes do tempo, não sejais prematuros na decretação da sentença, seja em meu caso ou no de qualquer outro ministro. Ao contrário, que todos os julgamentos fiquem em suspenso até que vem o Senhor. Quando o Senhor aparecer para o grande juízo final, então vamos e precisamos concordar com as Suas conclusões. Pois ele trará à luz as coisas ocultas nas trevas e revelará os conselhos dos corações. A maioria das coisas que se encontram nos recônditos do coração são totalmente desconhecidas aos olhos da pessoa e por isso não podem ser citadas em juízo. Ao olho penetrante de Deus, porém, todas as coisas estão manifestas. Ele há de revelar os segredos ocultos nas trevas, em especial os motivos que moveram às pessoas na realização de suas tarefas. Ele manifestará os conselhos dos corações. Os motivos e desejos mais íntimos cristalizam em pensamentos do coração, em projetos de várias espécies, seja para o bem ou para o mal. Então será sabido com clareza se foi a fidelidade e a obediência à palavra de Deus que moveu aos servos de Cristo. Então será mostrada a medida total de seu amor por Cristo e pelas almas imortais que lhes foram confiadas. Então todas as investigações e processos humanos e todo julgamento prematuro e condenatório serão cobertas de vergonha, como o expressa Lutero, “é como se eu quisesse pesar ovos na balança, e os quisesse pesar somente conforme sua casca, omitindo as gemas e as claras.” Então, no julgamento justo de Deus, o louvor de Deus será dado a cada um. Na mesma medida como o Senhor encontra a fidelidade fluindo do amor a Cristo e aos cristãos, Ele também concederá publicamente louvor sobre cada um de Seus ministros e mordomos, não com base em opiniões e estimativas vagas, mas com base da clareza de seu onisciente saber. A comenda que Cristo profere, ao julgar em nome de Deus, é a única que vale, sendo uma recompensa que cada pastor justamente devia cobiçar. “Os partidários de Corinto desperdiçaram louvor em seus admirados líderes: isto é prerrogativa de Deus, que eles examinem suas eulogias inoportunas.”

Os dons espirituais de Deus: *V. 6) Estas coisas, irmãos, apliquei-as figurativamente e mim mesmo e a Apolo por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: Não ultrapaséis o que está escrito: a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. 7) Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? e, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?* Paulo propositalmente fizera referência, principalmente, ao relacionamento entre ele e Apolo dum lado, e doutro lado, com a congregação, para produzir uma ilustração mais concreta, e imprimir-la com mais eficiência em seus leitores. Do modo como lhes expusera todo o problema, este fora adaptado à situação referente a estes dois mestres. Isto ele fizera por causa deles, para esclarecê-los melhor, visto que não poderem ter captado seu significado tão rapidamente, se lhes falasse de modo mais geral. Sua repreensão está dirigida às pessoas que manifestaram o desagradável e corrupto espírito partidário, e não inclui as pessoas que, sem seu conhecimento e concordância, haviam sido tornadas as cabeças das facções em Corinto. E seu propósito foi que seus leitores, incluídos os próprios mestres que eles, com suas disputas, estiveram desonrando, deviam aprender uma regra e um método diferentes de procedimento, a saber, não ir além daquilo que está escrito. Deviam observar a regra da Escritura, deviam seguir a injunção que é tantas vezes repetida, que toda honra seja dada a Deus. E disso segue que nenhum deles, por causa de seu próprio mestre, devia enfatuar-se em relação ao outro. Este foi o aspecto desagradável e questionável de todo este movimento em Corinto, que cada um se orgulhava de seu próprio mestre e líder às expensas de todos os demais. Aqueles que se chamavam

---

<sup>30)</sup> *Expositor's Greek Testament*, 2. 798.

pelo nome de Paulo, ostensivamente pela glorificação de Paulo se gabavam contra aqueles que faziam o mesmo com referência a Apolo. Em última análise, porém, a jactância de cada partido partiu dele mesmo, da sua própria astúcia em escolher um patrono tão estudado e dotado. Quando apreciamos os servos de Cristo que atuam corretamente em nosso meio, quando sempre guardamos em mente a luz reveladora do grande dia que há de vir, então todas estas manifestações duma mente carnal irão desaparecer em nossas congregações e hesitaremos em exigir mais de nossos pastores do que isso que são assistentes de Deus para a edificação da congregação.

A loucura do seu presunçoso comportamento é comprovada aos coríntios por meio de três aguçadas perguntas: Pois quem te destaca, quem te coloca numa classe ou partido? Quem lhes deu o direito e a autorização de observar tais distinções tolas, para formar panelinhas e confrarias desta espécie? Também: Além disso, o que é que tens tu que não recebeste? Todos os dons espirituais que a congregação de Corinto possuía, inclusa a de ter tido pastores fiéis, foram presentes misericordiosos da mão de Deus, e neles mesmos não havia nada que merecesse qualquer consideração da parte de Deus. Não tiveram uma só obra da qual se pudessem vangloriar perante Deus, nenhuma sabedoria divina, nenhuma regeneração, fé, amor, de fato nada como sua própria realização e produção: tudo foi graça de Deus. E finalmente, por isso: Se, contudo, pela misericórdia de Deus recebeste realmente todos estes dons, por que se vangloriar como alguém que não as tivesse recebido? Que presunção vã, que vanglória vazia, que orgulho desautorizado sobre os dons de seus mestres, em que eles próprios não tiveram parte alguma! Ter recebido tudo por pura graça e misericórdia e ainda se vangloriar é uma contradição muito injuriosa. Somente a prece mais humilde, louvor e agradecimento devem ser encontrados sempre na boca de todos os cristãos. “Aquele deve ter pouco conhecimento de seu próprio coração que não está ciente da possibilidade do orgulho estar escondido sob a exclamação: Por que eu! quando compara sua própria situação graciosa com a situação não regenerada de outros.”

O status dos arautos da salvação: *V. 8) Já estais fartos, já estais ricos: chegastes a reinar sem nós; sim, Oxalá reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco. 9) Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens. 10) Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes. Vós nobres, e nós desprezíveis. 11) Até à presente hora sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, 12) e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; 13) quando caluniados, procuramos conciliação: até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.* O comportamento dos coríntios resultara numa condição muito desconfortável, a saber, nisso, quer acreditavam serem eles próprios perfeitos em sua vida congregação e que não tinham falta de nada. Em zombadora ironia Paulo lhes expõe este fato, com uma aspereza que mostra a exaltação que o agitava: Tão depressa vos fartastes; tão depressa vos tornastes ricos; sem o nosso auxílio obtivestes vosso reino! O apóstolo expressa um auge intencional debochando da falsa satisfação deles, de sua vã auto-suficiência, de seu comportamento arrogante. Pensavam que sabiam tudo em coisas espirituais, que era supérflua qualquer instrução adicional e que, por isso, não era bem-vinda. Tão depressa levaram um fartão, tão depressa acreditaram estarem tão plenamente instruídos, que abundavam tanto em conhecimento e compreensão que se ressentiram com a idéia de serem instruídos em mais verdade. Sentiram-se tão ricos em talentos espirituais e em graças que qualquer insinuação duma pobreza espiritual lhes era extremamente agradável. Tinham todo o comportamento do novo rico, ou seja, uma ostentação de opulência que corrompeu suas posses espirituais. Pois todo aquele que está satisfeito com seu conhecimento em assuntos espirituais se fecha de ganhos adicionais. Mas o auge de sua enfatuada loucura foi alcançado nisso, que alguns dos cristãos de Corinto acreditaram terem chegado a um estado em que, de modo vão e fátuo, se consideravam na posse plena da promessa do reino. Não somente haviam ultrapassado o ensino de Paulo, não somente se ressentiam com a idéia de que ele tivesse mais algo para lhes repartir. Já não mais lhes existia a vergonha da loucura, ou a humildade dos fracos, ou a cruz dos perseguidos. Para eles já começara o reino, não na demonstração do

Espírito e de poder, mas em exterior observação. Lá onde não são entendidas tanto as insondáveis profundezas do pecado e as inalcançáveis alturas da glória, lá cristãos frívolos, tal como acontece em nossos dias, se enganam e sonham com um reino de Cristo aqui no mundo e do mundo que, apesar de todas as belas frases da Escritura com que é louvado, é essencialmente terreno e nada tem em comum com o verdadeiro reino de Cristo. Mas Paulo, em sua grande tristeza sobre a cegueira dos coríntios, exclama: Eu realmente gostaria que tivésseis chegado ao vosso reino! Se ao menos fosse verdade, para que também nós pudéssemos participar convosco em vosso reino! Se esse tempo ao menos tivesse chegado, para que pudéssemos ser libertos de todo o mal das atuais perseguições e tristezas!

Agora Paulo exemplifica este amargo brado sobre a ingratidão das pessoas: Pois sou da opinião que Deus nos expôs, os apóstolos sendo os últimos, como homens apontados para a morte. O que Paulo tem em mente é, talvez, uma procissão pública num grande dia festivo, em que marchavam em último lugar para a arena os criminosos condenados, ou pensa em gladiadores que, não importando quantas vezes já escaparam da morte num só dia ou durante uma temporada, sempre de novo eram apresentados e desta forma estavam destinados a morrer. Esta foi a ignomínia a que os apóstolos estiveram sujeitos: se haviam tornado um espetáculo para o mundo, tanto para anjos como para as pessoas. Tão distante como seus labores alcançaram, que foi o mundo inteiro então conhecido, tão longe também foram expostos ao desprezo público, observando o espetáculo tanto as pessoas daqui debaixo como os vigias invisíveis que estavam ao redor e acima deles.

Agora o apóstolo nomeia alguns dos detalhes em que algumas destas ignomínias se tornam visíveis: Somos loucos por causa de Cristo, mas vós sois sábios em Cristo, v. 10. Os ministros de Cristo precisam passar por loucos, porque pregam Cristo crucificado, que é uma mensagem que de nenhum modo se amolda à sabedoria do mundo. Mas os coríntios, e muitos dos seus seguidores de hoje, são sábios, sensíveis, são muito cuidadosos na conservação das boas relações com o mundo, sendo a confissão de Cristo conservada discretamente em segundo plano. Notamos que o apóstolo fala, do começo ao fim, num tom de ironia e deboche. Ele continua: Nós somos fracos, mas vós sois fortes. A conduta dos coríntios insinua que não pensaram que Paulo empregou a correta energia em seu trabalho, que em sua cidade culta não bastava a mera pregação do evangelho. Em contraste com esta fraqueza, eles haviam resolvido mostrar o espírito e poder apropriados, vaidosamente exibiam uma ostentação de habilidade para o trabalho do Senhor conforme eles mesmos achavam correto. E finalmente: Vós em honra, mas nós em desonra. Eles eram esplêndidos, gloriosos; as idéias deles para o progresso do mundo eram maravilhosas e envolventes e projetavam grandes coisas para a igreja de Deus. Em comparação a eles os apóstolos não tinham qualquer apreço, mas estavam em vergonha e ignomínia. Paulo sentiu que ele e seu evangelho singelo e tolo não tinham qualquer ostentação lá onde tais planos maravilhosos eram experimentados.

Paulo, propositalmente, continua em seu esforço para descrever sua própria situação: Até esta hora tanto sofremos fome como sede e estamos mal vestidos, v. 11. Participava da condição do povo pobre quanto aos bens deste mundo, e assim o fizeram desde então muitos dos seus seguidores. E somos tratados com violência, sendo que a violência, às vezes, alcançou os maus tratos físicos, a golpes e murros. Não possuímos um lar definido. Paulo sempre precisou esperar ser obrigado a fugir por causa de perseguições. E trabalhamos duro, trabalhando com nossas próprias mãos. Todo o trabalho de seu ministério foi árduo; em adição, porém, Paulo escolheu sustentar-se com o trabalho manual, At. 18. 3; 20. 34. Notamos que as palavras do apóstolo encontram sua aplicação agora mesmo, em meio da nossa, assim chamada, civilização iluminada, e que muitos ministros suporta as mesmas dificuldades, mesmo até o fim, não porque assim escolheram, mas porque foram obrigados – o que é tanto pior!

Com esta triste condição, com as durezas específicas que precisou suportar, concordou o espírito que Paulo costumava mostrar sempre: Ultrajados em nossas faces, profundamente insultados, nós abençoamos. Aquilo que o mundo acredita ser um espírito abjeto e covarde isso é a marca dos servos de Cristo, e exige mais caráter suportar em silêncio um insulto e revidar com uma bênção, do que insultar em retorno. Perseguidos, o suportamos. Os servos de Cristo não usam a

força física para resistir ao mal, nem tentam evitá-lo traindo seu Senhor. Suportam pacientemente tais condições. Sendo difamados, fazemos súplicas. Os ministros de Cristo retribuem palavras difamatórias com dissuasões. Seu alvo em tudo é, se possível, ganhar o inimigo. Insistem com as pessoas para não serem perversas, mas a voltarem para um desígnio melhor, serem convertidas a Cristo. E agora o apóstolo apresenta o verdadeiro auge da degradação: Tornamo-nos como o enxáguo do mundo, como a raspa de tudo. E compara a si mesmo e os outros ministros de Cristo com a espuma, a raspa, o último sedimento que está num caldeirão sujo que precisa ser raspado fora; e à sujeira que é raspada dos sapatos depois que alguém vadeou através de imundície e lama. É isto o que são os ministros fiéis do evangelho aos olhos do mundo, semelhante “a imundície da qual alguém se livre por meio esgoto e da sarjeta.” E estes termos, tal como aqui usados, podem mais outro significado. Pois as palavras foram usadas “especialmente daqueles condenados criminosos da classe mais baixa que, por causa de sua vida degradada, eram sacrificados como ofertas expiatórias, como verdadeiros bodes expiatórios. Era costume em Atenas reservar certas pessoas sem valor as quais, num caso de praga, fome, ou outras visitas do céu, podiam ser atiradas ao mar, na crença que podiam ‘remover’ ou ‘apagar’ a culpa da nação.” (Lightfoot). Nota: A índole do mundo mudou bem pouco desde o tempo de Paulo, ainda que há uma aparência de bondade e tolerância para os ministros do evangelho. Contudo, diante da menor provocação e suspeição supostas, a máscara cai, e está totalmente manifesta que, como diz Lutero, são considerados “como lixo do mundo, escória de todos.”<sup>31)</sup>

A disciplina paterna do apóstolo: *V. 14) Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a filhos meus amados. 15) Porque ainda que tivéssemos milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus. 16) Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. 17) Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como por toda parte ensino em cada igreja. 18) Alguns se ensoberbeceram como se eu não tivesse de ir ter convosco; 19) mas em breve irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e então conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. 20) Porque o reino de Deus consiste, não em palavra, mas em poder. 21) Que preferis? Irei a vós outros com vara, ou com amor e espírito de mansidão?* O apóstolo escrevera em santa indignação a última passagem. Seu discurso jorrara qual torrente descrendo as aflições que haviam sido cumuladas sobre os ministros do Senhor. Quase consegue sentir a profunda humilhação, o sentimento de confusão que neste ponto deve ter entrado nos corações de seus leitores. Por isso, sendo um mestre sábio, acrescenta uma secção que se os previne de se tornarem exasperados. De fato, não fora possível expressar sua repreensão sem fazer que se sentissem humilhados, mas este sentimento devia levar a uma verdadeira reverência confiante em sua posição e em suas palavras. Sua severidade provém do coração ansioso dum pai que sente a preocupação mais profunda por seus filhos: Não é para vos envergonhar que vos escrevo isto, mas para vos advertir como a meus filhos amados. Ele ainda os considerou no mais terno afeto paterno, e afligiu-o que eles demonstrassem um comportamento que em nada era filia, o que foi o motivo de seu premente apelo a eles.

Paulo comprova seu direito a uma admoestação paterna como esta: Pois mesmo que tenhais dez mil pedagogos em Cristo, nem por isso tendes muitos pais. A palavra pedagogo, naqueles dias, designava o escravo da família que tinha a tarefa de levar os meninos para a escola e acompanhá-los de volta ao lar. Tinham que cuidar dos meninos também durante as horas que não passavam na escola e, desta forma, cooperavam em seu aprendizado. Aqui são Paulo aplica a palavra aos outros mestres que podem ter atuado em Corinto, que foram mestres bons e legítimos, que realizavam sua tarefa em Cristo e para Sua glória. Destes eles sempre tiveram muitos, mas só tiveram um pai, somente um que podia ser ligado a eles pelos laços do verdadeiro afeto paternal: Pois, em Cristo Jesus, pelo evangelho, fui eu que vos gerei. Eram seus filhos espirituais, sua vocação para a

---

<sup>31)</sup> C.MA. 419. 160.

comunhão de Jesus Cristo, sua regeneração foi por causa de seu trabalho pessoal. É isto que faz que lhes estejam tão próximos e tão caros a ele. Cf. 1.Pe. 1. 23; 1.Ts. 1. 5; 2. 19; Jo. 6. 63.

Agora o apóstolo faz uso do seu direito de pai: Rogo-lhes, por isso, tornem-se imitadores meus, v. 16. Os filhos devem mostrar o caráter do pai, devem fazê-lo seu modelo, devem imitá-lo, devem segui-lo em sua conduta como cristãos e verdadeiros discípulos do Senhor. Se isto fizesse parte da cruz e das aflições (vv. 9-12), então também iria servir para fortalecer seu caráter e torná-los mais seguros contra a negação, e isto tanto agora como nos dias vindouros. Paulo, para que este objetivo fosse alcançado, recém lhes enviara, ou estava enviando com esta carta, seu jovem assistente, a quem ele também chama um filho amado seu e que é fiel no Senhor, 1.Tm. 1. 2; 2.Tm. 1. 2. Também Timóteo fora convertido pelo trabalho de Paulo, pelos seus esforços obtivera vida espiritual, e, por isso, foi considerado pelo apóstolo como um verdadeiro filho. E visto que, pela atuação do Senhor Jesus Cristo em seu coração, sua característica foi fidelidade em sua conduta cristã, foi ele o homem correto para esta missão: Que vos recordará dos meus caminhos em Cristo Jesus, exatamente como ensino em todo lugar, em cada congregação. Os coríntios, evidentemente, haviam esquecido, não somente uma parte enorme da doutrina de Paulo, como também seus hábitos de vida que evidenciara em seu meio. O conhecimento deles fora reprimido por aquelas influências perversas das quais Paulo falara em toda a carta. Por isso não pôde ser encontrada pessoa mais apropriada para recordar tanto a conduta como as palavras de Paulo, do que o homem que Paulo escolhera como seu representante, o qual faria este seu recordar em acordo com o ensino de Paulo, pois este foi uniforme em todas as congregações gentias. Pois eles, certamente, não se queriam separar desta doutrina apostólica em voga em todos os lugares. Certamente iriam acatar a admoestação terna deste seu representante pessoal e retornar ao correto bem-senso cristão.

E para que alguns dos coríntios não fossem tentados a interpretar erradamente a missão de Timóteo, Paulo se apressa em acrescentar: Mas, posto que eu não venho a vós, alguns se envaideceram. Visto que o apóstolo não veio pessoalmente nesta ocasião, um grupo de pessoas, provavelmente hostis aos métodos de Paulo, começaram a espalhar vangloriosas suposições. Conduziram-se de modo ainda mais insolente, como se pensassem que Paulo tivesse medo deles. Mas a presunção destes esteve destinada a um rápido fracasso, pois o apóstolo anuncia sua intenção de vir rapidamente, tão logo que consiga fazer os preparos neste sentido. Ele escreve isto numa acentuada calma e no cuidado do ofício que preenche. Mas o espírito de acatar em tudo a vontade do Senhor e deixar Sua vontade governar todas as suas ações levou Paulo a acrescentar: Se o Senhor quiser. Cf. At. 18. 21. Pois ele não era tão orgulhoso para julgar-se indispensável na igreja, por isso sem o Senhor não desejou dar qualquer passo. Mas quando chegasse, então iria saber, ou seja, dar a devida atenção, não a palavra dos inflados (dos insufladores), mas o poder. Não estava preocupado com as palavras deles, com estas ele estava suficientemente inteirado, sendo que pretensões ocultas nada o atingiam. Unicamente se queria certificar se havia alguma manifestação do Espírito de Deus nas ações que seguiram às palavras jactanciosas. Queria descobrir se estes falsos líderes da congregação de Corinto podiam mostrar efeitos em sua luta com o pecado, se conseguiam apresentar provas reais de fé e de paciência na tribulação. E ele sentiu que ele mesmo precisava fazer isto, visto que o reino de Deus não consiste em palavra, mas em poder. Os coríntios estavam colocando sua fé em coisas externas, assumindo que o reino de Cristo, ou seja, a igreja em verdadeiro senso, era uma substância visível ou concreta. Nisto, porém, tal como seus seguidores modernos, estiveram enganados. O reino de Cristo não consiste em vil eloquência, em palavras imponentes e ensoberbecedoras de ostentação, mas no poder do Espírito Santo, exercido por meio da palavra sobre os corações das pessoas. Onde impera este poder, lá está o reino do Salvador. “A fé é uma coisa viva e essencial, que renova uma pessoa por completo, muda sua mente e a converte totalmente. Ela chega até ao fundo e efetua ali uma renovação da pessoa toda, assim que, como anteriormente enxerguei um pecador, agora vejo em sua conduta diferente, na outra índole, na outra vida, que ela crê. É isto o que é a fé. E foi deste modo que o Espírito Santo ressaltou as obras, porque elas são testemunhas da fé. Por isso, no caso daqueles em que as obras não são percebíveis, em pouco tempo podemos dizer e concluir: Ouviram a respeito da fé, mas a coisa não lhes atingiu o fundo. Pois se queres continuar a viver em soberba e incastidade, em avareza e ira, mas apesar

disso te orgulhar da fé, são Paulo vira e dirá: Ouve, meu caro amigo, o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder e realizações; quer viver e ser praticado, e não ser realizado por meio de palavras vazias.<sup>32)</sup> Por isso Paulo pergunta em conclusão: O que quereis? O que quereis? Devo vir a vós com vara, ou em amor bem como num espírito de ternura? O fato que quer ir até eles, não lhes permite decidir, pois é algo que pertence ao seu ofício. Mas está na decisão deles a maneira em que virá. Se persistirem em sua condita vã e presumida, então ele se verá obrigado a vir a eles com uma repreensão veemente, Tt. 1. 13, para que sintam sua desobediência. Paulo, porém, preferiria muito mais vir em toda ternura e brandura, sendo-lhe muito mais agradável mostra seu amor em bondade do que rigor. Por isso lhes sugere que aceitem essa atual insinuação e advertência, e assim o poupem dessa tarefa desagradável. Notamos a força da passagem. “Esta passagem, por seu temperamento e vigor, por sua dignidade e serena certeza, não tem nem no próprio Demóstenes seu paralelo.”

**Resumo:** Paulo mostra o relacionamento dos ministros de Cristo com o próprio Senhor, esboça o tratamento que via de regra lhes é concedido no mundo, e, como um verdadeiro pai espiritual, aplica uma repreensão aos coríntios por sua negligência na santidade.

## Capítulo 5

### *A Necessidade De Disciplina Eclesiástica.* 1.Co. 5. 1-13.

Um caso de incesto: *V. 1) Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade, e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. 2) E, contudo, andais vós ensoberbecidos, e não chegaste a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultrage praticou?* Aqui o apóstolo abre outra secção de sua carta, em que ele trata de algumas questões de ordem social e moral. O problema da disputa partidária em Corinto lhe fora reportado por certas testemunhas, mas o monstruoso caso que menciona resumidamente é bem notório, é um escândalo comum é discutido onde quer que o nome de Corinto é mencionado: De fato se ouve que entre vós há fornicção. Não foi um caso dum relato vago, mas foi um fato confirmado e fora de dúvida, do qual se falava comumente em qualquer lugar sendo recordado com horror. Pois foi uma forma de fornicção, de impureza sexual, que até entre os gentios foi desconhecido, a saber, que um homem teve sua madrasta como mulher. Cf. Dt. 22. 30. Este foi um grau de relacionamento, fora de todas as leis da natureza, que era proibido em qualquer lugar, sendo que mesmo os gentios respeitavam a reverência devida à mulher do pai. Mas o membro culpado da congregação de Corinto, semelhante a tantos cristãos carnis desde os seus dias, provavelmente pensou que a liberdade cristã consistia em praticar o que lhe agradava e, desta formou, mudou a liberdade em licenciosidade.

Esta foi a situação, esta foi a abominação infama que se encontrou na congregação de Corinto. Ela leva o apóstolo a perguntar: E vós vos orgulhais? Estando nestas condições, é ainda possível para alguns de vossos membros se gabar e orgulhar e para agir como se estivesseis acima de qualquer instrução? De comum acordo se deviam ter humilhado por causa deste escândalo inaudito, em vez de promover um espírito partidário. Acaso não devíeis ter chorado, irrompido em luto, com o efeito que aquele que perpetrou este ato deve ser removido de vosso meio? Estavam tão envolvidos com seu brilho intelectual imaginário, com seu falso entusiasmo religioso, que não tomavam tempo para investigar o ultraje que estava sendo causado à sua congregação por esta persistente ofensa de seu companheiro. Provavelmente chacoalhavam os ombros e decidiram ignorar o problema desagradável, acreditando, com muitos cristãos de nossos dias, que o problema realmente não tinha tamanha consequência. Não consideraram o incesto que ocorrera em seu meio como um insulto à igreja de Cristo, como uma profanação do templo de Deus. Foi um incidente lamentável, mas tão somente assunto da própria pessoa! Contudo, Paulo lhes incute a noção da

---

<sup>32)</sup> Lutero, 11. 1490.11.

responsabilidade, que não podem permitir que uma tal profanação continue. Precisam ser incitados à ação. Pois o pecador precisa interromper seu escândalo público ou precisa ser excluído de seu meio, e não pode ser mais considerado membro da congregação. Nota: O problema da disciplina eclesiástica está sendo tristemente negligenciado em muitas partes da igreja. Mas congregações e membros individuais nunca devem esquecer: Quando o amor à alma imortal de seu próximo não os induz mais a fazer todos os esforços por ele, até mesmo expulsando-o de seu meio, então a reverência pelo nome que carregam, e o qual não devem atrever-se a desonrar com a impunidade, deve influenciá-los para assumir com seriedade o assunto da correta disciplina eclesiástica.

O veredito do apóstolo: *V. 3) Eu, na verdade, ainda que, ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, 4) em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, 5) entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus.* O caso foi tão claro que Paulo, da sua parte, chegou a uma conclusão. Os cristãos de Corinto estiveram cada dia diante no escândalo mas pareciam sentir nenhum inconveniente, enquanto que o apóstolo, ainda que não presente conforme o corpo, mas só em espírito, se contorceu tanto sob o insulto que fora infligido sobre a igreja de Deus por meio desta transgressão tão flagrante. Por isso só houve uma sentença que pudesse ser dada: Já dei meu decreto, como se estivesse presente, sobre aquele que perpetrou isto deste modo. Notemos como o apóstolo enfatiza o flagrante e a abominação da ofensa. Foi um caso em que eram supérfluas longas negociações e discussões. Dizia respeito a um pecado que tanto a lei grega como a romana carimbava como infâmia, que representava o cúmulo do vício antinatural. E aqui, sob estas condições, um homem escarnecia com sua infâmia à vista da congregação toda. Nestas circunstâncias era possível só uma decisão. A conduta enérgica e rápida do apóstolo ausente forma um contraste tanto mais extraordinário sobre a indolência daqueles entre os quais ocorrera o vergonhoso escândalo.

Agora o apóstolo dá sua sentença: entregar o homem deste tipo a Satanás para a destruição de sua carne, para que o espírito possa ser salvo no dia do Senhor Jesus. Mas ele também mostra a maneira em que esta sentença deve ser proferida: No nome de nosso Senhor Jesus Cristo, quando vos reunistes para uma reunião formal, e o meu espírito, junto com o poder do Senhor Jesus. Então os cristãos de Corinto deviam convocar uma reunião dos irmãos, e nesta reunião, sob a influência diretiva do espírito de Paulo, já sendo conhecida sua opinião sobre o assunto, deviam pronunciar a sentença. E isto devia ser feito em o nome do Senhor Jesus, no qual unicamente cada ato eclesiástico tem validade. O julgamento precisa ser proferido como vindo Dele, porque o pecado foi uma ofensa ao Seu santo nome. E deve proferido com o poder de nosso Senhor Jesus, com aquele poder peculiar da igreja com o qual está investida cada congregação cristã, que é o de reter os pecados dos pecadores impenitentes, enquanto não se arrependem. Em Seu nome também podia ser executado o teor da aterradora sentença. O ofensor devia ser entregue a Satanás, sendo por meio duma resolução formal privado de suas relações com o Senhor da luz e atirado para fora no reino das trevas, onde o deus deste mundo tem a autoridade, 2.Co. 4. 4; 6. 12; Cl. 1. 13. A pessoa incestuosa devia ser entregue para a destruição da carne. Concordando na prática dum pecado tão horrível, o ofensor havia entregue seu corpo ao poder de Satanás. E Satanás, destruiria o corpo, por meio dos efeitos do pecado, talvez por meio desta mesma transgressão, iria afligi-lo com doenças peculiares a um vício tão antinatural e a um comportamento tão coluptuoso. O Senhor, desta forma, usaria o próprio diabo como seu instrumento, para operar na mente do transgressor medo e horror sobre seu pecado e suas conseqüências, para que o espírito, eventualmente, possa ser salvo no dia do Senhor Jesus. Por meio dos castigos que Satanás executa como um juízo justo, o Senhor espera efetuar uma cura do homem e, desta forma, arrebatá-lo sua alma semelhante a um tição das chamas. Satanás só tem em mente a eterna perdição tanto da alma como do corpo do pecador, mas o Senhor, que é misericordioso mesmo quando os mandatos de Sua santidade precisam ser executados, planeja usar o castigo como um meio para chamar o pecador ao arrependimento. Desta maneira muito pecador, sobre quem fora pronunciada a sentença de excomunhão, pôde chegar, conforme a intenção graciosa do Senhor, por meio dos efeitos e das conseqüências de seu pecado, à compreensão de sua transgressão, e, tal como o ladrão na cruz, mesmo na última hora se voltou ao

seu Senhor. No grande dia do Senhor, quando será pronunciada a salvação ou a perdição de cada ser humano, muitas pessoas desta forma podem ser colocadas à mão direita do Senhor, porque a intenção graciosa do Senhor se cumpriu nesta maneira. Nota: Uma congregação cristã sempre precisa estar cônica do fato que o objetivo da excomunhão não é a perdição, mas a salvação da alma.

A absoluta necessidade de purificação nas congregações cristãs: *V. 6) Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? 7) Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois de fato sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. 8) Por isso celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia; e, sim, com os asmos da sinceridade e da verdade.* Este caso da pessoa incestuosa não foi o único problema errado na congregação de Corinto. Em geral foi fato que a jactância deles, aquilo de que se vangloriavam, não foi bom, não sendo de qualidade aceitável. Entre seus membros havia quem vivia tudo, menos uma vida modelar e pura, razão porque de sua parte devia ter sido omitida toda jactância e vanglória. Paulo prossegue ilustrando por meio duma comparação familiar, por meio dum dito proverbial, que o vangloriar-se não lhes serviu de mérito algum, e que a corrupção que se encontrava entre eles devia tê-los levado à mais profunda humilhação: Um pouco de fermento leveda a massa toda, toda mistura de farinha. Um pecado desta espécie maculou a comunidade toda. Assim como o cristão individual não pode tolerar qualquer pecado, até mesmo o menor, sem corromper toda sua natureza, assim também uma congregação inteira sofrerá as conseqüências quando permite que um só de seus membros continue numa ofensa pública e flagrante. “E nisto o aspecto pior é que uma corrupção como esta se enraiza tão poderosamente e mantém sua posição de modo tão obstinado que já não mais pode ser desarraigado. Assim como o fermento, não importando quão pequena seja a quantia que é juntada à massa, a perpassa totalmente, assim que, em pouco tempo, tudo está azedo e ninguém pode impedir que seja assim, ou fazer com que novamente seja doce.”<sup>33</sup>)

Em vista disso Paulo dá o conselho: Tirai completamente o velho fermento. Ele recorda seus leitores da preparação para a antiga celebração da festa da páscoa. A remoção do fermento, Ex. 12. 18, 19, era praticada no dia 13 ou, quando tarde, na manhã do dia 14 de Nisã, sendo realizada com o maior cuidado. Todos os lugares da casa em que pão havia sido guardado ou em que migalhas de pão podiam ter caído, eram examinados à luz de vela, e todos os cantos escuros cuidadosamente raspados, para que não restasse fermento algum que pudesse macular a festa da família. Bem da mesma forma os coríntios precisam tirar de seu meio a pessoa incestuosa e remover todas as ofensas públicas. E é exatamente assim que os cristãos de todas as épocas limpam de si mesmos o velho fermento do pecado por meio de diária contrição e arrependimento, e insistem sobre a aplicação do poder de ligar os pecados no caso de transgressões notórias de membros da igreja. E o objetivo dessa purgação, conforme a vontade de Deus, deve ser: Para que sejais uma nova massa, tal como sois sem fermento. Quando um cristão se preocupa em reprimir seu velho Adão, e se empenha no máximo para manter a pureza da congregação cristã, então é realizada a vontade de Deus na gradual produção duma massa santificada, da qual é removido todo fermento vil, que só é governada pelo Espírito de Deus. E a habilidade de alcançar isto está baseada no dom da graça de Deus, ou seja, o fato que todos os cristãos são encarados como sem fermento, como limpos e puros por causa da expiação de Cristo, Jo. 15. 3. “O apóstolo ordena que o fermento velho seja varrido fora, e dá esta razão: Pois sois uma massa nova e sem fermento. Ele chama ser uma massa nova ou doce ter a fé que se apega a Cristo e que crê que por meio Dele tem perdão dos pecados. Tal como logo a seguir dirá de Cristo, a nossa páscoa, que foi sacrificado por nós, etc. Por meio desta mesma fé somos purificados do velho fermento, isto é, dos pecados e duma má consciência, e já temos começado a ser pessoas novas.... Vede, esta é uma das coisas que este texto nos ensina, a saber, que também nos santos ainda permanecem fraqueza e muita coisa que é impura e pecaminosa, que precisam ser removidas, não que não sejam forçados, visto que estão em Cristo e

---

<sup>33</sup>) Lutero, 12. 480.

removem um tal fermento.”<sup>34</sup>) Que os cristãos são considerados limpos e puros ante Deus por meio dos méritos de Cristo, e que por isso devem empenhar-se para manter esta pureza e conservar imaculadas suas vestes, tudo se baseia neste um fato: Pois também a nossa páscoa, que é Cristo, está sacrificado por nós. Bem esta sugestão precisou despertar a atenção a pessoas familiarizadas com os costumes da festa judaica: Já abatido o cordeiro pascal, e não ter removido o fermento! Isto teve o objetivo em torná-los desejosos para todo progresso na santificação, e de todas as formas, visto que todos os cristãos são participantes neste dom maravilhoso. Cristo é o cordeiro pascal, e todos os cordeiros da festa do Antigo Testamento só foram tipos, que apontavam para diante para o cumprimento, Is. 53. Cristo foi sacrificado, abatido, como um cordeiro que levou sobre si os pecados do mundo. Os pecados do mundo são tão imensos e terríveis que, no caso do substituto de todas as pessoas, a imensa, séria e terrível ira de Deus, devido aos pecados, como diz Lutero, não se pôde conter em executar a sentença de morte. Deus não poupou Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós. Desta forma Cristo verdadeiramente se tornou nossa páscoa. Por Sua causa, por causa do sangue que Ele derramou, e que foi pintado nos portais de nossos corações, o anjo da destruição ignora a todos os cristãos, assim que a praga da condenação eterna não consegue aproximar-se e nossa habitação.

Sendo todas as condições cumpridas desta forma: Guardemos, por isso, a festa, celebremos a ceia pascal e continuemos no desfrute destas bênçãos. E visto, como escreve Lutero, nós cristãos sempre temos páscoa, visto que o Cordeiro pascal perdura para sempre, por isso a obra da santificação que em nós foi iniciada na regeneração deve continuar através de toda a vida de todos nós. Uma vida consagrada é seqüência natural da união íntima entre Cristo e os cristãos. O apóstolo explica isto: Não no velho fermento, nem no fermento da ruindade e da mesquinhez, mas nos ázimos da sinceridade e da verdade. O velho fermento que é tudo o que cheira à velha natureza pecaminosa, foi expurgado, jamais deve reassumir o governo dos corações dos cristãos. São mencionados duas manifestações deste velho Adão: o fermento da ruindade, da malícia, de qualquer transgressão pela qual é infligido prejuízo sobre nosso próximo; e o fermento da mesquinhez, da maldade, cujo objetivo é seduzir as pessoas da compreensão correta da palavra para operar tudo o que é ofensa. Opõe-se a esta disposição viciada e do seu exercício ativo a guarda da festa dos pães azimos da pureza e da verdade, o que é a correta disposição interna que não conhece qualquer perfídia, com a qual também concorda toda a vida externa da pessoa, “que tanto guardemos a pura doutrina do evangelho como também nos conformemos por meio duma vida e um exemplo santos, e assim continuamente vivamos de modo correto, como numa eterna festa da páscoa,... em que nós, como novas pessoas pela fé em Cristo, vivemos e continuamos de modo correto, santo e puro, em paz e alegria no Espírito Santo, enquanto vivemos aqui na terra.”<sup>35</sup>)

Expondo um termo mal entendido: *V. 9 Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros: 10) refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso teríeis de sair do mundo. 11) Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais. 12) Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os dentro? 13) Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor.* Algum tempo antes Paulo escrevera uma carta aos coríntios a qual se perdeu, provavelmente, por algum motivo, destruída imediatamente. Naquela epístola usara um termo que fora entendido de modo falso: Não se tornar íntimos com fornicadores. Os cristãos de Corinto haviam interpretado a palavra num sentido muito rígido, a saber, que se lhes exigia a, sob circunstância alguma, nem mesmo em negócios e nas realizações de suas tarefas como cidadãos, não terem qualquer relacionamento com quaisquer pessoas que tivessem hábitos imorais. A palavra que Paulo usara significa literalmente “misturar-se com”, e ele agora o interpreta para eles: De modo algum vos proíbo ter intercurso com os fornicadores deste mundo ou com os avarentos, os roubadores, ou os idólatras. Caso tiveram a intenção de se afastar

---

<sup>34</sup>) Lutero, 12. 483, 485.

<sup>35</sup>) Lutero, 12. 488.

completamente de todas as pessoas culpadas destes pecados, mesmo no curso de sua vida comercial ordinária, então o resultado inevitável seria que deviam sair do mundo. Em Corinto era impossível ir ao enalço de qualquer distração sem entrar em contacto diário com pessoas imorais, rapaces e idólatras. Paulo esteve bem ciente deste intercurso inevitável. Jamais teve a intenção de sugerir ou aprovar a vida de anacoretas, eremitas e monges. Agora, porém, na presente epístola, está colocando suas admoestações numa linguagem que não permite uma interpretação errônea ao seu significado. Se alguém ainda está em dúvida quanto à interpretação da carta anterior, lhe será impossível entender mal seu atual significado: Se alguém se chama de irmão, professando ser um membro da congregação cristã, arrolado como um dos do número dela, mas é um fornicador, ou avarento, ou idólatra, ou um que diz insultos, um que abusa dos outros, ou um beberrão, com esse nem mesmo deveis comer. Paulo só da alguns poucos exemplos de ofensas flagrantes e abomináveis, as que, obviamente, tornam uma pessoa indigna de pertencer à comunhão dos irmãos em Cristo. Um cristão pode ter com tais pessoas transações comerciais, mas entrar com eles em amigável relacionamento de intimidade social, ter com pessoas desta marca trato fraterno e amigo, será uma conduta que jamais concordará com a profissão da fé cristã. Quanto aos descrentes, a congregação cristã não tem qualquer autoridade sobre eles: Que direito tenho eu para julgar aqueles que estão de fora? Nós cristãos realmente sabemos que os infiéis e pecadores grosseiros estão sob a condenação de Deus. E são muitas as circunstâncias que se apresentam em que os informamos deste efeito. Aqui, porém, o apóstolo fala da comunhão, da intimidade social que há dentro da congregação, ou seja, da comunhão cristã. Não sendo os descrentes membros da congregação cristã, a autoridade da congregação não se estende até eles. Acaso não julgais os que estão dentro, enquanto que aos que estão fora Deus julga? Deus, como Juiz do mundo, cuida da sentença sobre os de fora, sobre os descrentes. No que diz respeito à congregação de Corinto, devem tirar de seu meio o homem perverso, exclui-lo de sua comunhão, e assim preservar a pureza de sua participação em Cristo. A expulsão foral do pecador malévolos deve ser feita pela congregação por ser um ente que se governa a si mesmo. Nota: A necessidade de disciplina eclesiástica é, aqui, defendida e precisa ser mantida se a congregação cristã quiser cumprir seu destino e propósito.

**Resumo:** Paulo reprova com severidade aos coríntios por sua negligência em disciplinar uma pessoa incestuosa do seu meio, e corrige um mal-entendido quanto à intimidade social com transgressores manifestos do Decálogo, cuja conclusão da congregação exige.

## DISCIPLINA ECLESIASTICA

A questão da disciplina eclesiástica na congregação cristã não está sob o título das coisas indiferentes, como são Paulo mostra no capítulo acima, sendo o seu emprego, ao contrário, ordenado e insistido em termos muito enfáticos nas Escrituras. O fato, que grande número de congregações negligenciam esta parte importante das tarefas que lhe foram impostas pelo Senhor da igreja argumenta em favor do mundanismo da igreja, é, de fato, em muitos casos uma indicação de desintegração. O ensino das Escrituras sobre este ponto é muito claro.

O Senhor, antes de tudo, concede instruções muito claras sobre as pessoas em cujo caso deve ser exercida a disciplina eclesiástica. Estas pessoas são os irmãos e as irmãs que pertencem à congregação, que se juntaram à congregação, seja por batismo ou por confirmação, ou por meio duma carta de demissão duma outra congregação, ou por meio de confissão de fé que indicam unidade espiritual completa. Enquanto que neste caso ele ou ela é membro da congregação, está ele ou ela sob a jurisdição da congregação, no que diz respeito à disciplina eclesiástica, Mt. 18. 15; 1.Co. 5. 11. Quando uma pessoa declara que ele ou ela já não é mais membro da congregação, e insiste que não tem mais nada a ver com a congregação, então esta última só pode dar uma afirmação, declarando que tal pessoa faz parte daqueles que estão fora, 1.Co. 5. 12. Expressamente, contudo, deve ser entendido que a autoridade da congregação não se limita aos membros votantes e só aos homens, mas que inclui todos os membros da congregação, sejam homens e mulheres, jovens e velhos.

Uma pessoa, para ser passível de disciplina eclesiástica, precisa ser um pecador, contudo, não no sentido em que todos nos erramos, a saber, que diariamente pecamos muito e nada mais merecemos do que castigo, assim que nos sentimos obrigados a nos despirmos diariamente dos nossos pecados por meio de diária contrição e arrependimento, mas no sentido de ser um ofensor e transgressor flagrante, público e proposital da vontade de Deus. Os pecados com os quais aqui nos preocupamos são transgressões duma palavra inequívoca de Deus, pecados que tiram a fé do coração e tornam uma pessoa não mais cristã. Alguns destes são mencionados em 1.Co. 5. 11. Outros são: deliberada negligência da instrução cristã dos filhos, desleixo no uso dos meios da graça, obstinada defesa duma heresia óbvia, inimizade e implacabilidade, negação duma verdade fundamental das Escrituras, e muitas outras. Quando um membro da congregação se torna culpada destes e outros pecados semelhantes, que estão claramente proibidos no Decálogo, então ela se torna passível de disciplina eclesiástica.

O Senhor também descreveu a forma que deve ter a disciplina eclesiástica. Devem ser observados como norma os passos dados em Mt. 18. 15-18. Aquele que sabe a respeito do pecado que foi cometido deve ser o primeiro que vem ao pecador e tenta ganhar seu irmão. Se falharem todos os seus esforços, então deve ele tomar consigo uma ou duas testemunhas e repetir suas tentativas. Carinhosa paciência é essencial neste ponto. Mas, se cada tentativa se encontra com a mesma resistência obstinada, então, finalmente, o assunto deve ser levado à atenção da congregação. Também aqui, novamente deve ser empregada toda longanimidade, enquanto houve alguma esperança de ganhar ao membro em erro. Somente quando todos os esforços se tiverem mostrado fúteis então deve ser feita a resolução da excomunhão. De maneira alguma este procedimento deve ser suspenso, em especial não quando o pecado é notório à maioria dos membros da igreja, 1.Tm. 5. 20. Até mesmo neste caso, contudo, a sabedoria da caridade, vida de regra, irá achar que o assunto deve, primeiro, ser tratado num círculo menor. Os membros da congregação sempre precisam permanecer cônscios do fato que neles deve habitar a mente de Jesus Cristo, e que todos os esforços precisam ser conduzidos por um espírito verdadeiramente evangélico. Pois o objetivo da disciplina eclesiástica é sempre ganhar o irmão, se possível, trazê-lo à compreensão de sua transgressão, e conservá-lo na congregação. E mesmo quando a sentença da excomunhão precisa ser proferida, isso deve ocorrer com tristeza e na esperança que, na dispensação de Deus, o espírito do ofensor ainda possa ser salvo no dia do Senhor Jesus, 1.Co. 5. 5.

A disciplina eclesiástica está aos cuidados da congregação, Mt. 18. 20; 1.Co. 5. 4. “É fato, a nossa assembléia dos membros votantes não é a congregação inteira, mas representa a congregação inteira e forma uma assembléia que se adapta muito bem ao exercício da disciplina eclesiástica. Está perfeitamente evidente que crianças e aqueles que não alcançaram a idade necessária não são capazes de participar no exercício deste poder. Pois isto pressupõe uma certa medida de conhecimento cristão e uma certa maturidade de caráter. O próprio Senhor, por isso, excluiu as mulheres da pregação pública e do voto na congregação. E por isso se tornou costume entre nós dar aos membros masculinos da congregação que alcançaram os vinte e um anos de vida o direito de votar, e de colocar nas mãos destes membros o governo da congregação e o exercício da disciplina eclesiástica. Até mesmo pode acontecer que o exercício da admoestação no terceiro passo seja confiado a um círculo menor. Este é, particularmente, o caso quando diz respeito a uma pessoa do sexo feminino, que possa estar envergonhada demais para comparecer ante uma assembléia maior de homens. Neste caso o objetivo da disciplina eclesiástica, a saber, o de ganhar a irmã, pode ser alcançado mais facilmente num círculo menor.”<sup>36)</sup>

## Capítulo 6

### Recorrendo À Justiça Com Irmãos. 1.Co. 6. 1-11.

---

<sup>36)</sup> Cf. *Hom. Mag.*, 1906, March ff.; 1902, July; *Syn. Ber.*, Mittl. Distr., 1904; Minn., 1918.

A queixa: *V. 1) Aventura-se algum de vós, tendo questão contra outro, a submetê-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? 2) ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois acaso indignos de julgar as coisas mínimas? 3) Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos; quanto mais as coisas desta vida? 4) Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja!* A abertura deste capítulo está marcada por uma explosão abrupta de sentimento magoado diante da conduta indigna manifestada por alguns dos cristãos de Corinto, provavelmente daqueles que eram de origem gentia: Atreve-se, acaso, algum de vós, quando tem algo contra alguém outro, apresentar queixa perante os injustos e não perante os santos? Alguém de vós, acaso, tem a coragem de fazer aquilo de que um senso correto de dignidade cristã o deveria ter prevenido? Acaso não se envergonha ninguém diante de sua própria audácia ao apresentar queixa desta forma? A palavra usada pelo apóstolo se refere a uma demanda civil, via de regra em assuntos que envolvem dinheiro e posses. Na opinião de Paulo era simplesmente impermissível que controvérsias entre os cristãos fossem arejadas nas cortes dos gentios. Era-lhe manifesto que todos os assuntos sobre diferenças deviam ser regulados em seu próprio meio, pelo seu próprio povo. Pois parecia uma contradição que aqueles que eram apontados como injustos, não corretos, pelos cristãos fossem chamados para regular querelas dentro da congregação, para administrar justiça aos santos, cuja dignidade moral devia ter sentido o absurdo desta posição. “Aqui Paulo não condena aqueles que por necessidade têm uma causa perante juízes infieis, como quando uma pessoa é citada a juízo; mas aqueles que por sua própria decisão trazem seus irmãos a este situação, e os perturbam, como aconteceu, por meio dos descrentes, enquanto está em seu poder empregar outro remédio.” (Calvino).

O apóstolo prossegue em sua investida com uma referência às prerrogativas incomparáveis deles: Ou não sabeis, será que acontece que ignorais o fato, que os santos hão de julgar o mundo? Esta é aquela uma passagem das Escrituras que fala da participação dos cristãos no julgamento do mundo. O que fora dito dos apóstolos em particular, Mt. 19. 28, aqui é estendido a todos os verdadeiros seguidores de Cristo. Cf. Dn. 7. 22; Ap. 2. 26, 27; 20. 4-6; 2Ts. 1. 10; Jd. 14. A união dos membros com Cristo, sua Cabeça, é tão íntima e perfeita, que, quando a Cabeça aparece na glória do julgamento, também os membros participarão nesta função judicial. Por isso Paulo pergunta: Se, pois, o mundo é julgado entre e perante vós, sois, acaso, indignos dos menores tribunais, sois incompetentes para julgar comparativas ninharias? Se devem participar na sessão grandiosa e gloriosa do juízo final, com certeza o que é terreno, o que é banal, o que é insignificante não lhes deve ser excessivamente difícil. Quão disparatado lhes é julgar assim!

O apóstolo se ergue a alturas ainda maiores: Acaso não sabeis que nós haveremos de julgar anjos, que é parte de nossas funções pronunciar a sentença sobre os próprios poderes celestes? Estão excluídos os anjos bons, por já estarem confirmados em sua bem-aventurança e formarem parte da comitiva de Cristo no dia do juízo. Mas sobre os anjos maus os cristãos pronunciarão, no último dia, a sentença da condenação. O próprio Satanás, que é o deus deste mundo, 2.Co. 4. 4, e seus anjos, que também são soberanos do mundo, Ef. 6. 12, também ouvirão sua sentença proferida pelos que crêem que eles haviam tentado afastar de Cristo. A sentença que eles proferirão decidirá a sorte final dos anjos, não dizendo, certamente, nada sobre coisas seculares, de coisas que só dizem respeito a esta vida! Os cristãos não considerarão tais coisas indignas de sua dignidade; antes a certeza de sua futura posição tão digna os fará tanto mais cuidadosos e conscienciosos em seu julgamento das coisas desta vida quando houver alguma diferença de opinião entre eles sobre qualquer questão.

Agora o apóstolo mostra o quanto a prática deles diferiu do estado ideal que ele teve em mente: Se agora vossos tribunais são realizados para regular demandas civis, se os realizais para arrumar vossos interesses seculares, então são aqueles que estão totalmente desprezados na igreja que vós constituís como juízes. Quando eram realizadas as sessões de julgamento em Corinto, eram obrigados a comparecer as partes que tinham algum processo civil a apresentar. As partes em litígio então podiam, com o objetivo de julgar os casos, selecionar certo número de homens da lista dos nobres cujos nomes haviam sido colocados nas listas como possíveis juízes. Pois, conforme o

costume romano as partes em litígio tinham garantido este direito para que pudessem colocar total confiança na integridade dos homens que deviam atuar como juízes. Que contradição absurda! Os cristãos, que haviam sido chamados à esperança de julgar o mundo e, até, os poderes celestes, escolheram por juízes aqueles que, apesar do respeito que tinham como cidadãos, eram ainda assim considerados, do ponto de visto dos cristãos, como desprovidos que qualquer honra e respeito. Pode-se imaginar, muito acertadamente, o sorriso presunçoso e triunfante que se estampou nas faces dos juízes quando cristãos em litígio lhes entregavam seu problema! Que vergonha para a confissão cristã e para o nome de Cristo encontrar disputa e briga ante um tribunal gentio enquanto se confessavam serem seguidores do Príncipe da Paz!

A repreensão do apóstolo: *V. 5) Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? 6) Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos? 7) O só existir entre vós demandas já é completa derrota para vós outros. Por que não sofreis antes o dano? 8) Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano, e isto aos próprios irmãos.* Não é de estranhar que Paulo, sob estas circunstâncias, brada vergonha sobre eles. A conduta deles é vergonhosa e totalmente inconveniente a cristãos humildes e caridosos. E ele acentua ainda mais este ponto: Será que as coisas progrediram assim entre vós que não há nem um homem sábio entre vós que possa tomar uma decisão entre seus irmãos? Acaso não havia um só homem com suficiente experiência para arbitrar um assunto quando surgiu uma causa? Ele conclui que evidentemente não existe este homem, visto que um irmão está envolvido em litígio com outro, e isto perante os descrentes! Se ao menos houvesse um homem na congregação que fosse suficientemente sábio para resolver tal assunto em particular, eles, com certeza, o teriam chamado para decidir as disputas. Por isso eles propalam suas queixas de uns contra os outros perante os magistrados descrentes. Não foi isso equivalente a uma confissão de bancarrota?

Agora Paulo para expor a verdadeira raiz do problema: De fato é completamente um detrimento para vós, algo completamente mau, que tendes processos. Deste seu começo é lhes uma derrota, falando de modo moral, que o assunto chegou a este ponto, que suas diferenças chegaram a este ponto. Seu caso está perdido antes mesmo de terem entrado no tribunal, e sua ação representa um precipitar-se do alto nível dum sentimento cristão puro. A causa do cristianismo está fadada a ser prejudicada por meio dum comportamento como este, pois será natural que os gentios irão julgar o valor moral do movimento pela evidência do seu poder nas vidas dos cristãos. A maneira como os cristãos de todos os tempos se devem conduzir em casos que poderão evoluir em ações judiciais conforme é comum na experiência humana, o apóstolo afirma na mais admirável das formas de perguntar: Por que não suportais a injustiça? Por que, ao contrário, não vos submeteis ao engano? Aqui Paulo reproduz o ensino de Jesus, Lc. 6. 27-35. Quando seguirem o exemplo de Jesus e de Paulo, os cristãos sempre serão constrangidos a sofrer a injustiça antes de afligirem injustiça. Mas os membros litigiosos da congregação de Corinto ainda não haviam alcançado este estágio de amor altruísta: Antes acontece que cometeis o que é mau e que lesa, privais vosso próximo daquilo que é seu, e, literalmente, o fazeis com os vossos irmãos! O relacionamento espiritual que existe entre os cristãos deve torná-los ainda mais dispostos a em amor transigir com o irmão, mas eles, em vez disso, provocam brigas, e cometem o mal. “Aqui Paulo não ataca o tribunal, mas a imperfeição do coração que um irmão cita o outro ao tribunal secular, a saber, ante os inimigos da fé. Pois ele não proíbe que se invoque a justiça e busque a proteção da vida, visto que então um Senhor não teria a permissão de afastar o cordeiro do lobo. Eles, contudo, buscavam sua vingança pessoal; tentavam trazer desgraça sobre seu irmão. Mas este texto se destina a ensinar-nos que não deve ser a ânsia e o desejo por vingança o motivo de apelarmos ao juiz por auxílio, mas, antes, a justiça e a necessidade.”<sup>37)</sup>

Advertência aos cristãos imorais: *V. 9) Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, 10) nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores*

---

<sup>37)</sup> Lutero, 22. 1958.

*herdarão o reino de Deus. 11) Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus.* O apóstolo acabara de relatar aos coríntios que estavam longe de mostrar a mente de Cristo, que, antes, estavam praticando o mal, que estavam exibindo uma disposição vingativa e injusta ao trazerem perante os tribunais gentios queixas contra seus irmãos. Agora ele amplia este pensamento: Ou não sabeis que os que praticam o mal não herdarão do reino de Deus, não percebem a consumação de todas as esperanças cristãs? Mesmo que seja por causa de sua ignorância, sua conduta os coloca no mesmo nível dos ímpios. Assim acontece que Paulo adiciona uma advertência: Não vos deixeis iludir; não permitais que pensamentos tolos se apossam de vossas mentes. Seus leitores não deviam cometer o engano que a liberdade do evangelho fosse equivalente com libertinagem e licenciosidade; graça misericordiosa não implica no direito de pecar. Ao contrário, os pecados que tão amplamente prevaleciam em Corinto e nos quais alguns membros da igreja estavam viciados, excluía totalmente o transgressor da herança do reino de Deus. Pertenciam a estes flagrantes violadores da santa vontade de Deus os fornicadores, ou seja, aqueles que buscavam a gratificação de desejos sexuais fora do laço matrimonial; os idólatras, ou seja, aqueles que adoravam deuses estranhos; os adúlteros, ou seja, aqueles que quebraram o laço matrimonial; - estes três pecados eram praticados publicamente em Corinto no culto da deus gentia; - os voluptuosos, ou seja, aqueles que estavam viciados em todas as formas de sensualidade; os sodomitas, ou seja, aqueles que eram culpados dos vícios antinaturais como os que eram praticados pelos gregos num modo tão desavergonhado; os ladrões, as pessoas avarentas, os beberrões, os injuriosos, os saqueadores ou os extorquidores. Marquemos como a repetição da negação enfatiza o fato de sua completa exclusão das bênçãos que Deus reservou para os cristãos.

E neste ponto o apóstolo, segundo seu modo peculiar, lembra os cristãos de Corinto dos dons gloriosos de misericórdia que receberam, contratando seu estado atual com aquele de antes de sua conversão: E estas coisas alguns de vós foram. Havia sido tal traste, tal súcia, havia sido tal abominação, isto é, alguns deles. A maioria deles, felizmente, não haviam sido culpados de tais vícios extremos. Mas estas coisas agora são coisa do passado, pois haviam sido lavados completamente no batismo, quando o poder de Deus no sacramento removeu-lhes a impureza, Tt. 3. 5; At. 22. 16; Cl. 2. 11, 12; Ef. 5. 26. 27. Havia sido santificados; haviam sido separados do mundo e pelo mesmo ato sacro sido consagrados a Deus, haviam sido trasladados na comunhão com Deus. Havia sido justificados; haviam entrado no estado em que Deus os encara como justos e virtuosos, em que Ele lhes impute a justiça de Jesus Cristo. E tudo isto foi feito no nome do Senhor Jesus Cristo, por meio do qual todos os dons da graça foram tornados possíveis, e no Espírito de nosso Deus, por cujo poder é efetuada a regeneração. Os que crêem são a propriedade consagrada e viva de Cristo, porque o Espírito de Deus habita neles. Desta forma a entrada dos cristãos no estado da graça é expresso em todo seu contraste glorioso com as condições vis do irregenerado, para que a recordação destes privilégios sempre os incite a uma vida que concorda com sua vocação celestes.

#### *A Necessidade De Conservar O Corpo Imaculado.* 1.Co. 6. 12-20.

A prudência cristã: *V. 12) Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas. 13) Os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aqueles. Porém o corpo não é para a impureza, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. 14) Deus ressuscitou ao Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder.* O apóstolo repetidas vezes tocara no fato que a liberdade cristã é incompatível com a licenciosidade. O amor de Cristo deve regular o uso da liberdade cristã de que todos os meus atos que tenho o poder de realizar precisam cooperar e beneficiar meu próximo; e, por outro, que a liberdade cristã não tolerará qualquer coisa sobre a qual tenho o poder para que me dominem e tornar seu cativo. A lassidão em coisas morais na congregação de Corinto não podia ser escusada com a máxima: Tudo está em meu poder, cap. 3. 22. O fato em si está posto, mas precisa ser balanceado pelo princípio da conveniência e pela

diferenciação entre liberdade e libertinagem. Um cristão pode ter poder sobre todas as coisas, mas descobrirá que todas as coisas não são vantajosas, não são boas para seu próprio bem-estar. E mais: Certas coisas podem estar no poder do cristão, mas seria tolice usá-las em excesso (temperança, continência), pois, fazendo-o, são capazes de dominá-lo, e, assim, pelo abuso de sua liberdade ele perderá os frutos riquíssimos de sua liberdade.

O apóstolo traz dois exemplos para ilustrar seu significado: alimentos para o estômago e o estômago para seus alimentos. Deus criou as diferentes espécies de alimentos com o objetivo de serem recebidos e digeridos no estômago pelo corpo, e destinou o estômago para o objetivo de receber os alimentos e participar de sua digestão. E Deus, no final, aboli, destrói, tanto o estômago como os alimentos. Desta forma o processo de comer é algo por si mesmo moralmente indiferente. Mas tornar-se um escravo do estômago, render-se à intemperança, é obviamente um abuso do poder concedido por Deus. O caso seguinte é mais sério: O corpo não é para a fornicação, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. Ninguém, jamais, pode demonstrar que a capacidade procriadora e o desejo venéreo justificam uma transgressão da santa regra de Deus sobre a sacralidade do laço matrimonial. A fornicação é uma perversão do uso legítimo do corpo, que tem relações mais importantes, mais vitais, do que as ligadas com esta vida sobre a terra. O corpo pertence ao Senhor, está moldado para o uso do Senhor; deve ser encontrado empenhado em Seu serviço. E o Senhor, por sua vez, habitará no corpo, Ele mesmo será seu verdadeiro alimento e sustento, Jo. 6. 15, 33, 53. Este fato é expresso de modo ainda mais forte, porque o destino do corpo é a vida eterna: Mas Deus ressuscitou tanto ao Senhor e também ressuscitará a nós pelo Seu poder. Primeiro aconteceu a ressurreição de Cristo da sepultura, mas nós, como Seus irmãos e membros, seguiremos nossas primícias em Sua ressurreição, e nossos corpos serão moldados conforme o Seu corpo imortal. Sendo, porém, estas coisas assim, como pode qualquer cristão ainda render seu corpo como um instrumento de imoralidade?

Uma advertência séria contra a imoralidade: *V. 15) Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. 16) Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne? 17) Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. 18) Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. 19) Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? 20) Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.* O apóstolo fala movido por santo zelo, com justa indignação, sem qualquer reserva, apresentando a verdade em sua hedionda nudez. É seu objetivo conduzir seus leitores à clara consciência sobre o caráter abominável do vício que alardeava de modo tão descarado seus pendões em sua cidade. Ele o revela em toda sua repugnância, por meio duma representação vívida: Não sabeis que nossos corpos são membros de Cristo? Devia, pois, eu tirar os membros de Cristo e fazê-los membros duma prostituta? De modo algum. Cristo é a Cabeça da igreja, e cada cristão se torna pela fé um membro desta uma Cabeça. Ele é um dos órgãos daquele grande corpo e está destinado a funcionar somente no interesse do Senhor. Esqueceria, pois, alguém a dignidade que é devida a Cristo e ao Seu serviço a ponto de fazer seu corpo membro duma prostituta e assim se tornar infiel ao seu chamado e infiel a seu Senhor? A sugestão em si já enche o apóstolo de horror. Pois como poderia alguém escolher preferir uma prostituta em vez de Cristo? Como poderia alguém alienar seus afetos do seu legítimo proprietário e centrá-los numa conexão tão perversa?

Temendo que os coríntios ainda não o tenham compreendido ou deliberadamente interpretassem erradamente suas palavras, são Paulo amplia ainda mais: Ou não sabeis que aquele que se une a uma prostituta é um corpo com ela? Pois, Deus diz, os dois serão uma só carne, Gn. 2. 24. Esta bênção de Deus foi intentada para santificar as relações íntimas do casamento. Aquele, porém, que quebra a ordenança de Deus e busca a gratificação do simples desejo fora do laço matrimonial, se torna um corpo com quem que não é sua mulher. Mas a palavra do Senhor permanece: Relação carnal significa união dos corpos. A união sexual constitui um laço

permanente entre as partes envolvidas, pois a palavra do Senhor se aplica a qualquer uma união desta maneira, seja ela legítima ou ilegítima, honestamente sincera ou vergonhosa. Nenhuma outra representação podia retratar com mais exatidão o pecado da fornicação em sua hedionda repugnância do que a que aqui é apresentada pelo apóstolo.

Ele enfatiza mais uma vez o contraste: Aquele, porém, que se apega ao Senhor é um espírito com Ele. É uma união maravilhosa, real, duradoura e bendita aquele em que o cristão entra na e por meio da regeneração. Pois o ato da fé estabelece um laço de comunhão íntima com Cristo, ele em amor torna o cristão um em espírito com seu Salvador, não somente por causa da imputação graciosa de Sua justiça, mas também pela habitação do Seu Espírito em seu coração, Jo. 14. 20; 15. 4; 17. 23; Ef. 3. 17. Não causa espanto que este fato move o apóstolo a repetir sua urgente admoestação: Fugi da fornicação. No caso deste pecado seria tolice resistir e tentar combatê-lo, pois aqui “o voto mais solene é qual palha diante do fogo que se move no corpo.” Como aconteceu no caso de José, corajosa fuga é a única solução desta dificuldade, Pr. 6. 28. E que ninguém se engane com a desculpa que não está prejudicando a ninguém por sua gratificação neste pecado: Cada pecado que uma pessoa comete está fora do corpo, mas aquele que comete fornicação peca contra seu próprio corpo. Os pecados contra os demais mandamentos do Decálogo têm seu alvo fora do corpo; quando envolvem os órgãos do corpo, como no caso da intemperança, afetam e prejudicam unicamente os órgãos transitórios e perecíveis do corpo, e exigem para a sua perpetração alguns meios que são buscados de fora e que quanto a si mesmos são estranhos ao corpo. Mas os pecados contra o sexto mandamento envolvem a violação do eu, dos desejos mentais mais íntimos e das habilidades físicas. O corpo todo é contaminado e desonrado, e isto não só da parte de um sexo, mas nos dois, pois a religião cristã não conhece qualquer critério moral que permite mais liberdade ao homem do que à mulher.

O apóstolo, para fazer os cristãos de Corinto sentir o peso de seu argumento, os refere à bem-conhecida dignidade que os corpos dos fiéis possuem por serem cristãos: Ou não sabeis que vosso corpo é um templo do Espírito que está em vós, o qual recebestes de Deus, e que não sois de vós mesmos, ou seja, vossos próprios donos? “O que são todos os demais dons”, diz Lutero, “fora deste dom, que o Espírito do próprio Deus, do Deus eterno, desce aos nossos corações, sim, para dentro de nossos corpos, e vive em nós, nos governa, guia e conduz!” Ainda que Paulo se dirija a toda a congregação, ele, ainda assim, fala do corpo no singular, para expressar mais uma vez o fato que todos são um em Cristo Jesus. Cada um por si mesmo e todos em conjunto são o templo do Espírito Santo, o qual achou por bem fazê-los sua habitação, para assumir sua morada em seus corações e em seus corpos. E por isso já não são mais senhores de seus próprios corpos, para realizar suas próprias concupiscências e desejos. Conforme a idéia gentia, a prostituição era uma consagração do corpo; conforme a idéia cristã, é o aviltamento mais imundo do corpo. Os cristãos já mais devem usar seus corpos para a satisfação de suas paixões pecaminosas, mas são obrigados a empregá-los para fazer a santa vontade de Deus. Visando isto, são Paulo conclui com um apelo poderoso: Pois comprados foste por um preço; por isso glorificai Deus em vosso corpo! Nós cristãos fomos comprados, resgatados, redimidos, do poder do pecado e do diabo, não com coisas corruptíveis, como prata e ouro. O preço de nossa redenção foi, antes, de tal modo que nos faz ficar em espantada adoração e louvor por toda a eternidade: com o sangue precioso de Cristo, como dum Cordeiro sem defeito e sem mácula, 1.Pe. 1. 18, 19. Por meio de sua redenção nos tornamos a propriedade do próprio Cristo e devemos servi-lo em eterna justiça, inocência e bem-aventurança. Esta é a inferência do apóstolo: Glorificai a Deus em vosso coração; ocupai-vos com o objetivo de aumentar Sua honra e glória, permiti que vosso corpo seja um templo em que cada pessoa serve, em toda castidade e decência, como um sacerdote ao Deus altíssimo.

**Resumo:** O apóstolo repreende os cristãos de Corinto por irem com seus irmãos à lei perante os tribunais gentios; ele os adverte contra vários pecados, mas especialmente contra a fornicação, visto que seus corpos são o templo do Espírito Santo.

## Capítulo 7

### Instruções A Respeito Do Casamento. 1.Co. 7. 1-40.

A castidade e a obrigação do casamento: *V. 1) Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque mulher; 2) mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido. 3) O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente à esposa ao seu marido. 4) A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, a mulher. 5) Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e novamente vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência.* Este capítulo contém o grande ensino de São Paulo sobre o estado do matrimônio, o qual precisa ser comparado com as várias passagens, em especial do Antigo Testamento, onde é descrito o santo estado do matrimônio. No capítulo presente deve ser notado que seus princípios são verdadeiros em todos os tempos, mas que a aplicação especial, que São Paulo faz, se refere às circunstâncias encontradas em seus dias, particularmente na congregação de Corinto. Esta distinção é observada no texto de modo que os princípios dos quais São Paulo trata são introduzidos como leis do Senhor, sendo sua aplicação especial para o caso submetida a ele como sendo seu juízo ou conselho. Cf. vv. 1, 26, 29. A ocasião para a discussão foi uma pergunta ou um pedido que pelos coríntios fora submetida ao apóstolo: Mas com respeito ao que escrevestes, os assuntos que em vossa carta submetestes. As perguntas foram aparentemente as seguintes: Deve uma pessoa casar ou não? O que dizer sobre as obrigações específicas do casamento? É permitida a dissolução do laço matrimonial quando uma das partes é gentio?

A resposta de Paulo para a primeira pergunta: É correto, moralmente adequado, honrável e louvável (no sentido de “não ser condenado”) alguém, uma pessoa, não tocar mulher. Não deve ser inferido, como o querem os falsos ascetas, que até o simples toque físico na mão ou na pele duma mulher contaminará ao homem, ainda que sob certas circunstâncias um aperto de mão, o mais suave roçar na pele duma mulher, se pode tornar numa carícia ilícita e numa contaminação. Obviamente São Paulo fala aqui dum verdadeiro celibato, baseado no dom da castidade em sua interpretação mais rija, e o defende contra os que o consideravam inumano. Como diz Lutero, “agradou a São Paulo não deixar sem consolo àqueles que preferiram viver uma vida celibatária.” Mas ele se apreça em acrescentar: Mas por causa dos pecados da imoralidade permitam que cada um tenha sua própria esposa, e deixem que cada mulher tenha seu próprio esposo.<sup>38)</sup> A situação reinante naqueles dias era como acontece hoje: os pecados da devassidão, da libertinagem, de toda forma de imoralidade eram tão prevalentes que realmente exigia uma medida extraordinária do dom da castidade permanecer puro em meio a tantas tentações. Então, tal como hoje, o único modo para ter sucesso na fuga da fornicção foi buscar no casamento a castidade. Na verdade, ele está falando, dum casamento cristão, no qual um homem só tem uma mulher, a sua própria esposa, e em que uma mulher só tem um, o seu próprio, esposo. São Paulo não sonhou duma santidade impossível, mas ele lidou com a situação tal como ela existia, e prescreveu o remédio que o Senhor provera. Pois o relacionamento marital entre esposo e esposa, ainda que, por causa do pecado herdado, não é um serviço totalmente puro e imaculado a Deus, em si mesmo não é qualquer imoralidade, visto que a inclinação natural dos sexos é neste caso santificada pela instituição de Deus, e as pessoas casadas têm o consolo que a graça de Deus em Cristo cobre tudo o que da velha carne ainda está presente em suas relações.

Sobre a obrigação específica do casamento o apóstolo diz: O esposo deve conceder o devido à esposa, mas, igualmente, a esposa ao esposo. A esposa não tem poder sobre seu próprio corpo, mas, sim, o esposo; mas, igualmente, também o esposo não tem poder sobre seu próprio corpo, mas, sim, a esposa. Quando um homem ou uma mulher entra no estado do santo matrimônio, então ele ou ela coloca o corpo ao serviço do outro num relacionamento honroso e imaculado. Por

<sup>38)</sup> Cf. a discussão extensa desta passagem em “Do Matrimônio Sacerdotal”, *Apol.* XXIII.

isso cada um possui um direito legítimo sobre o corpo do outro, e não devem mero capricho ou mera paixão governar tal uso, Hb. 13. 4. Notamos que não há qualquer critério moral que permite mais liberdade ao homem do que à mulher: ela é tão dona da pessoa dele como ele é dono do dela. Marquemos também que esta é uma passagem muito forte em favor da monogamia, visto que é evidente que aqui se fala a respeito dum homem e duma mulher. E neste relacionamento marido e mulher não se defraudam e privam uma ao outro da obrigação específica do casamento. São Paulo proíbe a recusa arbitrária do relacionamento quando a outra parte o deseja. Algo diferente é a abstenção do direito marital por mútuo consenso, quando ambas as partes concordam nisso e assim preservam os direitos de ambos. Um acordo destes pode ser feito para durar algum tempo, para, por exemplo, envolver-se em oração. Paulo não faz disso uma lei, - ele subentende o precedente direito dos deveres maritais, - mas esta é uma sugestão que poderão seguir. Tais práticas devocionais extraordinárias e prolongadas foram, mais tarde, prescritas para as épocas festivas. Mas o apóstolo não tem o desejo de prolongar indefinidamente este tempo: Mas estai novamente juntos, recomeçai o interrompido relacionamento marital, para que Satanás não vos tente por causa de vossa falta de autocontrole. O Senhor sabe da fraqueza do coração humano, e adverte contra um prolongamento que não passa de hipocrisia. Ele foi quem no homem e na mulher criou a inclinação sexual, desde a queda do homem Ele está a par do seu poder, e Ele não quer que pessoas casadas sejam indulgentes como um ascetismo desnecessário que poderá resultar na maculação de mente e coração.

O casamento como obrigação sob condições: *V. 6) E isto vos digo como concessão e não por mandamento. 7) Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou; no entanto cada um tem de Deus o seu próprio dom; um, na verdade, de um modo, outro de outro. 8) E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. 9) Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar, do que viver abrasado. 10) Ora, aos casados, ordeno, não eu mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido 11) se, porém, ela vier a separar-se, que não se case, ou que se reconcilie com seu marido; e que o marido não se aparte de sua mulher.* Aqui o apóstolo se refere à sentença principal do capítulo, conforme o qual ele aponta o casamento como a regra, ainda que julgasse bom o celibato. Isto ele fala porque foi autorizado. O Senhor, que inspirou a Paulo para escrever esta carta, o autorizou para tomar em consideração as circunstâncias e o temperamento, para aplicar os princípios gerais às condições tal como elas existiam naquele tempo. Mas isto não muda o mandamento e a instituição do Senhor. Sempre que Paulo fala sobre assuntos da liberdade cristã, dando sua opinião e seu conselho, v. 25, ele está ciente de que fala como um homem que possui o Espírito de Deus, v. 40. Neste sentido ele também escreve: Eu, porém, gostaria que todos os homens fossem também como eu sou. Deus lhe dera o dom especial da continência, e por causa da próxima vinda do segundo advento de Cristo, quando todo casar e se dar em casamento iriam acabar, foi seu desejo que este dom fosse uma posse muito mais geral. “Ele desejou que todos tivessem a extraordinária graça da continência, para que pudessem ser poupados dos cuidados e das ansiedades do casamento, e em perfeita liberdade preocupar-se só com Deus e com Sua palavra.”<sup>39)</sup> Contudo ele não é algum fanático, mas sabe que cada um recebeu de Deus seu próprio dom da graça, um desta maneira, outro daquela. O Senhor distribui, como bem lhe aprouver, Seus dons para o serviço em Seu reino, concedendo a cada um dos Seus servos conforme a obra que Ele espera deles. Na maioria dos casos a aptidão dos cristãos para o estado do casamento é em si mesmo um dom de Deus, visto que o cuidado e governo duma família são um exercício excelente para as tarefas mais amplas na igreja, 1.Tm. 3. 4, 5.

O apóstolo avança com grande cuidado em suas afirmações: Mas eu digo aos não casados e às viúvas, que lhes é bom se permanecem tal como eu. Ele sabe que o estado celibatário é totalmente honroso. Mas seu conselho, tendo em vista seu próprio dom extraordinário, é condicional: Contudo, caso não puderem exercer o controle sobre si mesmos, se não possuem o dom da continência, que casem. Pois é melhor casar do que sentir ardor, do que ser consumido por

---

<sup>39)</sup> Lutero, 8. 1039.

um desejo sexual constante, visto que um anseio não satisfeito é uma tentação constante. Não é assim que devam escolher o menor de dois males, mas praticar o que não é pecado para evitar aquilo que é pecado. Pois o arder de excitação sexual não permitido fora do casamento, e a regra que aqui está expressa não pode ser suspensa por quaisquer votos dum imposto celibato. Na verdade, pode ocorrer que, devido a certas circunstâncias que não estão em seu controle, um homem não casado ou uma viúva não encontrem a possibilidade de casar. Quando isto acontece, qualquer cristão confie receber do Senhor a força necessária para conservar seu corpo em submissão e para vencer a concupiscência da carne, tal como acontece quando esposo ou esposa são incapazes para os deveres específicos do casamento.

Uma lei vale uma vez para sempre para as pessoas casadas: Ordeno aos casados, na verdade, não eu mas o Senhor, que a mulher se separe de seu marido, mas, quando aconteceu que ela se separou, que permaneça solteira ou se reconcilie com seu marido, e que o marido não mande sua mulher embora. Conforme a ordem de Cristo o laço matrimonial é indissolúvel, sendo que o motivo excepcional do divórcio que Ele mencionou não pode ser aplicado no caso de cristãos casados. Aqui Paulo, de modo muito enfático, afirma a vontade de Deus, que é a lei de Deus assim como ela vale em todas as circunstâncias. Provavelmente é mencionado primeiro o caso da mulher por causa da posição que ocupava no mundo gentio, ou porque o número de mulheres excedia o de homens na congregação de Corinto. A mulher não deve deixar seu esposo. Diante do tribunal de Deus não podem ser alegadas incompatibilidade de temperamento nem alguma aversão asceta. Caso, porém, tiver ocorrido um caso como este em que uma mulher deixou de lado a lei de Deus, então ela deve ficar solteira ou deve reconciliar-se com seu marido. Isto não é o mesmo que dar à mulher a permissão para conseguir um divórcio, mas nos leva a pensar exatamente o contrário. Caso ela se tiver separado sem algum motivo válido, então deve ela ser deixada inteiramente a sós em sua petulância e em sua má consciência, sendo que lhe é deixado só uma alternativa, que é o retornar ao seu esposo, ou seja, reconciliar-se com ele. E este, nestas circunstâncias, não devia mandá-la embora, tal como também não tem o direito de a qualquer tempo lhe dar uma carta de divórcio, conforme era costume entre os judeus. A intimidade do laço matrimonial é de tal forma que faz com que todas as tentativas para sua dissolução sejam pecaminosas.

Sobre casamentos mistos: *V. 12) Aos mais digo eu, não o Senhor: Se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; 13) e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. 14) porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos. 15) Mas, se o descrente quiser apartar-se, que se separe; em tais casos não fica sujeito à servidão, nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz. 16) pois, como sabes, ó mulher, se salvarás a teu marido? ou como sabes, ó marido, se salvarás a tua mulher? 17) Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído, cada um conforme Deus o tem chamado. É assim que ordeno em todas as igrejas.* O apóstolo se dirigira na secção anterior aos casais casados da congregação, em que tanto o esposo como a esposa eram cristãos. Agora ele fala para aqueles homens e mulheres cristãos onde a mulher ou o marido não eram membros da comunidade cristã. E aqui, mais uma vez, faz ele a aplicação do princípio das Escrituras a uma circunstância especial. Jesus não tivera alguma ocasião para dar Sua opinião sobre casos como estes, e, por isso, Paulo apresenta sua própria decisão. O assunto fundamental esteve claro, seu julgamento inspirado o aplicou ao ponto em questão. O esposo e a esposa são colocados no mesmo nível. O irmão cristão que tem uma esposa incrédula, a qual se agrada em vive em matrimônio com ele, não a deve mandar embora. E uma mulher cristã tendo um marido incrédulo nas mesmas condições, não deve pensar em desertar dele. No que dizia respeito à parte de qualquer casal, a regra do Senhor, que foi estabelecida na instituição do casamento, é válida. Os cristãos nunca devem tomar os primeiros passos, nem jamais ser culpados de incitar uma separação no casamento. A existência de casamentos mistos deve ser profundamente deplorada, e eles resultam em muitos casos em provações e tentações que em muitos casos tornam bem apropriado o termo “jugo do casamento”. Mas, enquanto a parte infiel reconhece a validade do laço matrimonial e vive em harmonia com esta crença, a parte cristã não pode repudiar o esposo.

Agora o apóstolo se depara com uma objeção que os cristãos poderiam fazer quanto aos perigos com uma união continuada com um incrédulo: Pois santificado é o esposo incrédulo na esposa, e santificada é a esposa incrédula no irmão, ou seja, no cristão. Ainda que não seja consagrada pelo poder santificador da fé, a parte incrédula, por meio da união íntima e vital que é a essência do casamento, deste modo participa na consagração da parte cristã, a saber, que ele ou ela está ligada à igreja de Deus por meio do cônjuge cristão. A santidade do laço matrimonial inclui tanto esposo como esposa. “A esposa cristã é um santuário para seu esposo, mesmo que ele seja um incrédulo, pois é seu esposo. E o esposo cristão é um santuário para sua esposa, mesmo que ela seja uma incrédula, pois ela é sua esposa.”<sup>40)</sup> Isto é tornado ainda mais claro por meio do caso dos filhos deles: Pois, do contrário, vossos filhos são impuros, agora, porém, são santos. Se o estado do matrimônio, mesmo onde o casamento foi feito com um incrédulo, não fosse um estado santo, então os filhos seriam impuros. Agora, porém, os filhos são considerados santos, por isso também o é o estado do casamento, mesmo que seja um casamento misto. Os filhos devem ser considerados membros da comunidade cristã por causa do pai ou mãe cristã. “Eles (os filhos) não são santos em si mesmos, pois são Paulo não fala aqui dessa santidade; mas são santos para ti, para que tua santidade possa ser empregada no cuidado com eles e possa educá-los, para que não sejam profanado neles como se eles fossem algo santo.”<sup>41)</sup>

Estas regras permanecem em vigor enquanto o cônjuge incrédulo mantém a validade do laço matrimonial. Mas quando o incrédulo se apartar de seu cônjuge, que se separe. Se o não cristão insiste na ruptura do relacionamento matrimonial, isto não pode ser negado. Que a separação aconteça. Neste caso o cônjuge cristão sofre a quebra do laço matrimonial, e nestas circunstâncias o irmão ou a irmã da congregação não está mais sob servidão. Não mais se lhes pode dizer que ainda estão unidos, mas se podem considerar livres, bem assim, como se a outra parte tivesse morrido. O apóstolo nada diz sobre as formalidades que devem ser observadas perante as autoridades civis, visto que para um cristão está claro que deve dar a devida atenção a elas. Conforme a vontade de Deus, é proibido desprezar o cônjuge, mas Ele não proíbe que o cônjuge repudiado aceite o repúdio. Isto é expresso ainda com maior clareza por meio do acréscimo das palavras: Em paz, contudo, foi que Deus nos chamou. Se o cônjuge cristão insistisse na continuação do relacionamento matrimonial, apesar do repúdio, então isto levaria a ódio e briga. Quando a parte incrédula quebrou a paz do casamento porque considerou o casamento como um contrato que pode ser dissolvido conforme o capricho de uma ou de ambas as partes contratantes, então o cristão está livre do laço do casamento, sofrendo aquilo que não buscou e que não pode evitar.

Agora o apóstolo faz referência aos prováveis escrúpulos que um cônjuge cristão pode sentir no caso duma separação: Pois, como sabes tu, mulher, se salvarás teu esposo; ou como sabes tu, esposo, se salvarás tua esposa? Na verdade, existe a possibilidade que um esposo ou uma esposa cristã tenha o sucesso de ganhar a outra parte para Cristo. Por que, porém, apegar-se a ele, ou a ela, numa esperança tão mal-fundada, especialmente se o cônjuge incrédulo rejeitou ao cristão? “Por isso não é somente uma presunção para um cristão casar com a idéia que mais tarde realizará um casamento no Senhor, mas é também inoportuno e uma intromissão, quando um irmão ou irmã se considerasse ligado a um cônjuge incrédulo na esperança de por meio dessa fidelidade mover seu coração e assim convertê-lo.”<sup>42)</sup> Em todo o assunto sobre o casamento, e em especial dos casamentos mistos, vale a regra: Cada um se conduza unicamente como o Senhor o concedeu a cada um, como Deus chamou a cada um. Se o Senhor concedeu a um cristão um cônjuge que manifesta especial bondade na observação de todas as exigências do relacionamento matrimonial assim como Deus o instituiu, que ele viva o casamento como um sincero participante de suas alegrias e tristezas mútuas. Mas, se, por dispensação de Deus, a parte incrédula rompe o laço do casamento que foi fundado sob a instituição de Deus, então o cristão em boa consciência pode

---

<sup>40)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 356; cf. *Apol.* XXIII, 23ss (Liv. Conc. Pág. 257s).

<sup>41)</sup> Lutero, 8. 1061. (traduzi do alemão, que no final é o oposto do texto inglês).

<sup>42)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 361.

aceitar a liberdade que desta forma lhe foi imposta. Foi assim que o apóstolo o ordenou em todas as igrejas. Todas as congregações observavam as mesmas regras neste assunto tão importante, para que uma diversidade nos costumes cristãos não prejudicasse a causa do Senhor. “O cristianismo não transtorna relações existentes, no que não são pecaminosas, mas tão somente visa infundir neles o espírito correto, conforme a vontade de Deus.”

Um aplicação geral destas verdades: *V. 18) Foi alguém chamado, estando circunciso? não desfaça a circuncisão. Foi alguém chamado estando incircunciso? não se faça circuncidar. 19) A circuncisão em si não é nada; a incircuncisão também nada é, mas o que vale é guardar as ordenanças de Deus. 20) Cada um permaneça na vocação em que foi chamado. 21) Foste chamado sendo escravo, não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. 22) Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo. 23) Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens. 24) Irmãos, cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado.* Assim como o assunto do casamento esteve regulado por Paulo de modo que ninguém devia lidar de modo arrogante, mas sempre ter a correta consideração pelo dom e o chamado de Deus, assim também quis ele que os mesmos princípios fossem aplicados em outros assuntos da vida diária: Foi alguém chamado sendo pessoa circuncisa? Não tente remover seu sinal. Aqui Paulo se refere aos regenerados dentre os judeus, dos quais alguns se podem ter encontrado na igreja de Corinto, que recorreram a uma operação para remover o sinal de sua nacionalidade, provavelmente para significar seu total repúdio à lei. Sua orientação é totalmente contrária esta prática. E, doutro lado: É alguém chamado como um gentio, na incircuncisão? Não seja ele circuncidado. Também era insignificante ser elogiado quando um cristão gentio tentou alcançar o estado mais alto na perfeição quando se submeteu ao sacramento judaico. E a razão para esta atitude descomprometida de Paulo foi: A circuncisão é nada, e a incircuncisão é nada. O valor dum cristão aos olhos de Deus não depende de nenhum deles, que de modo algum fazem as vezes de qualificações religiosas. A observação dos mandamentos de Deus, ou seja, a fé que atua pelo amor, uma nova criatura, isso é tudo. A circuncisão já não mais um sacramento, mas um mero costume sem o menor valor religioso ou moral. Deus olha para o coração, para a atividade que a fé desenvolve na observação das ordens de sua santa vontade. Cf. Gl. 6. 15. Lá onde se encontra fé verdadeira e viva, lá os membros duma nação são iguais àqueles da outra, lá não há nem judeu e nem grego, nem alemão e nem americano, mas todos são um em Cristo Jesus. Cf. Gl. 3. 28. E, por isso, cada um permaneça no estado em que foi chamado. Não é necessário mudar seja a nacionalidade ou o estado no viver para ser aceitável ao Senhor. Ele entende todas as línguas igualmente bem, e os lugares calejados nas mãos duma pessoa não o barram de quaisquer privilégios no reino de Deus.

Paulo ilustra isto por meio dum segundo exemplo, que expressa especialmente a diferença social dos tempos: Foste chamado como escravo? Não te preocupes com isto; mas se consegues tornar-te livre, aproveita a ocasião. Os membros da congregação de Corinto que eram escravos, naturalmente, estavam ansiosos para ter sua liberdade, e o ensino do evangelho era por eles entendido como algo que favorecia este desejo. Mas um escravo cristão não devia temer que neste estado não podia servir ao Senhor e ser-lhe igualmente caro. O Senhor, tendo-o chamado pelo evangelho enquanto esteve nesta posição social, continuaria a demonstrar-lhe Sua misericórdia, mesmo continuando a ser um escravo pelo resto de sua vida. O apóstolo, contudo, ao mesmo tempo, concedeu que um escravo, muito bem, podia aproveitar a oportunidade para se tornar livre, de aceitar das mãos de Deus um dom da graça como este. De qualquer forma a situação social não faz diferença, no diz respeito ao Senhor: Pois o homem chamado como escravo pelo Senhor, enquanto ocupa a posição, ou a situação, de escravo, é, ainda assim, um cidadão do Senhor. Da mesma forma o homem que é chamado, enquanto é pessoa livre, é um servo de Cristo. Isto é um paradoxo, mas uma maneira muito bela para descrever o relacionamento de ambos, do escravo e do livre no Senhor. “Cristo nos compra de nosso antigo dono, que é o pecado, e então nos liberta; mas ainda é devida uma dedicação da parte do cidadão ao seu patrão.” A liberdade de que aqui se fala é, certamente, uma liberdade espiritual, conforme a qual nossa libertação do poder do pecado nos dá,

por meio deste sinal, nos dá a força de servir ao Senhor com todo nosso coração, com toda nossa alma e com toda a nossa mente. E aqui o apóstolo expressa uma advertência enfática: Por preço fostes comprados, 1.Pe. 1. 18, 19. O preço da redenção que precisou ser depositado para nos resgatar da escravidão do pecado e de Satanás foi tão imensuravelmente grande, que em todos os tempos deve servir para nos barrar dum passo muito tolo, que é o de nos tornarmos servos de pessoas, ou seja, o de nos vendermos à mais vil das escravidões, abandonando a verdade das Escrituras e permitindo sermos agitados e governados pela imaginação e a sabedoria das pessoas. E os coríntios, prontamente, puderam fazer a aplicação da palavra para o seu próprio caso, a saber, não se apoiarem em qualquer pessoa para imaginar que não eram realmente livres, mesmo que tivessem um patrão sobre si. E por isso Paulo, mais uma vez, resume o pensamento de todo o trecho: Irmãos, cada um permaneça perante Deus no que foi chamado. Aquela situação, aquele estado de vida que uma pessoa ocupou quando chegou à fé, esta ele pode deter sem o menor escrúpulo pelo resto dos seus dias. Mas que isto aconteça diante de Deus, à vista de Deus, que a vida toda seja de fé e de obras santas, agradando ao Senhor.

A questão do celibato em geral: *V. 25) Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel. 26) Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está. 27) Estás casado? não procures separar-te; estás livre de mulher? não procures casamento. 28) Mas, se te casares, com isto não pecas; e também se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.* Nesta parte Paulo, novamente, pressupõe a regra geral, baseada sobre a instituição do casamento e em sua bênção, da parte de Deus, de que o adulto normal será encontrado neste estado. Por isso suas palavras novamente se referem a uma objeção peculiar, e ele aplica seu julgamento ao caso tal como acontece, sendo assim conservada a diferença entre o princípio e o caso individual. Quanto aos solteiros, em especial as virgens, não possuía uma ordem do Senhor que pudesse ser aplicado em todos os tempos e sob todas as circunstâncias, e, por isso, como recebera graça do Senhor para ser fiel, ofereceu sua sugestão inspirada para envolver esta exceção. Porque no seu caso a graça do Senhor fora efetivamente mostrada, tornando-o um servo fiel do Senhor, por isso seu conselho é confiável. E assim acontece que dá sua opinião, tal como no começo do capítulo, com o objetivo de que é bom, vantajoso e louvável a uma pessoa ser assim, isto é, permanecer solteira. Notemos, porém, que ele inclui uma cláusula restritiva que projeta um dilúvio de luz sobre todo o capítulo: Por causa da angústia que agora existe. A palavra angústia, literalmente, “apertura, pressão opressora”, significa apuros e dificuldades tais como as que se encontra no tempo de opressões e perseguições. Um tempo assim imperava sobre os cristãos de então, não só por causa da inimizade dos judeus, mas também por causa da crescente hostilidade dos gentios. O tirano Nero, bem recentemente, tomara posse do trono, e por ele foi estabelecida a primeira perseguição dura aos cristãos. Estando presente estas angústias e perigos iminentes, é realmente verdade que a vantagem esteve no lado dos solteiros. Cf. Mt. 24. 19.

Agora Paulo aplica seu conselho em detalhes: Estás unido a uma mulher? Não te ponhas a buscar uma separação. Estás, como solteirão ou viúvo, sem esposa? Não te ponhas a procurar uma mulher. No primeiro caso a pessoa legalmente casada peca quando tenta romper o laço matrimonial. No último caso aquele que não aceita o conselho de Paulo se torna passível de muitas formas de desgosto. Mas, porque Paulo não quer ser mal-entendido como alguém que entra em conflito com a regra geral de Deus, ele se apressa em acrescentar: Mas se te casaste, não pecaste, e se uma virgem casa, ela não pecou. Os cristãos de Corinto não deviam fixar um falso ideal ascético, proibindo o casamento. Não havia qualquer pecado fixado na entrada neste estado ou por se encontrar naquele. O único problema, como Paulo afirma, foi: Mas os tais terão aflição na carne; eu, contudo, procuro poupar-vos. Ele não só se refere à cruz especial da mulher casada, Gn. 3. 16, mas a todas as formas de tribulação que podem acertar o corpo, a vida física, em tempos como os que então imperavam sobre os cristãos. Era mais amargo aos casados suportar perseguição, porque, além dos perigos que ameaçavam o corpo e a vida, havia mais os cuidados e as preocupações pelo bem-estar dos membros da família. Muitas vezes, de fato, a alternativa está entre o dever a Deus e o

afeto para esposa e filhos. É neste sentido que Paulo, dando-lhes seu conselho, deseja poupá-los, de salvá-los de muitas adversidades temporais.

Quaisquer laços terrenos não devem impedir o serviço a Deus: v. 9) *Isto, porém, vos digo, irmãos: o tempo se abrevia; o que resta é que não só os casados sejam como se o não fossem; 30) mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuíssem; 31) e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa.* Não interessa a condição em que uma pessoa vive e trabalha, pois sua primeira obrigação é para com o Senhor, a quem deve ser consagrada a vida toda dum cristão. Há um motivo muito forte que faz os coríntios a se recordarem disso: Isto, contudo, irmãos, afirmo: O tempo se abreviou. O grande dia do Senhor, por cuja vinda os cristãos esperavam ansiosamente, 1.Ts. 5. 2, estava bem próximo. Por isso deve ser nosso constante objetivo e esforço estarmos prontos por sua chegada, Lc. 12. 35, 36; Mc. 13. 35, 36. Todas as coisas da vida atual, como consequência disso, devem ocupar uma posição secundária quando referidos às coisas do reino de Deus: Assim que de agora em diante aqueles que têm esposas sejam como se não as tivessem; aqueles que choram como se não estivessem chorando; aqueles que estão alegres como se não se estivessem alegrando; os que compram como se nada tivessem; não sendo absorvidos em seus negócios a ponto de excluírem seus benefícios espirituais. “O lar com suas alegrias e tristezas, o negócio, a utilização do mundo, precisam ser exercidos como sob o aviso de cessar, pelas pessoas que estão preparadas para se soltar das margens do tempo.”<sup>43</sup>) Todas as coisas deste mundo que ocupam a atenção duma pessoa, e que pelo Senhor são colocadas nas mãos duma pessoa, não se devem tornar o fim e o alvo de sua existência. Marido e mulher podem compartilhar as alegrias e as tristezas da vida familiar, mas o desejo de seu coração precisa estar dirigido, seja em dias bons como em dias maus, para a glória que os espera lá no alto. Pessoas envolvidas em negócios, ocupadas numa esfera de atividades que exclusivamente lida com coisas deste mundo, não devem permitir que seus corações sejam dominados pelo ganho e o gozo do mundo, porém conservar seus olhos sempre dirigidos ao dom e à bênção maior, que é o da consumação final da salvação no céu. Como o expressa certo comentarista, temos aqui “a figura do desligamento espiritual nas várias situações da vida.” É assim que deve ser: Pois o esvanecer é a forma, é a atual aparência, deste mundo. As coisas deste mundo que ocupam a atenção das pessoas não permanecem, mas são transitórias; casar e negociar, banquetes e funerais, passam diante de nossos olhos numa constante procissão que sempre se alterna. Não há nada permanente, nada de valor duradouro em tudo o que este mundo pode oferecer. Cf. Fp. 3. 20; Cl. 3. 1; Hb. 13. 14.

Uma comparação entre o estar casado ou solteiro: V. 32) *O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; 33) mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, 34) e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido. 35) Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor.* Aqui o apóstolo apresenta suas razões de aconselhar como o faz, sendo seu alvo que seus leitores estivessem sem cuidados e preocupações, preocupações de todos os tipos, mas especialmente as que dizem respeito ao casamento, que procuravam distrai-los em sua atenção para aquela uma coisa necessária. Pois o homem solteiro está ansioso pelas coisas do Senhor, ou seja, como possa agradar ao Senhor. Este é o estado ideal que Paulo teria o prazer de ver, que o homem solteiro dedique suas habilidades e energias ao serviço do Senhor, com o objetivo de fazer aquilo que agrade somente a Ele. Há aqui uma admoestação aos solteiros dos nossos tempos, muitos dos quais recusam casar porque temem as inconveniências e as tribulações do estado matrimonial, mas também são egoístas demais para se devotarem ao Senhor e à obra da igreja. Aquele, porém, que está casa, diz o apóstolo, está preocupado com as coisas deste mundo, sobre como possa agradar sua esposa. Certamente é este

---

<sup>43</sup>) *Expositor's Greek Testament*, 2. 833.

um mal que está ligado ao estado matrimonial, que o marido esteja tão apegado no amor à sua esposa e aos cuidados do lar, a ponto de esquecer a obrigação que deve ao Senhor. Aqui Paulo expressa o que, via de regra, se encontra na real experiência, a muitas vezes em nossos dias, quando a idéia de companheirismo no sentido bíblico bem como do lar e da família foram abandonados pelo de uma vida de ócio voluptuoso e de ambição social. Em ambos os casos o serviço do Senhor sofre, mas isto faz parte necessária do casamento.

Paulo também considera o lado da mulher: Há também uma diferença entre a esposa e a virgem; há uma diversidade entre elas em relação ao desvelo; estão separadas, divididas, em seus interesses. Quando a mulher solteira percebe e emprega corretamente as oportunidades que tem, então ela será ansiosa pelas coisas do Senhor. Ela faz isto, sendo santa quanto ao seu corpo e ao seu espírito, isto é, ela se devota inteiramente ao Senhor, servindo-O com todo o seu ser e com todas as suas energias. Este é um ideal que deve ser apresentado a todas as jovens cristãs. Pois atualmente há demasiada atenção para os prazeres e aos préstimos da carne, à medida que o mundo incursões sobre a igreja, e muito pouca atenção ao serviço do Senhor e de Sua igreja, ainda que existam tantos modos em um cristão sincero possa cooperar na difusão do reino. Por outro, a mulher casada está ansiosa a respeito das coisas deste mundo, caindo sobre ela, como é natural, o cuidado por tantas coisas na família e no lar. E ela está preocupada sobre como agradar ao esposo. Também isto não implica que esta seja a única esfera que uma esposa cristã possa conhecer, e que lhe seja impossível ser ativa no trabalho da igreja. Ao contrário, há muita mulher casada que com seu zelo pelo progresso da congregação colocou em vergonha as jovens. Mas Paulo está a falar de modo geral, afirmando os fatos assim como geralmente são.

Paulo, ao mesmo tempo, percebeu totalmente que sua recomendação pessoal sobre o estado solteiro, mesmo sob as condições que então reinaram, estava ligado a certos perigos. Por isso ele acrescenta: Digo isto, porém, para o vosso próprio proveito, no que lance sobre vós uma armadilha ou ponha um laço ao vosso pescoço. Não tem o desejo de apanhar seus leitores e prendê-los num estado involuntário de solteiro; também não deseja governar suas consciências e forçá-los a pensar como ele próprio. Seu argumento, unicamente, é que ele fala pelo que é o correto, aparente, apropriado, aquilo que no tempo atual serve ao comportamento dos cristãos, e o que redundava numa espera persistente e serena espera pelo Senhor e Sua vinda. Paulo quis ver afastadas quaisquer distrações e diversões das influências terrenas, para oferecer ao Senhor o serviço mais desinteressado e desimpedido. Quando uma pessoa pode e consegue ficar solteira, então estas palavras do apóstolo sempre deviam ser guardadas em mente. Haveria pouca ou nenhuma dificuldade em realizar os negócios externos da igreja, se todos aqueles que tem liberdade devotassem seu tempo de ócio ao Senhor, mostrando uma energia igual à importância do trabalho.

O direito do pai de dar sua filha em casamento: *V. 36) Entretanto, se alguém julga que trata sem decoro a sua filha, estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem. 37) Todavia, o que está firme em seu coração, não tendo necessidade, mas domínio sobre o seu próprio arbítrio, e isto bem firmado no seu ânimo, para conservar virgem a sua filha, bem fará. 38) E assim quem casa a sua filha virgem faz bem; quem não a casa faz melhor. 39) A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor. 40) Todavia será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus.* Ainda que Paulo estivesse tão fortemente em favor do celibato, ele, ainda assim, teve o maior cuidado para não concordar num falso ascetismo. Por isso ele escreve: Se alguém tem a opinião que está agindo inconvenientemente para com sua filha virgem, visto que socialmente era considerado desonroso conservar uma filha solteira em casa. A capacidade procriadora é uma criação e bênção de Deus, e, por isso, em circunstâncias comuns, o adulto natural, e também a virgem adulta, em especial quando ela passou a flor da juventude e não possui o dom da continência, age conforme a instituição de Deus quando deseja o casamento. Em tal caso, o deve pode exigi-lo, e as coisas se deviam desenvolver desta forma, ou serem conduzidas a uma conclusão, e o pai ou protetor deve agir segundo deseja e como as circunstâncias o indicam: não peca, que o casamento tenha o seu curso. Por outro, um pai pode conservar sua virgem solteira e fazem o que é correto quando em

certas condições age desta forma. Deve estar bem fundamentado em sua opinião, estando certo que o rumo que tomou é o correto. Se estivesse em dúvida, mas, ainda assim, quisesse que sua filha lhe seguisse a vontade, estaria pecando, Rm. 14. 23. A segunda condição é a ausência coação, que a castidade e a paz de espírito da virgem não está posta em perigo. A terceira é que o pai ou guarda tem o poder e a autoridade sobre sua própria vontade, a saber que pode seguir sua vontade sem entrar em conflito com o mandamento maior do amor. E a quarta é que ele chega em si mesmo a uma conclusão, de que age com a plena compreensão de sua própria responsabilidade. Seria bom que os pais modernos observassem estas palavras do apóstolo e não permitissem que suas filhas casassem de modo tolo e frívolo, em especial quando ainda não capazes de compreender as obrigações e as responsabilidades que o estado matrimonial impõe tanto ao esposo como à mulher. E assim a aplicação que Paulo faz, a conclusão que faz, é: Desta forma faz bem aquele que dá sua virgem em casamento, e ele age em pleno acordo com a instituição de Deus. E aquele que não a dá em casamento age ainda melhor, e considera mais atentamente as vantagens, considerando os tempos e os deveres que devem ser cumpridas. Desta forma o apóstolo recomenda o que, em geral, lhe parece ser o rumo mais apropriado nas circunstâncias reinantes, mas sem, mesmo aqui, atar as consciências e rejeitar os princípios fundamentais da instituição de Deus.

Os mesmos pensamentos são aplicados ao caso das viúvas: Uma mulher está ligada pela lei enquanto seu esposo vive. Cf. Rn. 7. 2. Mas ela esta livre de quaisquer obrigações para com seu esposo com a morte deste, como Paulo escreve, quando ele adormece. Então ela também está livre para casar, caso o quiser. De modo algum é negado a uma viúva um recasamento depois da morte do primeiro casamento, 1.Tm. 5. 11-14. Neste sentido, não é o respeito pelo seu anterior esposo, nem a submissão à vontade de alguma pessoa, nem as observações de línguas maldizentes que precisam levar uma mulher a vacilar em seus direitos. Ela só deve observar uma consideração, tal como o precisam todos os cristãos de todos os tempos: o passo precisa ser dado no Senhor. Quando o homem que ele deseja casar está dentro dos graus proibidos por deus, ou quando ele expressa a franca intenção de interferir em sua religião e seu exercício, então ela com certeza não entrará no Senhor em seu segundo casamento. Mas, no geral, diz Paulo: Ela, porém, será mais feliz, seja em sua liberdade quanto aos cuidados específicos do estado do casamento como em sua oportunidade para se dedicar mais exclusivamente ao serviço do Senhor, se permanecer solteira. Todavia, mais uma vez acrescenta: Conforme meu conselho. Ele se refere às condições tal como as enxergava à sua frente, aos perigos que iminentes. Mas ele julgou que também ele tinha o Espírito de Deus, sendo que seus conselhos e suas opiniões, bem como suas ordens baseadas sobre princípios, estavam sob direção divina. “O apóstolo recomenda seu conselho em todos estes assuntos, estando cõscio de que este procede da fonte suprema e não é o produto de mera prudência humana ou duma inclinação pessoal.”<sup>44</sup>)

**Resumo:** O apóstolo dá instruções sobre a justeza do casamento, os deveres do estar casado, a pergunta dos casamentos mistos, do divórcio e do celibato, e da extensão e das limitações da autoridade do pai para dar sua filha em casamento.

## O ESTADO DO SANTO MATRIMÔNIO

É marca de nossos dias o fato que a instituição do santo matrimônio é universalmente tão depreciado. A ruína moral se tornou tão grande que se perdeu o conhecimento sobre a santidade do casamento e da sacralidade de suas obrigações. As visões mais distorcidas sobre o relacionamento dos sexos, tanto dentro como fora do casamento, circulam livremente em periódicos através de artigos habilmente escritos, em romances do tipo degenerado dominante, e na abominação da exibição dos filmes em geral. Tornou-se regra casar sem a permissão dos pais. Muitos moços buscam um casamento rápido com o primeiro rosto encantador que cai em sua graça, com o objetivo da mera gratificação de seus desejos sexuais mas sem qualquer idéia para estabelecer um

---

<sup>44</sup>) *Expositor's Greek Testament*, 2. 838.

lar e para manter uma família. Ou propositalmente imagina casar uma moça rica, para ter seu ócio numa vida parasita. E o planejamento desalmado que caracteriza as aventuras matrimoniais de muitas jovens modernas deixa manchada a santidade do casamento sem as menores esperanças de purificação. Muitas dessas moças, incapazes e indispostas para serem verdadeiras auxiliadoras e esposas, se permitem serem casadas, isto é, ainda é observada a formalidade duma cerimônia de casamento, mas não desejam tornar-se esposas e nem mães. O que as move é a conveniência e o egoísmo, sendo que casam para serem suportadas num estilo que julgam ser próprio à sua beleza e às suas conquistas. E a maternidade é uma arte perdida e desprezada aos olhos da maioria.

Nós cristãos sempre recordamos o que as Escrituras dizem sobre o estado do santo matrimônio. Ele foi instituído pelo próprio Deus, à cuja razão pareceu a coisa mais excelente criar uma mulher e dá-la a Adão como esposa. O estado do santo matrimônio com a vida familiar que dele flui é o fundamento de toda solidez da sociedade e da própria estabilidade do estado. Na Bíblia toda sempre se fala do estado matrimonial com mais elevado respeito, enquanto que são condenados francamente os pecados que são praticados contra sua santidade e incidentalmente com um senso de justa ira que não deixa dúvida quanto ao significado da vontade de Deus. São cantados os mais elevados louvores a respeito do estado do casamento nos dois salmos de romagem, Sl. 127 e 128.

A Bíblia aponta com clareza qual é e deverá ser até ao fim dos tempos o propósito do casamento. O próprio Senhor declarou: “Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea,” Gn. 2. 18. O Senhor destinou cada esposa para ser a sincera e fiel companheira do esposo. O estado matrimonial é um companheirismo de amor e prestimosidade mútuos. O Senhor também quis que a raça humana fosse propagada por meio do casamento, por meio da legítima procriação de filhos no casamento, Gn. 1. 27, 28. Por isso Ele expressa e enfaticamente proibiu qualquer fornicação e adultério. O instinto procriador original se tornou perverso desde a queda do homem, tornando necessário que o casamento também tenha uma razão de prevenção, a saber, a de evitar a imoralidade, sendo que permitido e gozado no santo matrimônio o ato específico do estado do casamento, visto que ele é proibido em qualquer uma de suas manifestações fora do casamento, 1.Co. 7. 2.

Conforme esta instituição e bênção de Deus, as obrigações do marido e da mulher são descritas claramente. O esposo considerará sua esposa como um dom do Senhor, Pr. 18. 22; 19. 14; 31. 10. Ele dará a ela a honra que lhe é devida como vaso mais fraco, 1.Pe. 3. 7, recordando sempre que a mulher que com ele deve compartilhar as glórias do céu deve ser tratada, mesmo aqui na terra, com o respeito que o Senhor exige, 1.Co. 13. 4, 7. Ele a amará e com ela viverá com compreensão, lembrando-se sempre que o estado do casamento é instituição de Deus, que cada um saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, 1.Ts. 4. 4. O esposo sempre estará ciente de sua posição como cabeça da mulher, Ef. 5. 23; 1.Co. 11. 3, e isto, não de modo legalístico, como se fosse um tirano, mas de modo verdadeiramente evangélico. Há alguns excelentes exemplos na Escritura, 1.Sm. 1. 5, 8; Gn. 25. 21. Está claro que o esposo tratará com carinho sua esposa e dela cuidará, Ef. 5. 29; 1.Tm. 5. 8.

Todavia, do mesmo modo como o esposo amará assim de modo real e sincero sua esposa, Cl. 3. 19; Ef. 5. 25-33, também a esposa, por sua vez, amará e respeitará o esposo. Ele, realmente, é sua cabeça por ordem de Deus, 1.Tm. 2. 13, 14; 1.Co. 11. 7-9; Gn. 3. 16. Esta, porém, por ordem de Deus, não uma questão de superioridade, mas de liderança, e, por isso, não é para a mulher uma punição ou degradação, Ef. 5. 23. Não é uma humilhação para uma mulher ser no sentido bíblico obediente ao esposo, mas é uma honra, visto que, de acordo com a lei infalível de Deus, é uma obediência disposta e cordial que está baseada sobre uma concordância mútua, Cl. 3. 18; 1.Pe. 3. 1, 6. A esposa, caso sempre conservar diante de si os mandamentos e exemplos do Senhor, será uma verdadeira auxiliadora do esposo e uma mãe feliz dos filhos que lhe nascem, como bênção de Deus. Ela lhe fará o bem e não o mal em todos os dias de sua vida, Pr. 31. 12. Não será contenciosa nem rixosa, Pr. 19. 13; 21. 9; 25. 24; 27. 15; 30. 21, 23. Ela prezarão os louvores que a Bíblia concede a uma mulher diligente, sensível, virtuosa, graciosa e modesta, Pr. 11. 16; 12. 4; 14. 1; 19. 14; 31. 10;

1.Tm. 2. 9, 10. Ela será uma verdadeira mãe no lar, sabendo que serve ao Senhor num estado que Lhe agrada.<sup>45)</sup>

## Capítulo 8

*A Liberdade Cristã No Que Diz Respeito À Comida De Carne Oferecida A Ídolos.* 1.Co. 8. 1-13.

Conhecimento e caridade: *V. 1) No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. 2) Se alguém julga saber alguma coisa, com eleito não aprendeu ainda como convém saber. 3) Mas se alguém ama a Deus esse é conhecido por ele.* O apóstolo apresenta, neste capítulo, a resposta a uma segunda questão que lhe fora apresentada pelos cristãos de Corinto: Terá sido correto a um cristão comer carne que fora oferecida em sacrifício a um ídolo? A situação foi um tanto complicada, visto que toda vida pública e social do povo de Corinto e dos cidadãos de todas as grandes cidades daqueles dias estava permeada, e de certa maneira governada, pelo culto aos ídolos. Festas e banquetes, tanto públicos como privados, via de regra, estavam ligados ao nome de algum deus pagão. Dos templos provinha uma grande parte da carne, que estava a venda nos mercados e que, por isso, era encontrada na mesa em geral, sendo, desta forma, algo difícil evitar seu uso. Isto explica a perplexidade dos coríntios que os levou a dirigir esta pergunta ao apóstolo. Ele, antes de oferecer sua real resposta, os lembra, na forma dum parêntesis, de certos fatos básicos. Escreve-lhes, num tom de sarcasmo, que está ciente do fato que todos alegavam possuírem conhecimento. Todos eles estavam certos de que já não mais precisavam de outros informes quanto aos fundamentos do cristianismo. Paulo se encaminha para corrigir esta idéia: O conhecimento estufa, infla, mas o amor edifica. Muitos dos cristãos de Corinto, tal como o fazem muitos cristãos de hoje, presumiam estarem tão bem baseados num conhecimento intelectual, que se julgavam acima de quaisquer danos. Mas o efeito foi um montante de vaidosa auto-satisfação que os fez esquecer quaisquer considerações pelo seu próximo. Paulo, por isso, com franqueza diz aos seus leitores que uma atitude destas, conforme a qual uma pessoa acredita estar acima de toda e qualquer superstição gentia e possuir o pleno e completo conhecimento de Deus e de Sua essência, é vã e pecaminosa, quando não seguida do fruto apropriado do amor em boas obras.

O apóstolo amplifica este dito axiomático: Mas, se alguém tem a idéia de que conhece algo (é-lhe com isto dito definitivamente que) este jamais aprendeu como o deveria ter feito, e ainda não alcançou a verdadeira base do verdadeiro conhecimento. Logo que uma pessoa evidencia qualquer presunção quanto ao seu conhecimento espiritual, então este fato prova que ele ainda está longe de possuir conhecimento pleno, profundo, penetrante e exaustivo que há no cristianismo. Pois, quanto mais uma pessoa, movida em toda humildade e sob a graciosa condução de Deus, estuda as doutrinas maravilhosas que Deus concedeu às pessoas em Sua palavra da graça, tanto mais precisa aumentar esta humildade, e tanto mais ele confessará: Só em parte conhecemos, e somente uma pequena parte disso. Presunção e verdadeiro conhecimento são incompatíveis em coisas espirituais. Por outro: Mas quando alguém ama a Deus, então esta pessoa é por Ele conhecida. Quando a fé dum cristão encontrou sua correta expressão no amor para com Deus, do qual flui o amor para o próximo, 1.Jo. 5. 2, então ele também sabe que seu conhecimento do amor é o resultado de Deus o ter conhecido. Quando Deus, desta forma, conhece alguém, então este é um conhecimento efetivo, Gl. 4. 9; Rm. 8. 29, que o coloca em comunhão, na filiação, com Deus, que consiste no relacionamento mais íntimo de mente e espírito. Isto inclui naturalmente também isto, que cada pessoa que é o objeto deste conhecimento efetivo da parte de Deus, por sua vez conhecerá a Deus, dia a dia crescerá no conhecimento até o dia da consumação de todas as esperanças e de todo conhecimento. Conhecer a Deus como Aquele que nos conheceu em Cristo, isto é o conhecimento

---

<sup>45)</sup> Cf. Kretzmann, *Keuschheit und Zucht*, Cap. IV. V.

filial que não estufa, mas que, ao contrário, nos é um constante estímulo para imitarmos o grande amor de Deus que se curvou sobre a nossa miséria e infelicidade e nos trouxe salvação.

O conhecimento dos ídolos e o conhecimento de Deus: *V. 4) No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo de si mesmo nada é no mundo, e que não há senão um só Deus. 5) Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu, ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, 6) todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também por ele.* Depois da sentença parentética, o apóstolo retorna aqui ao seu assunto: Agora quanto ao alimento de sacrifícios idólatras, sabemos que um ídolo é nada neste mundo, que nenhum ídolo tem qualquer existência no mundo. A repulsa que os cristãos sentiam, e em especial os cristãos mais fracos dentre eles, em relação à carne que fora oferecida aos ídolos, facilmente é explicado, visto que eles se haviam convertido deles como dos poderes das trevas. Por isso este sentimento não só é justificável, mas muito recomendável. Este sentimento ao mesmo tempo serve para garantir aos leitores que todos os deuses estranhos que eram cantados nos cânticos religiosos em voga não eram realidades que os pudessem dominar caso comessem da carne dos sacrifícios, mas eram nulidades; não existiam, e não existia algo assim como eles. Permanece como verdade eterna: Não há se não só um Deus. Cf. Dt. 6. 4. O monoteísmo é a única e verdadeira religião, tal como revelado na Bíblia, sendo a única religião que tem o direito de existir.

O apóstolo expande este pensamento com o fim lhe dar mais clareza e ênfase: Pois, fato é, que se a gente quisesse conceder a existência dos assim chamados deuses, ainda que, desse modo, se fala dessas figuras da fantasia humana, seja que se suponha que eles estejam no céu ou na terra. Os gregos e romanos, com o produto de sua imaginação, haviam enchido tanto a terra como o firmamento com seus ídolos, que formaram uma multidão espantosa de reputadas divindades. E a própria Bíblia, no interesse de argumentar, fala, às vezes, dos ídolos como de deuses, para mostrar a sua inexistência diante do Deus verdadeiro, Dt. 10.17; Sl. 136. 2. Desta forma a palavra “deuses” se aplicaria às presumidas divindades dos gentios, e a palavra “senhores” ao seu presumido domínio. Para nós cristãos, porém, há somente um único Deus, a saber, o Pai, do qual existem todas as coisas e nós para Ele, e um Senhor, a saber, Jesus Cristo, por meio do qual todas as coisas existem e nós por meio dele. Há tão somente um Deus, e Este é distinguido pelo fato que Ele é o Pai, o Pai eterno do Filho eterno, o qual é a origem de todas as coisas e que destinou todas as coisas para Seu benefício e Sua glória. Nós, por isso, também existimos para Ele, sendo que o alvo e o objetivo de nossa vida devia ser servi-Lo como Seus verdadeiros filhos e, deste modo, santificar Seu nome, 1.Pe. 2. 9; Tg. 1. 18; Jo. 17. 9, 10. E Cristo, de cuja verdadeira divindade aqui se testifica, é o Senhor no sentido absoluto, pois tudo existe por meio Dele, e o universo é uma obra de seu poder criador. Cf. Cl. 1. 16; Ap. 4. 11; Hb. 1. 3. E por meio Dele nós existimos, Rm. 11. 36, sendo que devemos nossa condição de cristãos à obra da redenção que Cristo realizou, Ef. 2. 18; Rm. 8. 29. Não existem dois deuses nem dois senhores, mas há somente um Deus e um Senhor. Nossa vida nova é dirigida para Deus, sendo um resultado da mediação de Cristo por nós, e estes dois são um só; o Pai e o Filho, o Deus triuno, é o Mediador de nossa salvação. Notamos quão clara e enfaticamente é ensinada aqui uma parte da doutrina de Deus, de Sua pessoa e de Sua obra principal por nós. E não resta o menor pontinho em todo o universo para outras divindades.

Os fracos na fé macular sua consciência: *V. 7) Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se. 8) Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perdemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos.* Todos os cristãos de Corinto concordaram com Paulo nesta grande confissão sobre o verdadeiro Deus; neste sentido o conhecimento deles esteve sadio. Mas nem todos possuíam o conhecimento que não existia essa coisa chamada deus falso, ou ídolo, e que, por isso, a carne oferecida aos ídolos era igual a qualquer outra carne, estando incontaminada pela consagração a algo que realmente nem existia, se não só na imaginação dos gentios. Alguns deles, visto terem estado acostumados aos ídolos tal como sempre havia acontecido, visto que esta era a maneira familiar de falar dos ídolos, não se podiam livrar da idéia de que havia algo real com

relação aos ídolos. Por isso, como escreve Paulo, eles, até o presente, comiam a carne como um sacrifício a ídolos, e assim a consciência deles, visto ter sido fraca, foi maculada, Rm. 14. 23. “Estar ciente de estar participando num culto a ídolos corrompe o espírito dum cristão.” Afinal, a idéia que o ídolo era um ente real deu-lhes uma má consciência, e, por isso, seu comer, mesmo que em mesmo não errado, se tornou pecaminoso. “Pelo sangue de Cristo a consciência deles foi purificada, Hb. 9. 14, em que eles creram; mas ela foi fraca, porque a palavra ratificadora de Deus ainda não operara neles o conhecimento pelo qual um cristão sabe e está convicto no Senhor Jesus, de que nada é impuro em si mesmo, Rm. 14. 14.<sup>46)</sup>

Por isso Paulo escreve por amor aos fracos: Mas o alimento não nos recomendará ante Deus, não afetará nosso relacionamento para com Deus; o alimento que comemos não pode influenciar nossa vida espiritual. Quando, no último dia, somos apresentados a Deus para o julgamento, então Ele não nos julgará e condenará com base do alimento do qual vivemos neste mundo, tal como também não perdemos hoje, pelo mesmo motivo, nossa posição diante Dele. Pois não somos melhores quando comemos, nem quando não comemos somos piores. Isto não faz qualquer diferença ante o Senhor. As coisas externas não afetam nossa situação para com Ele. Em ambos os casos nossa observância ou não observância do comer não nos promoverá em graça espiritual, nem diminuirá as bênçãos que podemos gozar.<sup>47)</sup>

Uma advertência contra o uso irresponsável da liberdade cristã: *V. 9) Vede, porém, que esta vossa liberdade não tenha de algum modo a ser tropeço para os fracos. 10) Porque, se alguém te vir, a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? 11) E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. 12) E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. 13) E por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo.* É a seguinte a ligação entre esta página e a precedente: Paulo, escrevendo sobre a contaminação da consciência no caso dos irmãos fracos, v. &, interpreta a objeção feita por parte dos cristãos mais fortes: “Dizeis que a consciência do irmão mais fraco é corrompida pelo comer de sacrifícios feitos a ídolos. Como assim? Fomos ensinados que Deus nos julgará por causa dessas coisas insignificantes externas.” Paulo mostra que isto é verdadeiro, mas ele, agora, acrescenta uma palavra de prudência e reprova a atitude dos cristãos mais fortes com uma referência muito severa sobre as conseqüências que seu comportamento inclemente: Observa, cuida, para este teu direito não se torne um obstáculo ao fraco. Era, evidentemente, bom que tinham a liberdade de escolher no assunto em si; estiveram corretos em contender que não havia qualquer coisa pecaminosa em sua participação na carne oferecida a ídolos. Este direito, porém, cessou em ser um assunto da liberdade cristã, ou coisa indiferente, quando a participação nisso se mostrou aos irmãos mais fracos um obstáculo sobre o qual tropeçou, quando seu comer deu motivo ao irmão fraco para pecar.<sup>48)</sup>

Agora Paulo expõe em detalhes: Pois se alguém visse a ti, como pessoa que tem conhecimento, que está presumida de sua correta compreensão da liberdade cristã, reclinado à mesa num templo de ídolo, acaso sua consciência, porque ele ainda é fraco, antes de vencer seus preconceitos pessoais, será firmada ao ponto que ele irá comer dos sacrifícios a ídolos? Então os irmãos mais fortes da congregação de Corinto iam a tais extremos, que abertamente aceitavam convites a banquetes nos templos dos deuses gentios. Procedendo assim, provavelmente tiveram a idéia que este era o modo mais eficiente para persuadir os fracos de sua posição insensata. Este, porém, foi um modo questionável de edificação, e só podia dar no que deu, a saber, em prejuízo dos fracos. Estes últimos, sem terem realmente compreendido e admitido propriamente o assunto, também queriam aceitar estes convites, com a conseqüência que suas consciências iriam ser profanadas. Desta forma o comportamento dos fortes foi exatamente o oposto de caridade, sendo

<sup>46)</sup> Besser, *Bibelstunden*, 8. 410.

<sup>47)</sup> Cf. *Apol. XXVII. 26*. Lutero, 3. 536.

<sup>48)</sup> *Form. Conc. Apit. X. 3.*

presunção egoísta. Por isso, em vez de edificar e fortalecer ao irmão fraco, parece a pessoa fraca sobre o fundamento do teu conhecimento, sendo ela o irmão pelo qual Cristo morreu. O apelo à obra de Cristo está entre os motivos mais fortes que podem compelir um cristão: amor fraterno e lealdade a Cristo. O cristão forte deve recordar que seu irmão não pode ser levado a um melhor conhecimento por meio desse comportamento impensado. Pelo contrário, o verdadeiro objetivo da morte de Cristo é frustrado no caso do irmão mais fraco por meio dum comportamento impensado como este. Cristo morreu para trazer redenção a todas as pessoas. A salvação que ele trouxe está totalmente disposta ante o mundo todo, e Sua intenção é que no caso de cada pessoa se tenha consciência dela. Mas o cristão fraco aqui é tentado pelo forte para participar numa refeição que ele considera pecaminosa, e assim suja sua consciência, perde sua fé, e é colocado no caminho da perdição, sendo que tudo isto por causa da insensível tolice do cristão que faz questão de presumir-se de seu conhecimento e insistir sobre o exercício de sua liberdade cristã.

Agora o apóstolo descreve o posterior efeito dessa conduta: Quando desta maneira pecas contra os irmãos e golpeando sua consciência débil, pecas contra Cristo. Desta forma não é somente o irmão fraco que, por meio de sua capitulação, peca neste caso, mas também peca o cristão mais forte que o tentou. E sua condenação é a maior; pois não somente feriu a consciência do mais fraco com um golpe que o tonteou em sua vida espiritual, a abala e confunde, fazendo com que seja sem sentido, mas ele peca diretamente contra Cristo. Cf. Mt. 18. 6ss; 25. 40, 45. É aqui que o ato alcança seu auge e mostra o peso de sua culpa, visto que por causa dele não pode ser percebido o propósito da morte do Salvador. Toda ofensa por meio da qual pecamos contra os irmãos é intentada contra Cristo, e ferir a consciência fraca dum irmão é tanto mais condenável, visto que é praticada com o pretexto de operar em seu benefício, ainda que o ofensor, enquanto isso, ostenta vaidosamente seu próprio egoísmo.

Tanto mais, como contraste, se destaca a autonegação de Paulo: Por isso, verdadeiramente, se a comida ofende meu irmão, com certeza não comerei jamais carne, para que meu irmão não seja ofendido. Notamos que ele, com especial ênfase, diz “meu irmão”. Por amor ao amor fraterno e no interesse dos irmãos mais fracos, o apóstolo está disposto a desistir de mais partes de sua liberdade; abandonará, até, outros alimentos sobre os quais alguém outro possa ainda estar em dúvida, e não só o alimento ofertado em sacrifícios. Por isso o princípio que precisa regular o uso de coisas indiferentes é sempre e em todas as circunstâncias o amor.

**Resumo:** Paulo, quando discute a pergunta sobre a participação em alimentos que foram sacrificados a ídolos, mostra que a consideração pelo bem-estar espiritual do irmão mais fraco precisa ser o motivo que regula o comportamento dos cristãos mais fortes em coisas indiferentes.